

GAUDIUM SCIENDI



**Número 14
JUNHO 2018**

ISSN 2182-7605

Capa
A Porta
Ana Mandillo
2012

SUMÁRIO



EDITORIAL

UM EDITORIAL FAMOSO DE THOMAS PAINE	3
Maria Laura Bettencourt Pires	

ARTIGOS

MIGRATIONS MUSEUMS - A JOURNEY THROUGH THE ITINERARY OF NATIONAL HISTORY	13
Maria Beatriz Rocha Trindade	
Nota biográfica	14
<i>Abstract/ Resumo</i>	49
SENHORA DO CABO: SANTUÁRIO, CULTO E TURISMO ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO	51
Maria Isabel Roque e Maria João Forte	
Notas biográficas	52
<i>Abstract/ Resumo</i>	82
PROFESSOR LAYTON AND MENTAL GYMNASTICS	85
João J. C. Sottomayor Spínola Fernandes	
Nota biográfica	86
<i>Abstract/ Resumo</i>	124
NOTES ON AN INTERNATIONAL CONTEXT OF KORCZAK'S PEDAGOGICAL LEGACY	125
Anna Odrowaz-Coates	
Nota biográfica	126
<i>Abstract/ Resumo</i>	139

'SHERWOOD IN THE TWILIGHT': RE-WORKING ROBIN HOOD ON THE EVE OF THE GREAT WAR	141
Miguel Alarcão	
Nota biográfica	142
<i>Abstract/</i> Resumo	151
A REMEDIAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE GRACE MARKS NO ROMANCE <i>ALIAS GRACE</i>, DE MARGARET ATWOOD	153
Teresa Pereira	
Nota biográfica	154
<i>Abstract/</i> Resumo	169
WALTER SCOTT – SEMPRE PRESENTE OU DESCONHECIDO E ESQUECIDO?.....	171
Maria Laura Bettencourt Pires	
Nota biográfica	172
<i>Abstract/</i> Resumo	187

INFORMAÇÕES SOBRE *GAUDIUM SCIENDI*

➤ Informações	191
➤ Normas para submissão de artigos	193
➤ Conselho Editorial	195
➤ Conselho Consultivo	197
➤ Conselho de Avaliação	199

ABOUT US

➤ About us	203
➤ Rules for publication	205
➤ Editorial Board	207
➤ Advisory Board	209
➤ Blind Peer Review	211

Nota: O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* respeita a decisão pessoal dos autores de não escreverem segundo o projecto do chamado Novo Acordo Ortográfico.



UM EDITORIAL FAMOSO DE THOMAS PAINE



Thomas Paine por Matthew Pratt, 1785

"These are the times that try men's souls"¹
Thomas Paine

Os Editoriais, em princípio, são textos que os Editores escrevem para esclarecer o modo como as revistas, ou jornais, interpretam determinadas questões e reagem perante um tema controverso e lhe procuram dar uma solução.

¹ O editorial do panfleto *Crisis*, que Thomas Paine publicou em 1776, começava com estas palavras, que quase todos os Americanos sabem de cor.

Consequentemente, ao reflectir sobre o que iria escrever no Editorial deste 14º número da *Gaudium Sciendi* - e considerando que, como acima mencionado, o objectivo dos artigos iniciais é influenciar a opinião de quem os lê, promover ponderações críticas e, por vezes, se forem bem sucedidos, levar os leitores a actuar em relação a determinadas questões - ocorreu-me o exemplo de um editorial inesquecível, escrito por Thomas Paine (1737-1809), que chamou a atenção e fez surgir na América um clamor que ficou na memória de todos até hoje.

Sendo o autor de panfletos muito influentes, que assinava com o pseudónimo de "the Author of *Common Sense*" e publicou no início da Revolução Americana, Paine, com a sua retórica sobre os Direitos do Homem, em 23 de Dezembro de 1776, inspirou os Patriots² a declararem a independência de Inglaterra. Para avaliarmos a relevância do Editorial basta lembrarmos que o General George Washington (1732-99), futuro 1º Presidente dos Estados Unidos, consciente de que o texto era inspirador e edificante, no triste inverno de 1777, em Valley Forge, quando tudo parecia perdido para exército americano, ordenou que o texto fosse lido por todos os soldados, e que John Adams (1735–1826), o 2º Presidente dos Estados Unidos (1797–1801), considerava que o panfleto tinha sido tão influente que, sem o referido editorial de Paine, a espada de Washington teria sido erguida em vão.

De um ponto de vista pedagógico, consciente da importância histórica, da eloquência do estilo e da riqueza de alusões do texto, incluí sempre a série de panfletos intitulada *The Crisis* (1776–1783) de Thomas Paine na bibliografia dos meus cursos de Cultura Americana, tanto a nível de licenciatura como de Mestrado e Doutoramento, por achar que esta excelente obra era fundamental para dar

² *Patriots* (também conhecidos como *Revolutionaries*, *Continentalists*, *Rebels*, ou *American Whigs*) eram os colonos que rejeitavam o governo britânico durante a revolução americana e que, em 1776, declararam os Estados Unidos da América uma nação independente. Thomas Paine, com os seus editoriais, contribuiu para esta histórica decisão.

formação aos estudantes, sendo também um livro que todos aqueles que aspirassem vir a ser escritores, ou cidadãos cultos, deveriam ler³.

É inegável que Thomas Paine se distinguiu por ter o dom de criar frases inesquecíveis e que nem todos os editores o têm mas os seus textos servem inegavelmente de modelo e de fonte de inspiração para aqueles que, como eu, embora modestamente e sem arrogância, almejam captar a atenção dos leitores sobretudo no nosso mundo digital, no qual as publicações electrónicas, como a *Gaudium Sciendi*, devido ao acesso aberto, pretendem defender o conhecimento como um bem público, proporcionando assim a alegria (*gaudium*) do saber (*scientia*), como está implícito no título da nossa revista.

Neste Editorial, procurando - embora despretensiosamente e consciente da minha modéstia, como disse - seguir o modelo de Paine, gostaria de despertar o interesse de todos os leitores, mas sobretudo dos membros da Sociedade Científica, pela colaboração que podem dar à revista *Gaudium Sciendi* - que é publicada pela "SCUCP" com o objectivo de divulgar os valores que integram a missão e a razão de ser da Universidade Católica - escrevendo nas suas diferentes secções, tais como as de Artigos, Recensões críticas, Poesia, Crónicas e, se quiserem dar sugestões, Cartas à Directora.

Tendo indicado um dos meus objectivos neste Editorial, irei seguidamente focar o conteúdo deste 14º número, começando, tal como é habitual, por agradecer aos nossos colaboradores e depois por fazer algumas referências aos artigos publicados, estando certa de que a qualidade literária e científica dos textos irá decerto contribuir para aliciar novos autores e leitores.

Tivemos a honra e o prazer de dar início a este volume com um magnífico ensaio de Maria Beatriz Rocha Trindade intitulado *Migrations Museums-A Journey Through the Itinerary of National History*. A prestigiada socióloga refere no seu artigo que analisar as migrações numa perspectiva de musealização implica considerar aspectos que são próprios de cada um dos temas e a forma como se entrelaçam.

³ Para aliciar os estudantes mais jovens dizia-lhes que ler *The Crisis* era como compulsar o *blog* de um soldado da Guerra da Revolução Americana.

Maria Isabel Roque e Maria João Forte são as autoras do segundo artigo, que se intitula *Senhora do Cabo: Santuário, Culto e Turismo entre a Tradição e a Transformação*, e nele podemos verificar todo o saber destas especialistas em Museologia e em Ciências Sociais aplicadas ao turismo cultural sobre o Círio de Nossa Senhora do Cabo, uma peregrinação anual, que se realiza desde o século XV, entre a região saloia e o santuário do Cabo Espichel. Neste texto, analisa-se de forma brilhante o modo como esta prática religiosa tem evoluído entre a devoção e o lazer.

Com o artigo *Professor Layton and Mental Gymnastics*, João Sotto Mayor Spínola Fernandes inicia na *Gaudium Sciendi* o tratamento de um tema muito actual relacionado com a forma como a resolução de *puzzles* pode beneficiar as nossas capacidades intelectuais. O autor analisa, com grande pormenor e incluindo imagens, a famosa série de *puzzles* do Professor Layton que apareceram em videojogos. Estamos certos que muitos dos nossos leitores irão apreciar este inovador artigo.

Da Universidade de Varsóvia, a erudita investigadora Anna Odrowaz-Coates deu-nos o gosto de nos enviar o artigo intitulado *Notes on an International Context of Korczak's Pedagogical Legacy* no qual nos fala da herança pedagógica de Janusz Korczak e da sua contribuição para o desenvolvimento dos direitos das crianças, demonstrando que os seus conceitos estarão sempre actualizados.

'*Sherwood In the Twilight*': *Re-Working Robin Hood on The Eve of The Great War* é o título do artigo de Miguel Alarcão, que mais uma vez colabora na nossa revista. Com a erudição e o brilho habituais, o autor analisa "Sherwood", o poema originalmente publicado em 1904 e reeditado em 1914 por Alfred Noyes (1880-1958), um escritor praticamente esquecido, embora bastante prolífico na sua época.

A Remediação da Memória Cultural de Grace Marks no Romance Aliás Grace, de Margaret Atwood é o penúltimo artigo que foi escrito pela jovem investigadora Teresa Pereira que nele pretende comprovar que Margaret Atwood, no seu romance *Aliás Grace*, "remedeia" a memória cultural de Grace Marks, produzindo, preservando e renovando um lugar da memória.

A série de artigos encerra com um ensaio intitulado *Walter Scott – Sempre Presente ou Desconhecido e Esquecido?* da autoria de Maria Laura Bettencourt Pires que debate a questão da longevidade de Walter Scott no século XXI. Referindo-se à biografia e à recepção da obra, e focando sobretudo o poema *The Lady of the Lake*, a autora procura responder às interrogações do título consciente de que as obras permanecem mesmo quando os seus autores há muito desapareceram.

O volume termina com Informações pormenorizadas sobre os Conselhos Editorial, Consultivo e de Avaliação da revista assim como sobre as Normas de Submissão de artigos, cuja leitura terá muito interesse para os nossos futuros colaboradores. Devido ao facto de termos cada vez mais leitores e articulistas internacionais incluímos estas informações também em Inglês.

Concluimos este Editorial, tal como o iniciámos, convocando, de novo, os membros da Sociedade Científica a colaborarem na *Gaudium Sciendi* e voltando a citar Thomas Paine, que, em *The Crisis*, escreveu algo que bem se adapta aos nossos dias:

"Tyranny, like hell, is not easily conquered; yet we have this consolation with us, that the harder the conflict, the more glorious the triumph. What we obtain too cheap, we esteem too lightly: 'tis dearness only that gives every thing its value."

Maria Laura Bettencourt Pires
Directora da Gaudium Sciendi



ARTIGOS

***MIGRATIONS MUSEUMS
A JOURNEY THROUGH THE ITINERARY OF
NATIONAL HISTORY***



@ Manuel Meira

***MARIA BEATRIZ ROCHA-TRINDADE
UNIVERSIDADE ABERTA
CENTRO DE ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES
E DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS***

1. Museums and Museology

Museology is not a new science: when the pleasure and the practice of collecting objects, due to its exotic, rare, beautiful or inherently valuable nature gave way to the institutionalization of public spaces designed to have them be enjoyed at will, museums were born as organized systems. Museology studies the methods and the appropriate techniques to collect, sort, preserve and display those items.

All the progress achieved in the scientific world, advances operated by new technologies and the evolution of values and behaviours of human societies have given way to new concepts applicable to this kind of spaces. New models for such institutions have been theorised, tested and perfected by means of a greater rigor and systematization of the records. Different forms of gathering information and classification were developed – steps that although independent require an

¹ **BIO-NOTE** - Maria Beatriz Rocha-Trindade, is a Sociologist and a Full Professor at Universidade Aberta (the Portuguese Open University). Her research career began with a Ph D at Université René Descartes – Sorbonne, Paris (1970) with a thesis on Portuguese emigration to France. Since then she published more than two hundred scientific works, in different languages, in Portugal and in various countries in the world; among them, she is the author of several books, including a well-known Portuguese textbook, *Sociologia das Migrações*. International as well as internal migrations and cultural relations have always been her dominant fields of interest. She was the founder of the Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, in Lisbon (a R&D Unit of the Portuguese Foundation for Science and Technology) where she works as a senior researcher. She belongs to several international scientific associations and networks and is a member of editorial boards or referee for journals and revues dedicated to the study of migration issues. In recognition for her teaching and research work, she has been awarded by the French Government with Ordre Nationale du Mérite and the Portuguese Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública.

articulation between them – and conservation and restoration techniques were invented, developed, adapted or improved. Finally, museums began searching for new publics, taking advantage of the evolution of habits and tastes, extending and diversifying interests through more effective liaison processes between the museum and its visitors.

From the academic institution, only dedicated to a small fringe of cultivated people, to experts, aesthetes or simply to the curious, the museum of today seeks to reach new audiences in an attempt to expand the number of its regular visitors and diversify targeted sources and age groups.

Instead of the cold and gloomy rooms of the past, the stiff and closed showcases featuring a multitude of untouchable distant pieces, institutions are now drawn to more contemporary and participative exhibition layouts where the objects presented are much closer to the visitor.

We have entered the domain of staging and spectacle, of seduction and interactive communication. The muteness of the objects has given way to an ambient sound, to background music, to the rotation of the work piece, to the variation of light; the electronic guide that talks to us as we approach an object; the various processes of creating interactive dialogues between image and sound, between the curator and the visitor.

Techniques to guide the visitors introduced alternative routes within each museum or even thematic pathways that allow those who have less time to direct their visit to what really matters to them. Another example concerns the adaptation of means to receive an audience with specific characteristics such as the hearing or the visual impaired.

As a result of developments in major museums or simply as a parallel trend, we have been witnessing a newfound interest for preserving all that is at risk of being lost forever, in terms of both material and cultural heritage. In this context, ancient abandoned mansions are being recovered and what had previously been ignored, despised or thought of as junk is now being dug up, classified and archived (Rocha-Trindade 1993, p. 17).

The individual pieces no longer constitute the core of the displays; they are intertwined with their social context, giving them a wider dimension. Themes,

situations and problems are evoked linking past and present, connecting locations, different ways of thinking, of producing, of feeling and living. In this perspective, as international mobility is "a phenomenon which inherently crosses spaces and reproduces itself through time, it is important to 'musealize' migrations" (Rocha-Trindade 2014, p. 289). Due to their importance, migrations have gathered private and public interest, especially within the countries that know and deal with it closely.

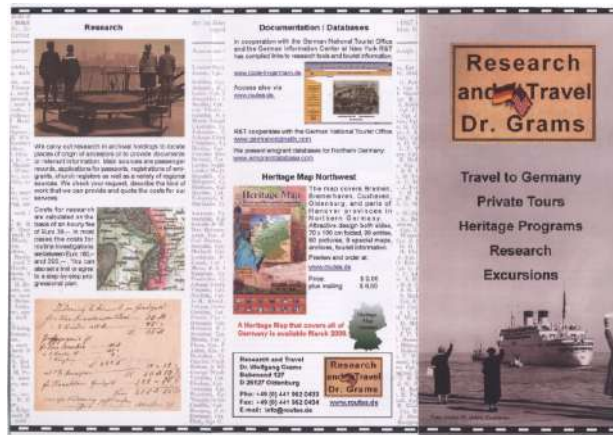
2. Social and Cultural Ancestry

For migratory flows that have reached a certain degree of stability and continuity, the search for ancestral roots is quite a common issue. While the first generation of immigrants have the characteristic cultural traits of their country of origin in mind, the immediate descendants, possibly born abroad and acculturated in the country where their parents settled, ignore the cultural roots of the ascendants: because they refuse the immigrant status (so often negative in the receiving country) and because of the pressure of the surrounding society.

Social studies on various migratory contexts, where the sociological and anthropological perspectives stand out, reveal that it is natural and frequent - to see in the following generations a revival of curiosity toward the original culture of their ascendants, accompanied by a desire of belonging. In other words, it is as if a period of two or three generations was enough to erase the memories of the difficulties endured by immigrants in the moment of arrival (finding residence and work), the discrimination, abuse and the citizenship deficits – a whole set of unpleasant situations to which they were exposed. Instead, these younger generations have an imagined picture, an even mythicized, almost romantic and idealized notion of the origins of their families.

It is thus justified, that so many Brazilians enthusiastically claim their Portuguese, Italian or German ancestry: the success of "genealogic consultants", who, especially in the Americas, seek to find family names and lands of origin; and

the growing interest in the so-called "heritage tours"², to visit the regions and places where their ancestors supposedly came from.



© MBR-T



© MBR-T

² The Heritage Tours are initiatives of a touristic nature that exist in countries where descendants of immigrants who are living there for a long time, have an interest in knowing the land where their ancestors came from. They are an attempt to return to the past, through tours, leading to the discovery of a country, a region or a place mentioned by the family and whose memory lasted by affective relationship. In addition, these tours can be organized around a specific theme, which take visitors to places related to it. There are, for example, the visits of descendants of Jewish families to the country of Aristides Sousa Mendes, Portugal and to his town of Cabanas de Viriato. This here, the Consul in Bordeaux took the initiative of allowing many Jews to leave the country towards the United States of America granting thousands of people the necessary visa. The Queen Mary II, crossed the Atlantic in August 2012, taking passengers from Hamburg to New York, via Southampton, on a trip that sought to reconstitute the route used by those who departed from Germany to the United States. The initiative referred to as Genealogy and Heritage Tour - The Best of Southwest, a set of boat rides in sailboats used by emigrants, began In the summer of 2012. This programming takes place in Stavanger in Norway.

Quite often, this search for more or less ancient roots also gives rise to committed initiatives and active interventions, such as the establishment of clubs and associations, learning the language and culture, the practice of traditional (or ethnic) cuisine³ and even the organization and commemoration of traditional celebrations and festivities.

In an updated outlook, the conscious assumption of a hybrid affiliation – a web of elements that combine and recombine various cultural traits, referring both to local society and culture of origin– allowed the recognition of "new" cultures, which are an enriching factor on both an individual as collective level. To the extent that diversity becomes accepted and differences are relativized and conditions to strengthen the self-esteem of minority populations are created.

At a time where diverse globalizations are established – among which human mobility stands out, the rupture of cultural isolation, of ethnic or religious fundamentalism and ethnocentrism can only be translated into something essentially positive – a philosophy of inclusive highly constructive nature but whose implementation is not always easy.

3. Migrations Museums - Recording Memory for the Future

The designation proposed for this point is nothing more than an attempt of extrapolation of comprehensive experiences already implemented in several countries of the world, in issuing countries in addition to receiving countries. The examples presented compose an illustrative selection of varied typologies⁴, without the intention of putting forth an exhaustive survey (Rocha-Trindade 2014, pp. 293-303). In this sense it is useful to consider that, every migratory current has its own characteristics given by the time frame in which they took place and where they took place, therefore, there is a specific group of elements relevant for each one of them. Nonetheless, the strategies taken to adapt these elements into a

³ Ethnic restaurants are widely known and have an increasing and diverse clientele.

⁴ Among the two hundred and twenty-one thousand references found in Google, which are linked to the words: "Migration Museum", numerous museums, grouped by characteristics in different typologies, can be found.

museological concept are generalizable; mostly due to the generic character they assume within a universal social route.

In reality and in diagrammatic terms, the migratory movement process starts with the moment and the way the decision to leave is made; it continues with the materialization of that decision; with the way found to overcome distances between the place of departure and of arrival; the settlement and establishment in the country of arrival and closes its cycle with the projects and ways of returning to the land of origin (Rocha-Trindade 1995, pp. 37-9). This succession of events can be adjusted to emigration as well as immigration concerning one or several countries.

In this perspective, the museums dedicated to international migrations, may appear very different in their design and content in different parts of the world. However, they all resemble each other regarding the purpose for which they were founded, their internal organization in addition to the typology of materials put at the disposal of visitors.

In addition to the general conception of the project to create any museum, many aspects have to be considered: specific spaces intended for the storage or display of existing items and those that are intended for permanent or temporary presentations; a documentation centre where information can be deposited and accessed. This centre enables the development of associated research and the basic elements required for the implementation of cultural initiatives.

All categories of systematically gathered documents – written (as chronicles, letters, diaries), pictures (photographs, videos), sound recordings (interviews, tales, songs), personal objects and even the reconstruction of environments related to the migratory process – become increasingly important. If classified and archived in a relevant manner they leave clues to be found, not only for those searching for relevant references but also for those who wish to pursue based scientific research.

Shipping manifests and ship's passenger lists; permits or granted passports records, which allowed admission or departure to another country; residence or work permits assigned; foreign labour collective contracts; in short, all demographic censuses; lists or simple counts referring to migrant populations are precious elements in a migrations museum.

From an affective point of view, it is of course gratifying to find the common thread that may lead to the identification of an individual past and a better knowledge of the spaces and contexts in which this past was experienced. Nevertheless, it is no easy task, especially when the generational backtrack increases and when a spatial divergence that can reach other continents occurs. However, personal documents are seldom kept for more than one or two generations. Moreover, the facts and story telling, mainly done by elders, progressively lose accuracy as something always gradually vanishes in the process of oral transmission. The reality of that past can be twisted for as every different person tells a story, one or more elements will be subtracted, added or changed...

4. The "Museumization" of Migration in Portugal

As a result of intense political changes that have occurred in Portugal after the April Revolution (1974), there is a combination of the two strands of international mobility: emigration and immigration. For this reason, it is important to illustrate the presence of Portuguese and their descendants all over the world, as well as the vast groups of foreign communities that now live or will live in the country. These communities may decide to stay definitively, originating successive generations of descendants.

Portuguese Population – 2016		
Living in Portugal	10.325.500	
Foreign residents in Portugal	397.731	
Emigrants:	> 2.200.000	(Estimate)

Source: INE, SEF/MAI, PORDATA

To do justice to the relevance of this phenomenon, it is necessary to acknowledge the projects, organization and installation of the migration museums that have been created.



Portuguese Migration - Museological Initiatives

As a matter of fact, in spite of the existence of various initiatives of exhibitions that have dealt with this subject, a qualitative leap to convert the circumstantial into structural is essential, because many initiatives are, despite their great quality, ephemeral and should have a more permanent character. Accordingly, to understand the extent of the migratory phenomenon and its manifestations, it is important to locate and to be able to access a vast amount of documents, which became scattered over the decades in distinct governmental entities, police and administrative departments and many other private archives. Thus, it is imperative to digitalize and classify the gathered information, so as to give continuity to the archive in development, and lastly, make it accessible to current and future generations.

A database of this sort, properly classified and indexed, could be designated as the migration archive and could integrate a virtual migrations museum. Landscapes from countries of origin and destination could also be included, in addition to social experiences and cultural manifestations in one and other countries, products of artistic and intellectual creation, oral recordings of memories and expression of expectations developed under specific time and space frames.

Professional or amateur film collections could also be a part of this archive, exhibition or festival records, radio and television reports, musical works recordings or oral narratives, in short, anything related to the topic of migrations as leitmotiv.

As a complement of an archive and a virtual museum, a library dedicated to the theme would constitute a documental stock composed of books and publications, in paper or optical record, generally following the universal theme of human mobility and the aspects specifically linked to Portugal.

Simple common sense tells us how long the process of creating a specialized library is particularly when its central theme manifests the diversity and dynamic that this one inherently covers. In this sense, the priority of its construction would be focused, above all, in an extensive archive, backed by an effective and comprehensive classification structure and user-friendly navigation system. There is no need to insist on the necessity to, on a national level, officially recognize the value of a cultural institution of this kind, for the memory it preserves and for the didactic value it represents, not only now but also as a legacy for future generations.

5. Museological "Speech" – Permanent Exhibitions and Temporary Exhibitions

Despite the permanent existence of a demographic mobility in Portugal, the value it holds in social history hasn't always been recognized. When it assumes the configuration of an "imposed" displacement by lack of existing opportunities—whether it is called political or economic migration – regarding both exits and arrivals, its existence is generally silenced. However, several measures have been taken and the text that follows includes the existing institutions following their foundation's timeline.

5.1. Memory Space of Exiles (Espaço Memória dos Exílios) – Cascais (Portugal), 1999

<https://www.cascais.pt/equipamento/espaco-memoria-dos-exilios>

Because of the nature and the motivations of the protagonists involved, consisting of generically by families of overthrown Royal houses from all over Europe who sought Portugal as a host country, the Exile Museum meets the same methodological principles of migration museums. Regardless of their very prosperous economic situation and although their material conditions of existence are not in any way comparable, the exiled families went through a process of

transition, away from their roots, psychologically, not very dissimilar from the generic migrant's experience.

The Museum was born from the exhibition "Cascais-Estoril, a Place of Exile", an initiative that commemorated the 50th anniversary of the end of World War II, referring to high personalities (not only Royal families, but also writers such as Hemingway and personalities from the financial world such as Calouste Gulbenkian), who took refuge in Portugal during that conflict and making it permanent. Its historical nature enables a recreation of the atmosphere lived locally, mostly through the period pictures presented.

5.2. Museum of Migrations and Communities (Museu das Migrações e das Comunidades), Fafe (Portugal), 2001⁵

<http://museudasmigracoes.blogspot.pt/>



© Manuel Meira

Fafe's Museum – "Museum of Migrations and Communities"⁶, is installed in the House of Culture of Fafe, built by the "Brazilian"⁷ Fernando Castro Abreu e Magalhães, in 1868. It integrates a repository of information, whose characteristics provide face-to-face or distant access to the rich collection it holds. I think that

⁵ A set of several articles by this author or written in collaboration with the historian Miguel Monteiro, referred to in the bibliography of this text, provide extensive information about the current Museum of migrations and communities.

⁶ The Migrations and Communities Museum founded by the initiative of Fafe's City Hall, recalling the strong migration tradition of the municipality, the Brazilian destination had a particular expression in the 19th century, leaving several architectural vestiges of very high quality both in the city and in the region.

⁷ "Brazilian" was the designation given to the Portuguese who were returning to their country of origin, after achieving visible economic success in Brazil.

even today few acknowledge the value that this institution represents for the preservation and transmission of memory that is part of Portuguese history. The interaction developed with national and international institutions will undoubtedly continue and multiply the results that have been achieved. It results of an initiative taken forth by the City Hall, and it maintains a close relationship with the House of Culture of Porto Seguro (Brazil) and with several Portuguese associations in France.

Recalling the strong emigration tradition of this council, first to Brazil, mainly in the 19th century, leaving the city with several great quality architectural vestiges, the Museum aims to value a heritage with its own characteristics all originated by Portuguese emigrants rooted in or returning from Brazil, who there developed a remarkable economic activity.⁸ This heritage consists of small palaces (with magnificent skylights), industrial and other buildings, gardens and the city's Promenade (the Calvário Garden) whose construction is due to the Comendador Albino de Oliveira Guimarães (1892).



© Manuel Meira

Being a Web Museum, a project understood as an information platform for the promotion of research and dissemination activities, it is organized in the following ways: thematic rooms, archive, house museum, museological nucleus and historical sites.

⁸ The theme has received the interest of many researchers and great photographers that result in valuable publications (see collection of images held by Júlio de Matos, and 2008 by Paula Torres Peixoto, 2013). The architecture of this time was not fully appreciated, having for many years been object of severe criticism, a situation that is completely outdated. Today, it integrates national patrimony, and the owners and the architects responsible for the respective construction plans are widely known.

The *Memory Room* gives particular visibility to material and symbolic expressions of emigration on places of destination and return, to architecture, to the circulation of ideas, the development of cultural, social and economic initiatives and to philanthropy. Also considered are the influences in behaviour on a more private level.

The *Diaspora Room* integrates a database organized by geographical areas.

The *Communities Room* is dedicated to associations of immigrants in South America, especially Brazil, in North America, in Europe, Africa and Asia.

The *Ascendance Room* provides access to ancestry genealogies from the Population and Society Studies of the University of Minho/NEPS, elaborated through the parish reconstitution method by Norberta Amorim, complemented by many other aspects of their "life stories".

The *Lusophony Room* projects the life and work of figures related to the construction of the Portuguese speaking world, highlighting significant cultural expressions, which are situated at the time of the appropriation of colonial territories and the time when an important city - Rio de Janeiro (Brazil) - was the capital of the Kingdom.

The *Knowledge Room* disseminates scientific works in the various fields of mobility: knowledge of colonization and emigration.

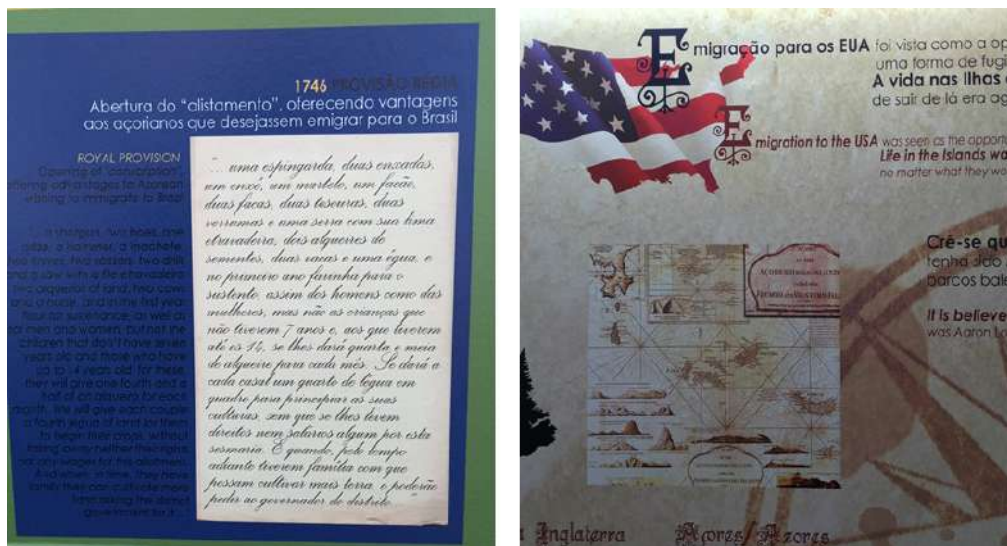
An important part of the set of components that make up the collection of this Museum enables the tracing of a cultural itinerary, which allows visitors to collect individualized information with a complementary value of great quality.



Although the topic is considered in all its comprehensiveness the records that integrate it focus predominantly on the emigration to Brazil and the transnational relationship established by this route. Public activities related to the commemoration of this important phase of local history are integrated in the cultural panorama developed by the municipality every year.

The innovative value that it holds and all the initial development that characterized it have not had, unfortunately, the expected continuity. The public announcement of new projects of renewal and update allows, however, recovering the expectations developed when of its foundation.

5.3. Azorean Emigration Museum (Museu da Emigração Açoriana), São Miguel, Azores (Portugal), 2005



<http://www.ribeiragrande.pt/geo/museu-da-emigracao-a-oriana/>

© Manuel Meira



Another museum dedicated to the migratory phenomenon is located in the Atlantic area - the island of São Miguel, in the Azores Autonomous Region – and it keeps memories of the population that left. During the 1990s, some emigrants asked the Ribeira Grande City Hall to start something in order to evoke the history of the Azorean communities and their emigration.

The implementation of the project was achieved through the Museu da Emigração Açoriana (Museum of Emigration of the Azores), inaugurated on September 9th, 2005, which is located in the former premises of the Barracão do Peixe (The Fish Shack), where the opening exhibition "Os Cabral de Mello, New Bedford, 1890-1930" organized by José de Mello was presented. This approach is a great example of the importance that the United States of America have since always had within the local mobility.

However, many other destinations are remembered through evocative displays of the Azorean presence in many other countries.

Through the presentation of objects, charts and photographs, complemented by narratives, the visitor will have a general idea of the most important points of an emigration that has for a very long time been a decisive factor in the life of the archipelago. It is contained in an ample space, of rectangular size, restricted to a single room. This is more taking advantage of an available space, than a presentation inserted in a project previously designed for a purpose. Not wanting this assessment to be taken as a negative review, it should be noted that the materials collected are exposed according to the today obsolete collectionism featuring techniques. It would be important to update the presentation following the current techniques of museology, in which the "interactivity" has become an imperative.

5.4. Memory, Space and Frontier Museum (Museu Espaço Memória e Fronteira), Melgaço (Portugal), 2007



<http://www.cm-melgaco.pt/visitar/o-que-fazer/rede-melgaco-museus/espaco-memoria-e-fronteira/>

Seeking to preserve the memory of the county, closely related to smuggling and emigration, this border area takes the visitor through the stories reminiscent of the past of this region. It possesses a room dedicated to the smuggling activity and a ramp, along which the various moments related to all stages of migration are presented alongside the causes that motivated the departures; the preparation of the trip and the trip itself; the arrival and the experience in the country of destination, without forgetting the reflections produced by the movement in the country of origin.



© Manuel Meira

This is a nationwide subject illustrated by the local experience lived through the cross border relationship between Portugal and Spain. The participation of the University of Minho through research carried out by deep connoisseurs of this reality greatly contributed to the quality of the exhibition, the objects exhibited and the associated information (text and image).⁹

The building is located in the surroundings of the river Porto on which a jetty was built to connect it to the center of the village of Melgaço. The investment in restoration, expansion and adaptation of the old slaughterhouse was partly sponsored by the EU Interreg programme. The structure also hosts a service for emigrants and immigrants, to promote the return of the first and give all the information and guidance needed by the latter.

5.5. Museum of the Discoveries "Discovering of the New World," Belmonte (Portugal), 2009

<https://cm-belmonte.pt/diretorio/museu-dos-descobrimentos/>

⁹ Among the teachers of the Universidade do Minho, stands out the name of the researcher Professor Albertino Gonçalves. The knowledge and experience that this prestigious sociologist holds on the migratory phenomenon in general, and on the French destination in particular, left high quality trademarks in all that institution.

Although all would make us assume that the Museum of the Discoveries, located in Belmonte (Beira Interior region), had as its main concern the exhaustive treatment of the subject after which it is named, it is not so. Although the evocation of the Discoveries exists, as a way of introduction, Brazil is the main reference in the entire exhibition space.

The municipal program that integrates this institution gives continuity to the historical valuation of its assets, through the figure of Pedro Álvares Cabral. This illustrious townie, whose discovery of a new transatlantic space, which would rise to the great country in which Brazil is transformed, made him a worldwide celebrity.

Mobility is the underlying concept present throughout the whole itinerary offered to the visitors and Portuguese immigrants in that country are also evoked. The technological automation that animates the entire installation allows a permanent interaction with the visitors and giving it a state of the art, innovative quality.

5.6. Museum of the Family Teixeira, Fajã da Murta, Faial,
Santana, Madeira (Portugal), 2012

<https://pt-pt.facebook.com/museufamiliateixeira/>

Situated in Santana (interior North of Madeira Island) in Fajã da Murta, the family Teixeira Museum is a unique piece, born from the intent of a single person, responsible for its all conception, and that was able to achieve it.

Anaclet Teixeira, the son of an immigrant from Madeira (let us call it the "first wave", from around the 1950's) leaves for Venezuela, considered today as a priority target in the region, having obtained there a recognized economic success. To hear him describe his "life story", allows a better understanding of the strategy that got him to the top level where he now stands. The cult/worship of himself and all his family of origin, whose permanent and extended cohabitation he encouraged, is materialized in a complex of individualized buildings set in the highest quality landscaped grounds, which evoke each of the elements that constitutes the family.

The multiple pictures lining the walls of every room illustrate situations experienced and allow us to reconstitute the relationship type and standard of living of each character. A relationship with the divine stands out here and there, revealing the existence of a religious conviction, which materializes in a chapel and several representations - Our Lady of Fátima, is one example. The bell ring marks the regularity of a time in which religious songs are broadcasted.

You won't be able to say that the family Teixeira Museum is a museum on migrations; you might, however, say that it is a museal space built by a migrant,



© MBR-T

revealing many facts that are closely linked to his personal life.

The abundance of data that it contains allows the understanding of a life path full of struggle and successes; It cannot be extrapolated to all the diverse reality of Madeira emigrants in Venezuela, but it provides qualitative information that best enlightens the larger reality of which he belonged.

5.7. Cais – Language and Migration Museum (Museu da Língua e das Migrações), Matosinhos/ Porto (Portugal) –

Work in Progress

The Language and Migration Museum, which project phase ended and is to be built in Portugal by the Câmara Municipal de Matosinhos - Pelouro da Cultura (Matosinhos Town Hall- Department of Culture), is fully justified by the thematic association, which constitutes its main originality. A multidisciplinary approach will allow to put in perspective under the light of contemporary understanding, the memory of Portuguese migrations; the language will be approached in close connection with migratory flows, in their evolution, expansion and internationalization.

The dimension of the "lusophone" space that spans throughout all continents opened way for Portuguese to become the fourth most spoken language in the world; on the other hand, the volume of Portuguese living abroad is equivalent to about half of those who reside in the country.

Aiming to translate both strands of the migratory phenomenon, aspects that have always characterized the national context within human mobility, an extension of the subject matter will arouse very diverse interests. In each of the phases of the migration understood as a dual reality it is relevant to focus both on each country of origin as well as on the corresponding country (or countries) of destination.

The starting idea is a PIER (the meaning of CAIS), a metaphor translating the idea of the Portuguese identity - a people marked by the permanent outflow of population, scattered all over the world, where it has been anchoring and continuing to reside (174 countries).

The classical conception of an inert museum condemned to contemplation on the part of the visitor is now overcome and new projects are being undertaken. Using the potential of the latest information technologies and animation - education and cultural dissemination - to create new forms of interaction between what is presented and the visitor, museums enable the development of a dialogue on a process that reduces human monitoring and encourages interactivity.

5.8. Portuguese Migration Museum, Sabugal (Portugal) - Work in progress

Recently (2017) the Municipality of Sabugal launched the project of a great theme-inspired historical Museum. Sabugal is a frontier territory, close to nearby Spain, situated in the central region (sub-region of Beiras and Serra da Estrela), whose geographical and economic features led its inhabitants to seek survival and improvement of their situation elsewhere.

The "Portuguese Migration Museum", conceived as a place of interpretation of the migratory cycles of the country, seeks to relate the local dynamics with the perspective taken by the global phenomenon, having in mind the presence of Portugal in the world. Its dimension encompasses clearly the time dimension, which extends to the present.

Having already been assigned a physical space (a former elementary school now disabled) the whole plan could take in account the precise knowledge of the location and the exact dimensions of the building, allowing the detailed constructive design of all the exterior and interior arrangements – in which the programming of the floors was considered both in the functional and the museological aspects.

The five themes of the Museum program (central themes: local, national, European and global scales; integration processes; borders; migration in the world today) were distributed by the spaces available where, of course, the proper environments will be rebuilt.

The implementation calendar, already started, plans that the works will proceed in such a way that the inauguration will take place in 2019.

6. Other museum projects abroad on Portuguese migrants (developed and without sequence)

In addition to the abovementioned information, it is important to recall the success and failure of museological projects in locations where the presence of Portuguese is remarkable.

There are two Brazilian museological initiatives, which unfortunately have not left the sketchbook, but also deserve mentioning. The first, resulted from the idea of Councilman Wilson Leite Passos, from Rio de Janeiro, in the form of a draft bill presented to the municipality of this city (draft bill no. 512/83), for the creation of a "Museum of Portuguese Colonization". It was vetoed the following year by Mayor Marcello Alencar invoking arguments of financial and bureaucratic nature.

The second is from the beginning of the nineties, with the substance of law no. 1988 of June 8th, 1993 and Decree-Law N^o. 12116, of June 24th, 1993, determining the creation and establishment of a program referred to as "Museum of the Portuguese Presence in the City of Rio de Janeiro". In this program, art. 2^o p mosits "the creation, led by Municipal Education Office, of a historical exhibition intended to collect, conserve and to exhibit to public visitation, on a permanent basis, documents concerning the Portuguese presence in the city of Rio de Janeiro". In article 5^o it is said that: "Annually, the month of June will be assigned as the month of the Portuguese-Brazilian Community, with festive programming, including solemn session at the City Hall (...)."

As far as it is known, it had no visible follow-up, despite the interest, until today kept by the President of the Federation of Portuguese and Brazilian-Portuguese Associations. A similar Portuguese initiative was also not implemented: by decree of August 24th, 1984, the then Secretary of State for Emigration (Manuela Aguiar), was assigned the mission of creating "the embryo of a future living museum of emigration and Portuguese communities, with the creation of a documental and Iconographic Fund".

Despite it being well structured, in terms of both its objectives and its functions, this project was not followed through, in large part due to the lack of human resources, materials and logistics mobilization.

Just a note to refer two research centers whose relevant developed work cannot be forgotten.

Although not constituting museological spaces, in the true sense of the term, they can be considered "engines" of research, greatly contributing to the knowledge of the Social History of the Portuguese immigration in the USA.

The "Portuguese Genealogical Society of Hawaii" (founded in 1981) and the Portuguese-American Historical Research Foundation (founded in 1996) deserve congratulatory mentioning. They are nonprofit organizations created to investigate, preserve and disseminate information, memories and relevant events on the Portuguese presence, with the support of volunteers, in order to give continuity to the knowledge they seek to record.

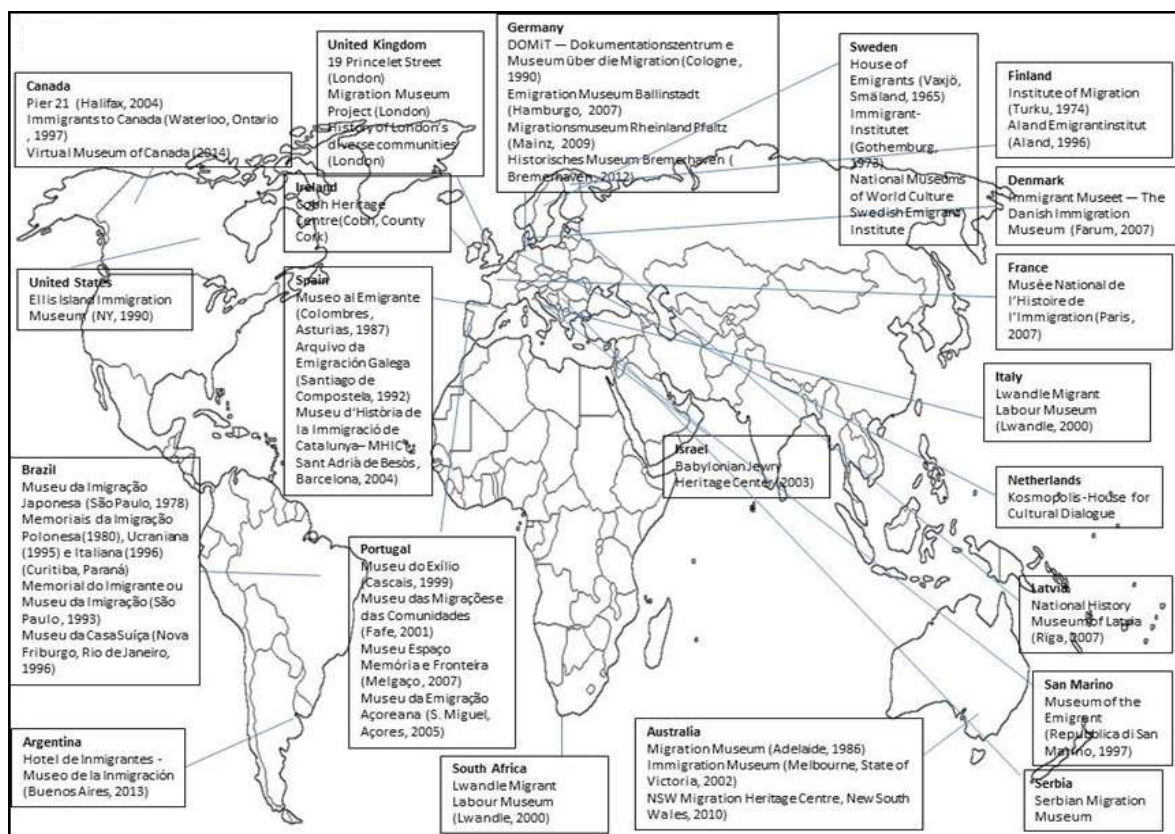
The New Bedford Whaling Museum, in the State of Massachusetts (U.S.A.), recently opened the Azores Whaleman Gallery on September 10th, 2010. Related to the Portuguese culture, its initial planning is due to Mary T. Vermette, a College Professor of Portuguese origin who presented the proposal (1999) to the then Foreign Affairs Minister, Jaime Gama. Later on, the Portuguese contribution of seven hundred thousand dollars was joined by the Federal Government's sponsorship that contributed to this wing of the Museum with one point two million.

7. A Galaxy of Museums on Migration

By the dispersion of the situation where they are currently located and the respective dates of their foundation, migration museums reveal how an interest in the phenomenon has hatched and intensified.

The list below does not in any way cover the general panorama of the museums organized around the subject; spread all over the world, they are itemized by chronological orientation selecting the foundation date for the respective presentation sequence, as above mentioned. The image that follows shows their implementation.

Migration Museums



7.1. The House of Emigrants, Vaxjö (Sweden, Småland), 1965

<http://www.utvandrnashus.se/eng/>

Given the importance of Swedish emigration to the United States of America in the 19th and 20th centuries, the Museum of Vaxjö is dedicated to this migratory stream. In terms of scientific activity and services provided to the communities of Swedish origin in that country, it developed a praiseworthy work of reconstitution of families and locations of origin.

7.2. The Museum of Japanese Immigration to Brazil (Museu da Imigração Japonesa), São Paulo (Brazil), 1978

<http://www.museubunkyo.org.br/>

The Museum, installed in the Liberdade neighborhood of São Paulo, was inaugurated in celebration of the seven decades of Japanese immigration to Brazil (1908). It has a collection of more than 97,000 items belonging to Japanese immigrants, such as written documents (books, magazines, newspapers); images (photos, films, microfilms, videos); LP discs; paintings; household and work

utensils, in addition to garments including remarkably kimonos, which record their presence in that country. On the third floor of the same building is the library and a diversified collection that is not exposed, but can be consulted by scholars and others interested in the history of Japanese Immigration.

7.3. Memorials of Polish (Memorial da Imigração Polonesa), 1980; Ukrainian (Memorial da Imigração Ucraniana), 1995 and Italian Immigration (Memorial da Imigração Italiana), 1996, set of Memorials Located in Curitiba (Brazil, State of Paraná)
<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br>

The small size of these museological spaces more than anything expresses the concern to make the memory of resident communities from each of the three countries mentioned last. The exhibited pieces and elements evoked reflect the symbolism they contain, reactivating the sense of belonging of those who identify with them. As they are installed in the city of Curitiba (known as the most European city in Brazil), in which people from any one of these three nationalities assumes a particular expression, the criterion was to group them in one location, subdividing their enumeration.

7.3.1. The Polish Immigration Memorial consists of a set of seven houses in wooden trunks, representing a Polish village. The houses are furnished with reproductions of objects evoking the beginning of an immigration chain that began in 1871.

7.3.2. The Ukrainian Immigration Memorial consists of a chapel dedicated to St. Michael the Archangel, a traditional Ukrainian House, an outdoor stage and a votive portal, all built in wood, including the roofs.

7.3.3. The Italian Immigration Memorial is situated in the Italian Forest, where there is a replica of the first Church of Santa Felicidade (Saint Felicity), a stage for artistic presentations, kiosks, arcades and fountains evoking Roman architecture and a location suitable for the manufacture of polenta (a sort of bread).

7.4. Museo al Emigrant, Colombres, Principality of Asturias (Spain), 1987

<http://www.archivodeindianos.es/>

The Principality of Asturias, the Caja de Asturias and the Universidad de Oviedo promoted the Fundación Archivo Indians, constituted on May 22nd, 1987. It is installed in Colombres, Ribadedeva, in the House-Museum built (1906) by Iñigo Noriega Laso, who emigrated to Mexico. The mansion is a clear example of Indian architecture on the Cantabrian coast.¹⁰ The Foundation has a library and an important documental archive on the various Centres of Asturias (Argentina, Chile, Cuba, United States, Mexico, Puerto Rico, Uruguay, Buenos Aires, Tampa-Florida, USA) and Asturian and Spanish companies in America.

7.5. Ellis Island Immigration Museum, New York (USA), 1990

<http://www.ellisland.org/>

Ellis Island, at the estuary of the Hudson River in New York, was the point of mandatory concentration upon arrival of immigrants who came to North America. It is where proceeded the identification operations, medical surveillance, and documentation needed to enter the United States.

The Oral History project was launched in 1973 and the idea was to interview people (the project is still active) who migrated through that location, searching to rebuild their life stories. Audio and video transcripts are available for scientific research purposes (v.d. [http: www.genealogyblog.com](http://www.genealogyblog.com)).

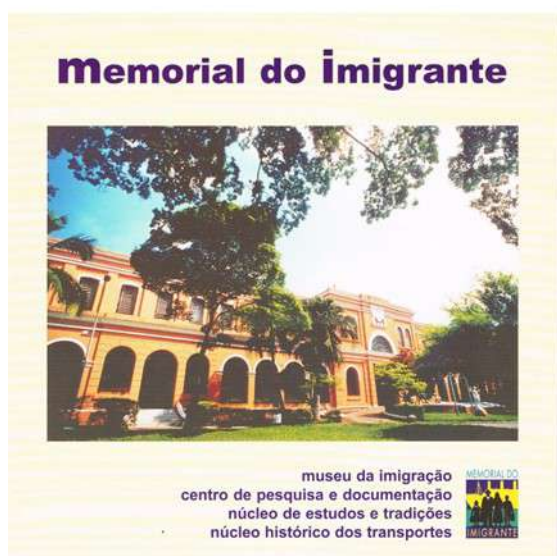
7.6. The Immigrant Memorial or Immigration Museum (Memorial do Imigrante or Museu da Imigração), São Paulo (Brazil), 1993

<http://www.memorialdoimigrante.org.br/>

Installed in the grandiose building built by the Sociedade Promotora de Imigração (Immigration Promoting Society), in 1888 (during the Presidency of the Count de Parnaíba, Antônio de Queiroz Telles), at the train terminal station linked to the Santos pier, was an inn for the immigrants arriving from Europe or Asia. Since 1993, it became a museum, preserving the memory of all the immigration currents that converged there.

¹⁰ A number of houses and palaces was built by people who emigrated to Mexico and through this act ensured their belonging to the region of origin. Evidence shows that the building of homes, behavior shared by several migrants in their area of origin, constitutes one of the purposes of those who emigrate and manage to achieve the expected success.

Integrated into the museum are a Research and Documentation Center, a Study and Traditions Center and a Bookstore.



© MBR-T

The recent remodeling (2014) gives it all the features of the modern museology and the design of the new interior architecture is the result of a diversified programming translates in a very high quality. Using the most modern techniques of communication with the public pays particular attention to the relationship between the country of origin and that which was sought by immigrants, where it is installed.

7.7. The Swiss Home Museum (Museu da Casa Suíça), Nova Friburgo (Brazil, State of Rio de Janeiro), 1996

<http://www.casasuica.info/>

The Swiss Home, inaugurated in 1996, following the construction of the Swiss Cheese Factory and School in 1987, aims to illustrate and document the installation of the people who have been coming from Switzerland to Brazil since 1819.¹¹ Faithful to its original motivations, the museum continues to develop historical and genealogical studies and focuses on a varied document repository dedicated to the immigration current, as well as objects related to the referenced period.

¹¹ These initiatives resulted in the interest aroused by the publication of the doctoral thesis of Martin Nicoulin, dedicated to the study of the process of the Swiss colonization of Nova Friburgo, which uncovered reasons to intensify and consolidate the cultural relations between the two countries.

7.8. Museo Dell'Emigrante, Republic of San Marino, 1997

<http://www.museoemigrante.sm/on-line/home/museo-dellemigrante.html>

The Museo Dell' Emigrante, is installed in some rooms of the monastery of Santa Chiara, and was officially opened in 1997. Its organization was supported by the Secretary of State for Foreign Affairs and has received contributions from public and private entities, including the UNESCO. Once again, the Research Centre and the Archive, associated with the museum, are the core of the development of the project.

7.9. Portuguese Historical Museum, San Jose (USA, California), 1997

<http://www.portuguesemuseum.org>

The Portuguese Historical Museum, cultural institution that evokes the Portuguese settling in the United States and, in particular, in California, seeks to portray life in Santa Clara Valley, especially in the period corresponding to the turn of the 19th to the 20th century.

The building is a replica of the first Empire (Chapel of the Holy Spirit), built circa 1915, associates religious activities to many other of social nature, allowing the knowledge of the permanence of cultural traditions that still remain. Its features give it the ability to act as a catalyst pole for the relationships that give shape to the Portuguese presence.

The Portuguese Heritage Society of California built the space with the support of the community that it represents and obtained support from local organizations and both Governments (Portuguese and American) in order to serve as an exhibition center of culture and heritage. In addition to the permanent exhibitions it houses temporary expositions and develops cultural programs in conjunction with several organizations and many of the Portuguese communities of the United States of America and from around the world. The exhibitions represent essentially the story of the Portuguese immigrants that is presented in successive steps: the position of Portugal in the Discoveries; Portuguese migrations in the world; the

Portuguese immigration in the United States namely in California, where the one headed to the Santa Clara Valley is highlighted.

7.10. Gallery of the Portuguese Pioneers (Galeria dos Pioneiros Portugueses), Toronto (Canada, Ontario), 2003

<https://pioneersgallery.ca/>

The Portuguese emigration to Canada began in the middle of the 20th century's fifties (1950's). The years 1953, 1954 and 1955 should be highlighted. A presence that was growing and spreading across the country, assumes a very special relevance in Montreal and in Toronto. Due to this fact, the Portuguese Pioneer Museum was founded in 2003 in Toronto. It evokes the role of pioneers in the founding the Portuguese community in Canada.

The building is located on St. Clair Avenue West, an historic site where were located the dwellings of the first Portuguese settlers. Professional instruments, artifacts, objects of personal use constitute an entire collection that illustrates their living conditions. Many and varied images related to the migratory route help to understand it.

7.11. Emigration History Museum of Catalonia - Mhic, Sant Adrià de Besòs (Spain, Barcelona), 2004

<http://www.mhic.net/>

This initiative constitutes a cultural proposal that is associated with a "Studies and Documentation Centre" on the history of immigration in Catalonia. In addition to a permanent exhibition it has been organizing a set of temporary exhibitions, continuously presented to the public and focused on topics of great relevance, presenting many of the aspects of local migratory phenomenon.

7.12. National History Museum of Latvia, Rīga (Latvia), 2007

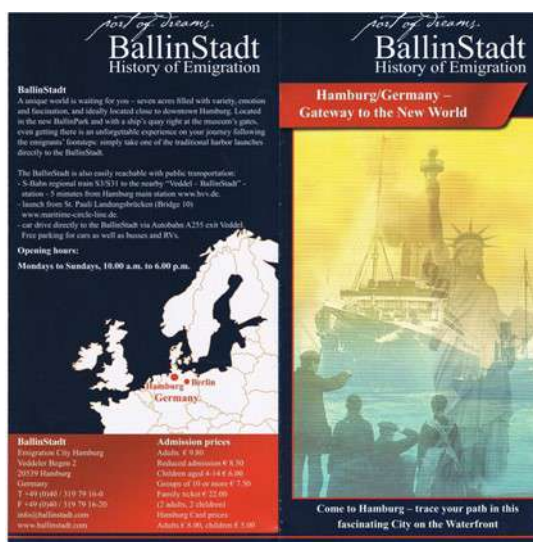
<http://www.lapamuzejs.lv/>

In 2007, a group of enthusiasts from Latvia sought to give voice to their experiences¹² creating a new museum, to report the lives of Latvians abroad. Thus

¹² In spite of being from a small sized nation, Latvian descendants can be found in all parts of the world. The terror of war and the tyranny of political power, economic pressure and survival are all part of a historical heritage in which they take pride and seek to maintain. However, new cultures were being adopted, new languages were learnt and new paths were travelled.

the Latvians Abroad – Museum and Research Centre (LA-MRC) was born. It associates its investigation purposes to the intention of disseminating the experience lived by those who departed from the country (but stayed connected to it) to a wider audience.

7.13. The Ballinstadt Emigration Museum, Hamburg (Germany), 2007



<http://www.ballinstadt.de/>

© MBR-T

The Ballinstadt Emigration Museum opened its doors in July 2007 and seeks to tell the story of more than two million people who emigrated between 1850 and 1934, from the port city of Hamburg. Three of its buildings were rebuilt in the historic site where were the designated "Emigration Halls" were located.

Ballinstadt provides a large "Research Center" for its public on the family theme, in cooperation with global leading researchers, suppliers of genealogical databases. Queries are free and carried out in the main building of the Research Center.

7.14. Musee National de l’Histoire de l’Immigration, Paris (France), 2007

<http://www.histoire-immigration.fr/>

One of the decisions taken by the Inter-ministerial Committee on Integration, held in April 2003, refers to the delineation of a mission, which prefigures a "Resource Center for the Memory of Immigration". The project gave way to the

History of Immigration National City (CNHI), which aims to acknowledge and recognize the contributions made by immigration in France. The Museum has a permanent exhibition about the development of this social phenomenon, covering the last two hundred years of the history of immigration in the country and it develops a continuous program of cultural initiatives. The entire set of thematic exhibitions that animate this museum space, accompanied by conferences, seminars and lectures is also worth mentioning.

7.15. Museum of S. Filipe (Museu de S. Filipe), Island of Fogo (Republic of Cape Verde), 2009

<http://museumsaofilipe-fogo.blogspot.pt/>

Migrations are one of the subjects addressed in the Municipal Museum of St. Philip, situated on the island of Fogo. The dry weather has, since the beginning of the colonization of the Cape Verde Islands, brought periods of starvation; which associated with diseases and pests, were responsible for the deaths of thousands of people between 1900 and 1947. Since the 19th century, the American whaling ships that stopped in the archipelago attracted local populations overseas.

Some pieces collected from the company that owns the Ernestina¹³ (a ship immortalized on the two hundred Cape Verdean escudos bill and evoked in public demonstrations such as the parade of Carnival in Mindelo/ São Vicente) are presented in the Museum and remember its life. The sailboat was one of the leading boats that transported waves of emigrants from the Fogo Island to the United States of America, after beginning its transatlantic service in 1947.

7.16. Pier 21, Halifax, Nova Scotia, (Canada, British Columbia) 2011
<https://www.pier21.ca/>

Pier 21, can be considered an old terminal of transatlantic ships located in Halifax (Nova Scotia, Canada). It became an "immigration depot" for more than 1 million people, in the period from 1928 to 1971. In 1997, its facilities would be

¹³ Built in Massachusetts and baptized with the name of Effie M. Morrisey (1894), it was one of the last sailing ships taking emigrants from Cape Verde to America now called Ernestina. It carried hundreds of passengers and cargo in trips made between the ports of the archipelago and Providence and New Bedford, on the East coast of the United States. It continued to sail until 1974, when it was deprecated by faster ships. After the independence, on July 5, 1975, after a major remodeling in the shipyards of San Vicente, the "Ernestina" was offered in 1982 "by the people of Cape Verde to the people of the United States of America, in a gesture of friendship between the two Nations".

designated as National Historic Site of Canada. In its interior was created an interpretation center, which would later give way to the Immigration Museum (1999), becoming officially the National Museum of Canada of Immigration from 2011.

Although without exclusivity the Canadian Museum of Immigration provides the Portuguese situation an attention that deserves mentioning.

The approach extends from the discovery of the territory up to the nowadays and presents figures who have distinguished themselves in that space. While the number of the first residents from Portuguese origin was tiny compared with those who arrived in the beginning of the 1950's (second half of the 20th century), it is interesting to notice the importance given to them within the historical framework of Canada. From those years, the volume increased exponentially. In 2003, the celebration of the 50 years of residence of this last flow, the names of those who have played important roles were revealed and publicized. Just as an example, we could mention the stamp issued by the Canadian Post Office, dedicated to Pedro da Silva (1647-1717), the first postman that distributed mail in a canoe between Montreal and the city of Québec.

Recently (2016) an exhibition celebrating the more than 500 years of Portuguese presence in the country was displayed. The library of the Museum has set up a database that offers a query service to all parties interested in the Portuguese presence in Canada, either through migration, or fishing activities in Newfoundland.

7.17. Historisches Museum Bremerhaven, Bremerhaven (Germany, Bremen), 2012

<http://www.historisches-museum-bremerhaven.de/>

The city of Bremerhaven in Northern Germany, benefits, not only from the Auswandererhaus Museum, dedicated to the history of those who have left the land of origin to live abroad, but also of a space dedicated to the history of those who left their homeland in search of a new life in Germany: the Migrationshaus, opened in April 21, 2012.

Both museums are interconnected by a bridge and are practically in the same building. A pioneer situation in Europe: stories of immigrants and emigrants

exhibited in the same location. Within its current research projects there are records of about five million people who emigrated from 1820 to 1897 and from 1904 to 1907. The data is available online, for research purposes (vd. <http://www.dad-recherche.dehmbindex.html>)

7.18. Virtual Museum of Canada, Gatineau (Canada, Quebec), 2014
<http://www.virtualmuseum.ca/>

In 2014, the Federal Government transferred the Virtual Museum of Canada to the Museum of the history of Canada. With more than 500 virtual exhibitions, it is the largest descriptive online source of knowledge on social experiences. Shared information not only among Canadian museological institutions, but also, with a huge set of organizations interested in the subject (whatever the respective dimension).

Having as the main objective to make the history, the culture, the arts and many other aspects known, it presents a diverse and rich acquisition resident communities throughout the country. The significant quantity and quality of educational resources at its disposal, allows it to provide support to teachers and researchers.

Final Summary

A Museum is, above all, an instrument of education and cultural dissemination intended to create visible and concrete references, which exceed time. The research centers, which integrate or are associated with the institutions, as well as the collections that are being established produce memories for the future. In a contemporary perspective, these institutions cannot be considered merely as contemplative spaces; they are now appealing interactive spaces, in which a universal story that reveals the specificities of each place and each time is told.

The idea of trying to exhaustively collect authentic objects, evocative of their historical eras, in an attempt to illustrate the respective national or regional affiliation is outdated. Its location in the geographical environments, temporal and social, can be performed in digitally, by means of mixed media. The current museological discourse is a wholesome vehicle for the diffusion of the migratory phenomenon. Reaching a very broad target audience it has the ability to bring

awareness, in an attractive manner, to many aspects of the routes traversed by migrants. The multiple facets of this complex universe reveal perspectives that focus as much on each of the countries of origin and countries of destination. It's the intersection of these angles that reflects the dynamics of a reality anchored in diversity and in the cultural wealth of a social polyhedron.

The intentions of founding of a new museal institution and the preparatory work leading to its realization have not always been able to achieve the expected result. Failure usually occurs, due to the lack of funds to complete the project or sustainability issues, consequence of inefficient planning.

The functions that are associated with the new conception of what a museum can fuel the development of cultural and educational policy for each State or each regional or local administration. The need to create cultural publics, optimize existing resources, enhance conservation, research and interaction with the public constitute an ethical requirement, almost an obligation towards society.

Recently taken resolutions in the Assembly of the Republic not only pay particular attention to the migratory phenomenon, which is the public recognition of their dimension, but also specifically recommend the improvement of instruments to analyze it (Resolution No. 269/2017, D. R. (Portuguese Official Gazette) no 243, 20 December). In addition it is recommended to enhance the teaching of Portuguese emigration history both in Portugal as in destination countries (resolution 267/2017, D. R. (Portuguese Official Gazette) No. 237, 12 December) and to create a National Museum containing a studies and documentation center (Resolution No. 271/2017, D. R. (Portuguese official Gazette) no 243, 20 December). This governmental support to the preservation of memory is currently backed by the parties.

Bibliographic References

S/A. *Cascais - Estoril, A Place of Exile. 20th Century – Years 30 -50*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, (CD), 2001.

S/A. *Descubra Fafe, Roteiro Turístico*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 2014.

S/A. *Destination Australia. The Migrant Story*, Screensound Australia. N.L.: Immigration Museum, (videogram), 2001.

S/A. *European Migration Museum*. Berlin: Institute for Comparative Social Research.

1998. *Immigration Museum*. Melbourne: S.n., 2000.

BOJ, Imma. *Museu d'Història de Catalunya. Un Motiu Per Fer un Museu*. Barcelona: MhiC, 2004.

Comissão para a Celebração dos Descobrimentos Portugueses. *Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: C.C.D.P, 2000.

EL YAZAMI, Driss. "Rapport pour la Création d'un Centre National de l'Histoire et des Cultures de l'Immigration." *Migrance*, 19 (4^{ème}), 2001.

GAMUNDI, Fernando Bores (coord.). *Casas de Indianos*. Pontevedra. S.l.: Xunta de Galicia: Secretaria Xeral de Emigración: Consellería de Vivenda e Solo, 2009.

GOB, André and DROUGUET, Noémie. *La Muséologie. Histoire, Développements, Enjeux Actuel*. Paris: Armand Colin/VUEF, 2003.

HARTOG, François. "Histoire et Culture: Régime d'Historicité et Mémoire." *Museum International* 227, 2005.

JACOUD, Raphael and JACOUD, Luiz de Siqueira. *História, Contos e Lendas da Velha Nova Friburgo*. Nova Friburgo: Múltipla Cultural, 1999.

LEITE, Carolina. *Fafe: As Casas dos Brasileiros*. Coimbra: C. Leite, 2008.

MATOS, Júlio de (fotog.). *Casas de Brasileiro*. Vila Nova de Gaia: DeMatos Designer, 2008.

NABAIS, António J. & CARVALHO, José M.. "O Discurso Expositivo." *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, pp. 135-143.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga. *Apontamentos sobre Museologia*. Museus Etnológicos. Lisboa: Junta de Investigação de Ultramar, 1971.

PEIXOTO, Paula Torres. *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930). Do Estereótipo à Realidade*. Porto: Afrontamento, 2013.

QUEIROZ, José. "Do Museu dos Gabinetes de Curiosidades e Galerias à Actualidade." *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 119ª (1-12), 2001, pp. 147-165.

RIVIÈRE, George Henri. "Musées et Autres Collections Publiques d'Ethnographie." *Ethnologie Générale* (Pleiade). Paris: Galimard, 1968, pp. 472-493.

— *La Muséologie (Cours de Muséologie /Textes et Témoignages)*. Paris: Bordas, 1989.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. "Le Musée d'Aujourd'hui, un Système de Communication Multimédia." *Estudos de Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: INIC - Centro de Estudos de Etnologia, 1989, pp. 275-334

— *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

— "Musealizar as Migrações." *História. Por Terras Estrangeiras. Emigração e Imigração em Portugal XXIV* (III) (42), 2002, pp. 58-63.

— "A Investigação em Sociologia das Migrações sobre o Tempo Passado." *História, Memória e Imagens nas Migrações. Abordagens Metodológicas*. Oeiras: Celta Editora, 2005, pp. 13-29.

— "Museus de Migrações: Olhares Cruzados entre a Origem e o Destino." *Caminhos e Diálogos da Antropologia Portuguesa. Homenagem a Benjamim Pereira*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2014, pp. 287-303.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz and MONTEIRO, Miguel. "Les Musées Dédiés aux Migrations: le Musée Portugais de l'Émigration." *Museum International. Le Patrimoine Culturel des Migrants*, 2007, pp. 233-234: 148-154.

— "I Musei delle Migrazioni in Europa. Il Museu da Emigração e das Comunidades, Fafe, Portugallo." *Studi Emigrazione* 167, 2007, pp. 588-596.

RESUMO

Em Portugal as migrações constituem um fenómeno que, pela sua permanência e dimensão, revela ser um dos elementos fundamentais para a compreensão da História Social do país. Pela relevância que assume, torna-se indispensável considerá-lo tanto no panorama demográfico como no panorama económico, devendo ser tidas em conta todas as alterações de natureza cultural por ele introduzidas. Torna-se indispensável considerar o tempo e o espaço como variáveis condicionantes do percurso migratório. Uma perspectiva diacrónica dá oportunidade de conhecer a articulação entre conjunturas nacionais e internacionais que, encontrando-se necessariamente associadas, produzem configurações diferentes em cada época. As alterações que, entretanto, se vão sucedendo nem sempre são detectáveis no imediato e só um olhar retrospectivo permite compreender muitas das situações responsáveis pela mobilidade. A designação em título que refere as migrações numa perspectiva de musealização implica considerar, ainda que de forma breve, vários aspectos que são próprios a cada um dos temas e a forma como se entrelaçam. O seu tratamento em espaço museológico possibilita a transmissão de conhecimentos essenciais a um público alargado.

Palavras-chave

migrações portuguesas; museologia; memória

ABSTRACT

In Portugal, migrations constitute a phenomenon that, due to its permanence and dimension, is one of the fundamental elements to comprehend the country's social history. Because of its relevance, it becomes indispensable to consider it not only in a demographic but also economic framework, as well as the cultural changes it introduces. It is crucial to consider the time and the space as determinant variables of the migratory route. A diachronic perspective enables the articulation between national and international conjunctures, which are necessarily associated and produce different configurations in each epoch. The alterations that occur in the meantime aren't always immediately detected and only a retrospective look consents the understanding of many of the situations responsible for mobility. The title, which refers to migrations in a museological perspective, implies the consideration of various aspects (even if succinctly), which are specific of each and every theme and the way they interrelate. Their treatment in a museum space enables the transmission of essential knowledge to a wider audience.

Keywords

Portuguese migrations; museology; memory

NOTA – As imagens que ilustram este artigo foram gentilmente cedidas pela autora.

***SENHORA DO CABO: SANTUÁRIO,
CULTO E TURISMO
ENTRE A TRADIÇÃO E A
TRANSFORMAÇÃO***



Santuário do Cabo

***Maria Isabel Roque
Universidade Europeia
Universidade Católica Portuguesa
CIDEHUS – Universidade de Évora***

***Maria João Forte
Universidade Europeia***

Introdução

O tema da luz é transversal a vários domínios religiosos e míticos. Em confronto com as trevas, a luz é o signo do conhecimento. No *Livro do Génesis*, a exortação "Fiat Lux" (Faça-se Luz) provoca a organização do caos, enquanto, no Novo Testamento, a luz primordial é identificada com o Verbo (Jo 1-9), assumindo um sentido idêntico ao que se regista nas mitologias chinesa e indiana, embora estas tendam a especular acerca da oposição entre um deus solar e as forças tenebrosas (Chevalier & Gheerbrant 1990, pp. 585–87). No Antigo Testamento, a luz é referida com o sentido de vida (Sl 36-10) e felicidade (Sl 4-7) concedidas por Deus. Deus é, Ele próprio, associado à luz salvífica, nas palavras de David: "O Senhor é a minha luz e salvação" (Sl 27-1). Este sentido prolonga-se à figura do Filho no Novo Testamento, onde a luz tem um sentido messiânico, enquadrado pela profecia de Isaías – "mudarei diante deles as trevas em luz" (Is 42-6), confirmada pelas palavras de Simeão: "[...] pois os meus olhos já viram a tua salvação, a qual tu preparaste ante a face de todos os povos; luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel" (Lc 2, 30-32). A analogia criada entre Cristo e a luz fundamenta a simbologia da luz e, por conseguinte, a presença dos círios ou das velas no ritual religioso, seja ela de cariz litúrgico ou devocional.

¹ Nota Biográfica de Maria Isabel Roque - Doutorada em História. Professora Auxiliar na Universidade Europeia – Laureate International Universities e na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Investigadora no CIDEHUS-UÉ - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora, na linha "Património e diversidade cultural". É autora e co-autora de livros, capítulos de livros e artigos, e co-editora de catálogos de exposições. Os interesses de investigação cruzam as áreas da história da arte, estudos de museu, turismo cultural e humanidades digitais. orcid.org/0000-0002-2258-8904.

² Nota Biográfica de Maria João Forte - Doutorada em Estudos Portugueses, especialização de Estudos de Cultura. Professora Auxiliar na Universidade Europeia – Laureate International Universities, em Lisboa. É autora e co-autora de livros, capítulos de livros e artigos. Os interesses de investigação incluem as novas tradições no enquadramento das ciências sociais aplicadas ao turismo cultural, incluindo os hábitos alimentares e o calendário das festas, enquanto atracções turísticas e património intangível.

"Círio" era a designação que se dava à "tocha grande de cera" (Bluteau & Silva, 1789, pp. 276) que os devotos levavam nas procissões e, por extensão, passou a designar também a "Festa de romagem para levar o Círio a algum Santo" (*Id., ibid.*). O círio é transportado pelo grupo de peregrinos e é depositado sobre o altar da Virgem (Dias, 1956, p. 617); comumente ornamentado com motivos alusivos à peregrinação, representa simbolicamente toda a comunidade envolvida no culto, pelo que a designação se estendeu ao próprio "acto de conduzir a um determinado sitio" (Freire, 1926, p. 15).

Os círios são peregrinações anuais e colectivas de fiéis de uma determinada localidade, previamente fixada, que se deslocam a um santuário segundo um ritual próprio (cf. Penteado, 1998). Integram-se, assim, no fenómeno universal das peregrinações (Chélini & Branthomme, 2008), implicando a deslocação a um espaço sagrado, com uma motivação espiritual, invocativa ou gratulatória. Acerca do Círio do Cabo, Pinho Leal confirma que "ao principio, todas as romarias eram annuaes, e cada uma tinha uma grande tocha (*cirio*) que accendia durante a sua festa. É por isso que a estas romarias se dá o nome de *cirios*" (Leal, 1873, p. 136).

A origem dos círios em Portugal remonta ao século XVI, ainda que a designação só tenha surgido no século XVIII, sendo que Frei Agostinho de Santa Maria já os refere no *Santuário Mariano* (Santa-Maria, 1707, pp. 85 e 139-140).

Embora se registem noutras zonas do país, os círios concentram-se na região estremenha. Leite de Vasconcelos (1985) refere o rio Tejo como a linha que demarca, na margem direita, o da Nossa Senhora da Nazaré e, na esquerda, o da Senhora do Cabo, ambos obedecendo a um percurso de freguesia em freguesia:

[...] um círio um ano por um povo e no outro por outro; o que celebra numa, entrega a bandeira, que tem pregada a imagem de papel, ao que vai celebrar na seguinte. Há de cada vez dois círios: da freguesia que leva a bandeira ao santuário e a entrega; da freguesia que a recebe e a conduz à igreja. São, portanto, duas espécies: em giro e anuais. (Vasconcelos, 1985, p. 310)

O Círio de Nossa Senhora do Cabo designa a peregrinação que, desde o século XV, é efectuada pelas comunidades rurais nas imediações de Lisboa para o santuário mariano no Cabo Espichel.

Neste estudo, pretende-se descrever a evolução da tradição deste Círio e da devoção a Nossa Senhora do Cabo, através da documentação e estudos existentes, e avaliar o seu impacto na sociedade contemporânea, observando a forma como, na actualidade, as comunidades e os indivíduos reagem à prática deste culto, como o percebem e vivenciam e, também, como o aproveitam e lhe adicionam outras práticas, entre o sagrado e o profano. O estudo assenta num método qualitativo e descritivo, substancialmente baseado numa revisão de literatura, complementada com entrevistas não estruturadas aos peregrinos e observações participantes das manifestações externas do culto e da forma como as populações vivenciam estes fenómenos e aos habitantes, efectuadas desde 2015.

A Biblioteca Nacional de Portugal conserva o manuscrito *Memórias sobre a Antiquidade das Romarias, e da Romaria ao Sítio de Nossa Senhora do Cabo*, de provável autoria de Francisco Ildefonso dos Santos e datado de ca. 1857, o qual constitui uma fonte primária, ainda que tardia, para este tema e a que se associa a *Memória da Prodigiosa Imagem de Nossa Senhora do Cabo*, de Frei Cláudio da Conceição. Frei Agostinho de Santa Maria, no tomo II, livro. da obra *Santuário Mariano*, consagra-lhe o capítulo "Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Cabo" (pp. 474-479). Na segunda metade do século XVIII, altura em que os círios ganhavam um novo fôlego, Ribeiro Guimarães (1872, pp. 194–215), Pinho Leal (1873, pp. 135–40) e Piedade e Costa (1899), embora muito subsidiários dos textos anteriores, fizeram descrições detalhadas acerca do culto prestado à Senhora do Cabo e do seu santuário. O santuário e o círio têm vindo a ser exaustivamente estudados e divulgados por Heitor Baptista Pato, a partir de fontes documentais, mas também de referências literárias e jornalísticas e de que se cita, como principal referência, a obra *Nossa Senhora do Cabo: Um Culto nas Terras do Fim* (Pato 2008). O trabalho de investigação documental e de terreno desenvolvido por Vasco Valadares Teixeira (1993) acerca dos círios da Estremadura fornece uma informação antropológica relevante acerca do círio do Cabo. Mais recentemente, Luís Marques (2007) elabora um exaustivo trabalho de síntese e de enquadramento teórico acerca do tema, a que

anexa uma alargada componente iconográfica, com fotos de arquivo e registos do autor. Os estudos de Pedro Penteado (1998), embora incidam sobretudo sobre o santuário de Nossa Senhora da Nazaré e o círio da Prata Grande que aí ocorre, constituem, por seu turno, uma imprescindível análise acerca das origens, motivações e desenvolvimento dos círios e das suas expressões rituais e devocionais.

1. História

1.1. Lenda da Senhora do Cabo e as origens do culto

A origem desta peregrinação é evocada nas narrativas inscritas nas lendas relativas a um acontecimento extraordinário ocorrido no início do reinado de D. João I, as quais imprimem uma marca etiológica à prática cultural. Analisadas no seu conjunto, é possível detectar elementos comuns: uma luminosidade intensa, ou uma aparição da Virgem, só ou com o Menino ao colo, montada numa mula, no promontório inóspito e desabitado, aonde acorrem indivíduos oriundos de localidades situadas no termo da capital.



Figura 1: Nossa Senhora do Cabo.

Água-forte.

Insc.: N. S.^a do Cabo / Virgem Maria defendei dos prigos aos que navegaõ sobre Angras do Mar. // Peyssoneau, Rua Nova do Almada 45 Lx

No *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria, a lenda da aparição é associada às pegadas inscritas na pedra das falésias do promontório onde se ergue o santuário:

[...] afirmão que a Senhora apparecèra na praya que lhe fica em baixo da mesma penha, aonde se edificou a Ermidinha, & que apparecèra sobre hu[m]a jumentinha, & que esta subira pela rocha assima, & que ao subir hia firmando as mãos, & os pès na mesma rocha, deixando impressos nella os vestigios das mãos, & pès [...].
(1707, p. 474)

Estas marcas correspondem a uma jazida de icnofósseis do período Jurássico superior (\pm 150 M. a.), nomeadamente, vários conjuntos de trilhos deixados por dinossáurios saurópodes e terópodes (Lockley, Meyer & Santos, 1994), mas que, sendo conhecidas desde o século XIII, foram interpretados como as pegadas da *mua* (termo que, em português arcaico, designava mula ou jumenta) que transportava a Virgem.

O códice atribuído a Francisco Ildefonso dos Santos refere duas tradições acerca do aparecimento da Virgem, sendo que "a primeira he a que escrevêo Fr. Agostinho de S. Maria, no seu Sanctuario Mariano" (1857, vol. 11). A segunda relata os sonhos prodigiosos de "um ditoso Velho da Freguesia de Alcabedeche" (*id.*, p. 20) e de uma mulher³ que se apresenta como sendo também "de idade já bem avançada" e "do lugar de Caparica" (*id.*, p. 22), em que ambos viam uma "luz sempre fixa sobre o Promontório do Cabo" (*id.*, *ibid.*). Tendo, cada um por si, decidido ir ao encontro da luz, encontraram-se e dirigiram-se juntos ao promontório; ao cair da noite, decidiram descansar, mas o velho não resistiu a continuar e "levantando-se, divisa a mesma luz, que tanto o maravillára no principio, mas agora ainda maior e mais brilhante como a mais bella estrêla" (*id.*, p. 23). Chamou a mulher e "Ella chegando reconhece igualmente aquella misteriosa luz" (*id.*, *ibid.*). Ao chegarem ao Cabo, "à vista da Luz mais pura, e da claridade mais perfeita", vêem "a Imagem da Santissima Virgem com

³ A confirmação de um sonho prodigioso por uma outra testemunha não é inédita: também na lenda de Santa Maria das Neves, a visão da Virgem foi partilhada pelo patrício João e mulher e pelo papa Libério.

o Menino Jesus nos braços [...] junto a hum escarpado rochedo, e alta penedia que dava sobre o mar" (*id.*, p. 24).

Frei Cláudio da Conceição, num texto repleto de alusões bíblicas, associa a visão da luz à visão mosaica da sarça ardente: "como Moisés, quando o Senhor lhe appareceu em Madian do meio da Çarça, que ardia sem se consummir" (1817, p. 13). Posteriormente, depois de ter encontrado uma mulher da Caparica que tivera o mesmo sonho, o homem dirigiu-se ao Cabo Espichel onde "vê acordado, o que gozou dormindo: vê a Luz mais pura, goza da claridade mais perfeita. Sim, vê a Prodigiousa Imagem da Mãi de Deos" (*id.*, p. 15), pelo que, de imediato, "se prostra junto a ella reverente [...]; e conhecendo ser vontade de Deos, que se desse Culto á sua Santissima Mãi naquelle lugar retirado, na solidão do deserto assim o prometem, e se tem praticado até ao presente" (*id.*, pp. 15-16).

Outra variante desta lenda, relaciona esta visão, tida por um casal de anciãos, a uma outra, datada do século XIII, relativa à aparição e milagre ocorridos na Arrábida: "Tudo leva a crêr que a Mão mysteriosa da Providencia tivesse preparado um tal acontecimento, bem como os acontecimentos posteriores" (Costa 1899, p. 10). Segundo esta lenda, um barco em perigo no meio de uma tempestade teria sido salvo por intermédio de uma imagem da Virgem a quem os marinheiros rezavam, tendo o milagre da súbita bonança sido assinalado por uma luz intensa no alto da falésia e proveniente da imagem da Virgem, que subia agora o promontório montada numa mula: "Sabe-se que a Serra da Arrabida foi miraculosamente illuminada pelo clarão da luz extraordinaria [...] na noite em que a Imagem de Nossa Senhora da Arrabida salvou os navegantes [...]" (Costa 1899, p. 10).

As referências à aparição da Virgem determinam a ocorrência das várias designações: de Nossa Senhora do Cabo, em referência ao local da aparição; de Nossa Senhora da Pedra da Mua, ou mula, remetendo para o animal que a Virgem montava; do termo de Lisboa ou dos Saloios, em alusão à origem dos peregrinos. Para além destas designações, encontramos ainda a de Círio Real, apontando para a presença de monarcas e respectivas dádivas, e a do Círio do Bodo, remetendo para a refeição colectiva que fazia parte da festa. Manuel Gandra (2004) defende que a designação Pedra da Mua constitui uma ressonância do nome arcaico *mu* para designar um continente perdido, constituindo, por isso, uma alusão à Atlântida, o que estaria

justificaria a iconografia do dilúvio universal em dois painéis de azulejo na matriz do Monte da Caparica. Paulo Pereira (2004) relaciona os topónimos com radical em *mu* com elevações, montanhas ou penhascos.

O culto a Nossa Senhora do Cabo remonta a meados do século XIV (Pato, 2007, 2008). No entanto, este lugar, um promontório virado a ocidente, num espaço limítrofe entre a terra e o mar, constitui o centro de sucessivas referências culturais que remontam à época pré-histórica (cfr. Manuel *et al.* 2009). No promontório entre a vila de Sesimbra e o cabo Espichel, existem grutas de diferentes morfologias, onde têm sido encontrados vestígios de rituais nas grutas desde os primórdios do Neolítico (Manuel *et al.* 2009). Consubstancia-se, aqui, o conceito de lugar sacralizado, cosmológico e hierofânico, ao mesmo tempo que se inscreve no modelo de uma imaginária Atlântida enunciada por Platão e recorrente no pensamento mitológico ocidental (P. Pereira 2004; Gandra 2004).

A ocupação das grutas, entre os séculos VI a VII, documenta a presença de monges anacoretas do período visigótico, cujo modelo de ocupação territorial se manteve activo nos séculos seguintes, já durante a ocupação árabe (Carvalho 2009) e pode indiciar os primórdios do culto mariano no território (Álvaro 2010, p. 27). Nos séculos IX e X, formaram-se, nesta zona, cenóbios-fortaleza, ou morábitos (em Árabe, *al-râbita*, convento fortificado para guardar fronteiras) (Carvalho, 2009). Estes cenóbios, também designados como cubas, eram construções de pequenas dimensões, de forma cúbica e cobertura de meia esfera, sendo particularmente comuns em zonas costeiras. Na Lapa do Fumo, situada a meia encosta das escarpas entre Sesimbra e o Cabo Espichel, foram encontradas moedas árabes datadas do século XII, que parece terem sido deposições votivas (P. Pereira 2004, p. 116). A sua presença nesta zona indicia cultos e rituais, incluindo cortejos processionais que, cristianizados, poderão estar na origem da peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Cabo. Assim sendo, considerando a presença moçárabe em regiões próximas de Lisboa, após a conquista da cidade em 1147, o culto cristão com peregrinação remonta aos últimos tempos da ocupação muçulmana.

A continuidade cronológica do culto que aqui se regista estende-se à Estremadura, abrangendo as duas margens do Tejo (Pato 2008), ou, como esclarece Borges Coelho (1994), o território compreendido entre a península de Setúbal e

Santarém, incluindo Almada, Palmela, Alcácer, Lisboa e Sintra. Uma das marcas identitárias associada a este território é o carácter específico das peregrinações enquadradas, a norte, pelo Círio de Nossa Senhora da Nazaré e, a sul, pelo Círio de Nossa Senhora do Cabo.

Sabendo como os "cabos do mundo" são fundamentais referências religiosas das comunidades e demarcam o espaço sagrado (interior) do profano (exterior), o espaço dominado do espaço desconhecido, assim se poderá dar todo o significado de instauração de uma fronteira protectora, ou de delimitação dos limites da "sua terra", a estes dois pontos [...].
(Fernandes e Janeiro 1991, p. 19)

São, por conseguinte, estes os factores que definem a fisionomia cultural do Cabo Espichel: por um lado, a continuidade da utilização religiosa, num processo de assimilações e adaptações sucessivas; por outro, a integração num território que, genericamente, coincide com a região da Estremadura.

1.2.Santuário do Cabo

No século XIV, uma primitiva ermida assinalava o presumível lugar da aparição da Virgem, sendo já noticiada como lugar de romaria.

Corria o anno de 1390, quando ElRei D. João 1.º fez merce a Diogo Mendes de Vasconcellos, da Commenda de Cezimbra, este vendo por alguns anos, a concorrência de muitos Povos àquella Ermida, que está no terreno da sua Commenda, e pela muita amizade, e conhecimento que tinha do bom viver dos Religiosos Carmelitas de Lisboa, lhes rogou fossem habitar aquelle sitio, e servissem a Ermida de Santa Maria da Pedra de Mua [...] e que para sua subsistencia lhes fazia doação de todo aquelle terreno [...]. Foi feita esta doação no anno de 1414. Mas os Religiosos que para alli foraõ, não podendo sopportar os rigores do tempo, e a solidão do sito, protestaraõ pela sua saude e o desampararaõ. (Santos 1857, pp. 30–31)

Com o sítio novamente ao abandono, "o dito Commendador recorreo aos Padres Religiozos de S. Domingos de Bemfica [...], para que fossem habitar naquele santo Logar, e assentindo a isso os ditos Padres com grande satisfação do Commendador, este logo lhes passou Carta de doação, que foi feita aos dezoito dias de Novembro de 1428" (Santos 1857, p. 31). Contudo, também estes, acabaram por abandonar o lugar "e desampararaõ a Ermida, protestando pela sua saude, por causa do rigor do clima, e asperesa do Logar" (Santos 1857, p. 31). Assim, "Vagando a Commenda de Cezimbra para a Corôa, ficou o terreno della pertencendo à Camera daquela Villa, a qual tomou a si a administração da Ermida de N. Senhora, com o titulo da Senhora da Pedra de Mua" (Santos 1857, p. 31). No século seguinte, o santuário compreendia já, além da ermida, uma igreja e as hospedarias construídas, pelos romeiros e confrarias, sem planeamento, mas dispostas num círculo quase fechado.

Em 1550, D. João de Lencastre Portugal, 1.º Duque de Aveiro e Mestre das Ordens de Santiago e de Aviz, solicitou à Câmara a cedência da "Ermida, e tudo quanto a ella era anexo" (Santos 1857, p. 33). O padroado da ermida passou, assim, para a Casa dos Duques de Aveiro, que já possuíam extensas propriedades na região, assumindo a obrigação de apresentar um padre como ermitão. Após a Restauração da Independência, em 1640, o padroado da ermida passou para a Casa do Infantado.

Instituida a grande Caza do Infantado, se lhe foi unindo muitas Commendas vagas, e huma dellas foi a de Cezimbra com o territorio que lhe competia, e neste territorio passou a Ermida de N. Senhora do Cabo a ser administrada por esta Real Caza, que muito a engrandecêo, fazendo novo templo sumptuoso, e rico em marmores, e ornando-o de preciosas alfaias; novas accomodações para os Romeiros, encanamento de boa agoa, orta, jardim, e passeio, todo promptificado para o Cirio do Termo gozar. (Santos 1857, p. 34)

No início do século XVIII, a construção de uma nova igreja marca o início de uma campanha de obras que abrangeram todo o santuário, dando-lhe a configuração actual de planta em U, aberta a oriente.



Figura 2: Santuário do Cabo

Frente à igreja, localizada no topo ocidental, abre-se um amplo terreiro, enquadrado lateralmente pelas hospedarias e com cruzeiro no lado oposto. Posteriormente, noutra campanha de obras entre 1670 e 1770, altura em que o rei D. José era juiz da Irmandade, foram melhoradas as zonas de serviços, com a construção, no topo oeste da ala norte, de cozinhas, casas do forno e da lenha e cavalariças. Em 1770, foi construída a mãe de água, decorada com azulejos da Fábrica de Belém, no termo de um aqueduto e inserida no cercado, cuja rega era assegurada por tanques anexos, criando um complexo ajardinado essencialmente destinado a recreio. Na mesma altura, o cário de Lisboa mandou fazer a "casa da ópera", um pequeno teatro com cenários, bastidores e camarins, mas que, actualmente, se encontra em ruínas.

1.2.1. Ermida da Memória

O lugar da descoberta da imagem de Nossa Senhora do Cabo foi, desde o início, assinalado como espaço hierofânico:

[Os ditosos velhos] trataraõ de arranjar hum pequeno vaõ em forma de Ermida, ajuntando muitas pedras soltas, que por alli havia, e pondo humas sobre outras para formar paredes, deixando huma das maiores no centro para servir de altar, e nella collocáraõ a santa Imagem, tendo coberto aquelle vaõ com muitos ramos de alecrim, que naquelles matos abundava, e o altar, das mesmas plantas aromaticas, em que tantos tempos estivera escondida aquella preciosa Joia, simulacro da Mãi de Deos. (Santos 1857, p. 26)



Figura 3: Ermida da Memória

Posteriormente, já durante o século XV, no extremo poente do santuário, sobranceiro às escarpas do Cabo Espichel, ergueu-se um pequeno templo, assinalando o lugar presumível da aparição aos dois velhos de Alcabideche e da Caparica, segundo algumas versões da lenda, ou onde a imagem da Virgem terá sido encontrada e onde foi depositada. "Fez-se uma Ermida, e nella se colocou a Santa Imagem, deixando sempre memoria daquella que os felizes descobridores tinhaõ feito no mesmo lugar onde a mesma Santa Imagem tinha aparecido." (Santos 1857, p. 30) Este foi o primeiro templo "em que primeiro [a milagrosa imagem] foi

venerada até que se trasladou a outra maior, e desta à magnífica Igreja em que hoje existe, no anno de 1707" (*id.*, p. 61).

A Ermida da Memória, com planta quadrangular e coberta por um domo cego de remate agudo, segue a arquitectura dos primitivos morabitos, ou cubas. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, abrindo-se na principal, virada a ocidente, o portal e, nas laterais, vãos moldurados, actualmente fechados. No interior, com as paredes igualmente rebocadas e pintadas de branco e cobertura em falsa abóbada de berço de estuque, destaca-se o silhar com dez painéis de azulejos azul e branco, historiados e com molduras de concheados. Representam-se, nestes painéis, cenas relativas à lenda e ao culto de Nossa Senhora do Cabo e à construção da igreja e hospedarias, cujos temas são descritos nas legendas inscritas em cartelas seguras por anjinhos. "No historial pintado nesses lambris, os predominantes elementos míticos fundem-se com alguns factos, estabelecendo-se uma linearidade entre a lenda e os acontecimentos reais (existência dos icnofósseis, a Ermida da Memória, a edificação do Cabo Espichel, etc.)." (Marques 2007, p. 37) A contextualização do local é feita através do promontório escarpado e do fortim, presentes em todos os painéis.

No primeiro, "Sonhão dous venturosos / velhos q[eu] apparecia a S[enho]ra / n'este mesmo lugar", representa-se o sonho do casal de velhos, vendo-se, em segundo plano, um casario saloio, atrás do qual se ergue o promontório onde aparece a Virgem com o Menino.

No segundo, "Poem-se a cam[inh]o p[ar]a se certificar / da ver[da]de: aonde se encontram / e comunicação entre si os sonhos", as duas figuras, arrimadas a um bordão, caminham em direcção ao promontório.

No terceiro, "Chegando aeste Sitio vem / com admiração sobir a / S[enho]ra pela Rocha", os dois velhos, no topo do promontório, prostram-se face ao milagre da Virgem que sobe a rocha, montada numa mula e ladeada por anjos; na escarpa da rocha, estão marcadas as pegadas do animal.

No quarto, "Publicada por elles / a maravilha vem outros em sua / comp[anhi]a p[ar]a adm[irare]m o prodigio", um cortejo de gente simples sobe ao promontório, onde testemunham o milagre da aparição, em atitudes de espanto ou de veneração.



Figura 4: Aparição da Senhora do Cabo (painel 4). Painel de azulejo azul e branco, século XVIII

No quinto, "Edeficase esta ermi/dinha pa[ra] os primey/ros cultos", representa-se esta ermida, na forma que mantém actualmente.

No sexto, "Com acon[co]rrencia das g[en]tes se / fabrica outra, no lugar / em q[ue] hoje se vê a majesto=/sa lgr[e]ja", está registada a construção de uma pequena e anacrónica igreja setecentista, de estrutura simples de nave única, com as paredes ainda a meia altura, e abside já concluída.

No sétimo, "Forma dest[e] Arra=/al daquelles pri=/meyros tempos", é retratada a enorme azáfama no terreiro, com os peregrinos a montar as tendas, outros que chegam a cavalo, vendo-se, ao centro em repouso, um carro e os bois usados no transporte.

No oitavo, "Dase princi[pi]o á ma/gestoza lgr[e]ja, em q[ue] ao / pr[sen]te se venera no ano / de 1707", representa-se a construção da igreja e respectivo estaleiro, enquanto, no nono, "Fazse o novo Arraial", se regista a construção das hospedarias. Ambos os painéis ilustram as técnicas construtivas da época.

No décimo e último, "Entradas de festey[ros] no / novo Arraial", assiste-se à chegada do Círio ao arraial, com peregrinos a pé e a cavalo, um deles a empunhar a bandeira; a dominar a composição, encontra-se a igreja rigorosa e pormenorizadamente desenhada.

Completam este ciclo azulejar, duas figuras de convite, à entrada da ermida, representando São Francisco de Assis e Santo Antão. No exterior, na fachada lateral sul, encontram-se dois painéis, muito danificados, igualmente datáveis de ca. 1750,

com a representação de dois romeiros enquadrados por molduras rococó. Num destes, uma filacteria com a inscrição "A saeculo non est auditum / Joah[nis] Cap.9 p. 32." (Ninguém jamais ouviu [que os olhos de um cego de nascença tivessem sido abertos]) alude ao prodígio da aparição.

1.2.2. Igreja de Nossa Senhora do Cabo

A ermida tornou-se, quase de imediato, demasiado pequena para acolher os peregrinos, pelo que logo em 1414, Diogo Mendes de Vasconcelos mandou construir uma "Caza para a Senhora, e accomodações para os Religiosos Carmelitas, a quem tinha oferecido aquelle Sitio" (Santos 1857, p. 53). Em 1491, foi construída uma nova igreja "feita pelos Povos das Freguezias do Termo, antes de se formarem os Giros, e devia estar isolada porque era costume, quando entravão os Cirios, rodear o Templo trez vezes antes de entrar" (*id., ibid.*). Em 1514, o Mestre da Ordem de Santiago, em visita ao santuário, ordenou a execução de novos retábulos para o altar-mor e colaterais, de que apenas subsistem duas tábuas representando Santo António de Lisboa e São Tiago Maior, atribuídas ao chamado Mestre da Lourinhã e integrariam o antigo retábulo (Serrão e Serrão 1997, p. 125), ou uma provável charola em torno da imagem da Virgem (F. A. B. Pereira 2014, p. 120). As visitas de Sesimbra dão notícia, em 1516, de um pequeno retábulo com a representação dos Reis Magos (Serrão e Serrão 1997, p. 124). Paulo Pereira reconhece aqui:

[...] um programa que se adequa à função de peregrinação, com a figuração provável de Nossa Senhora *dos Reis* – em relação com Belém, que fazia parte dos «círios» do Cabo – e [...] de São Tiago, como lembrança de outra peregrinação mítica (Compostela) de que esta parece ser emulação, ou, mais do que isso, constituindo um verdadeiro paralelismo, no sentido literal e figurado. (P. Pereira 2004, p. 123)

Considerando os estragos provocados pelo tempo e a falta de condições para acolher o culto crescente, a Casa do Infantado ordenou a sua demolição e construção de uma nova igreja "em terreno mais seguro e central" (Santos 1857, p. 53).



Figura 5: Igreja de Nossa Senhora do Cabo

A actual igreja, de feição maneirista, estilo chão, construída entre 1701 e 1707, é atribuída ao traço de João Antunes, arquitecto régio e, na altura, também da Casa do Infantado, provavelmente, por iniciativa do próprio rei D. Pedro II, muito devoto de Nossa Senhora do Cabo (Serrão e Serrão 1997, p. 122), ou do seu filho, o infante D. Francisco de Bragança, Senhor do Infantado e provedor da Irmandade da Senhora do Cabo. No entanto, a inscrição colocada sobre a porta principal da igreja afirma que a construção se fez a expensas dos fiéis: "NO ANNO DE 1701 SE COMEÇOV ESTA IGREJA DA SENHORA DO CABO DAS ESMOLAS DOS DEVOTOS EEM 16 DE IVLLO DE 1707 SET[E]RSLADOV A SENHORA". Também a atribuição a João Antunes não é consensual. "É certo que no risco arquitectónico não se atesta a habitual concepção erudita e barroquista de mestre João Antunes (*act.* 1665-1712), pelo que esta encomenda da Casa do Infantado surge mais alinhada com a tradicional fórmula seca dos estilos maneiristas típicos do «estilo chão» [...]" (Serrão e Serrão 1997, pp. 123–24).

A igreja apresenta planta rectangular, composta por nave única e abside. A nave tem as paredes revestidas a mármore branco e vermelho, criando um jogo rítmico de forte impacto visual, com quatro capelas laterais inter-comunicantes em cada uma das laterais e duas no topo a ladear o arco triunfal, nas quais se inserem

retábulos de talha policroma e dourada. Os retábulos, de mão vária, foram executados entre 1718 e 1722, a expensas dos vários círios, tendo sido reformulados em 1770, o que lhes conferiu uma maior uniformidade estilística no âmbito do barroco joanino. Nas laterais da nave, ao centro, erguem-se dois púlpitos também em talha.

Ao nível do segundo registo, apresentam-se, sobre as capelas, dez painéis emoldurados com pinturas a óleo sobre tela, figurando cenas da vida da Virgem: do lado do Evangelho, o Menino entre os Doutores, a Fuga para o Egipto, a Circuncisão, o Nascimento da Virgem e a Aparição de Cristo à Virgem; e, do lado da Epístola, a Assunção da Virgem, a Coroação, o Triunfo, a Agonia e a Morte da Virgem.

A capela-mor tem cobertura em falsa abóbada de aresta, a qual está pintada com motivos de simbologia Mariana no enquadramento de ampla cartela com firmamento, coroa, estrela de seis pontas e a inscrição "AVE MARIS STELLA". As paredes são seccionadas em três registos. No silhar inferior, corre silhar de azulejos azuis e brancos, datáveis de *ca.* 1730, com motivos vegetalistas e temática mariana identificada por inscrições em cartelas de volutas. No segundo registo, no lado do Evangelho, completa-se o ciclo da vida da Virgem com as representações da Adoração dos Magos, da Natividade e da Apresentação no Templo. Estas pinturas a óleo sobre tela terão sido feitas por volta de 1730 e por autor não identificado, embora sejam, eventualmente, atribuídas ao pintor Lourenço da Cunha. No lado da Epístola, ocupando toda a largura da parede, ergue-se a tribuna real, feita também, provavelmente, em 1730, ao mesmo tempo da reforma dos retábulos da nave. No último registo, pinturas murais enquadram janela das laterais.

Sobre o altar, paralelepipedico e com frontal de cantaria, ergue-se o retábulo de estilo nacional, em talha policroma de marmoreados, com quatro colunas torsas, assentes em mísulas e com capitéis coríntios, prolongando-se em quatro arquivoltas interrompidas, no fecho, pelo brasão com as armas reais. Ao centro, abre-se a tribuna com o trono, onde se encontra colocada a maquina com a imagem de Nossa Senhora do Cabo, sobre estrutura de talha dourada, integrando, ao centro, o sacrário. "Esta prodigiosa Imagem está em pé, e sustenta o Menino Jesus no braço esquerdo, e com a mão o une ao peito, enquanto que com a direita segura seu manto". (Santos 1857, p. 59) A primitiva da Senhora é a primitiva imagem da Ermida

da Memória, de onde, em 1707, foi solenemente trasladada para a nova igreja, onde se encontra inserida numa maquetina de prata oferecida pelo círio de Lisboa em 1680.

Em 1740, D. João V encomendou a pintura afresco da cobertura da nave, representando a Assunção da Virgem, ao pintor Lourenço da Cunha, constituindo a única que lhe sobreviveu. Em 1770, devido aos estragos provocados pelo Terramoto de 1755 na nave da igreja, foi mandada repintar a José António Narciso (Serrão e Serrão 1997) por encomenda e a expensas do rei D. José I. O recente restauro (Junqueira, p. 220, 2002) permitiu avaliar os repintes de José António Narciso, nas laterais, se limitou a reforçar algumas partes, acrescentando quadraturas sobre o original, mas que refez toda a zona central, de que apenas manteve o tema; as figuras das Virtudes, na banda baixa da abóbada, constituem a única faixa inalterada da pintura de Lourenço da Cunha. Trata-se de uma pintura de acentuado efeito ilusionístico, ao gosto barroco já na transição para o rococó, com um enquadramento arquitectónico perspectivado, abrindo sobre o espaço transcendente do céu luminoso, de tonalidades douradas onde se representa o tema triunfante e glorioso da Assunção da Virgem, acompanhada por uma corte de anjos, que acentuam o dinamismo ascendente de toda a composição. O tema, comum nas pinturas ilusionísticas dos tetos em espaços religiosos por permitir uma abertura elevada para os céus, estava também em conformidade com o espírito Tridentino na defesa do culto mariano.

1.2.3. Hospedarias

A campanha de obras no início do século XVIII incluiu as hospedarias desordenadas no terreiro face à igreja, sendo também chamado o arquitecto João Antunes para proceder à definição do espaço e normalização da arquitectura. Foram mandadas fazer novas casas, com lojas e sobrados, cuja construção se iniciou em 1715, substituindo as anteriores, tendo avançado gradualmente. Entre 1745 e 1760, em resposta à progressiva popularidade do círio e conseqüente afluência de romeiros, atingiu a dimensão actual. Neste período, o mestre pedreiro João Jorge terá sido o responsável por grande parte da construção (Serrão e Serrão 1997, p.

121). Em 1794, foi ampliada a ala norte, resultando num prolongamento maior em relação à ala sul e, por conseguinte, formando uma planta em U desigual.

As actuais hospedarias encontram-se simetricamente dispostas, em duas alas perpendiculares à igreja, formando uma ampla praça rectangular. "A arcaria que corre ao lado dos dois espaços consegue, sem recorrer a arranjos construtivos de perfil erudito, e utilizando antes processos de construção saloios (cobertura de quatro águas, etc.) imprimir ao conjunto do arraial [...] uma monumentalidade atingida por caminhos pouco comuns." (Serrão e Serrão 1997, p. 121) O topo oriental no eixo da igreja é aberto, erguendo-se, ao centro, um cruzeiro. Os edifícios, com volumetria e fachadas regulares e arcadas no piso térreo, têm uma arquitectura simples, tradicional da região saloia. De acordo com as inscrições colocadas na fachada das casas, a construção terá sido feita a expensas dos círios.

O carácter de sóbria monumentalidade resulta da forma como todo o conjunto foi projectado no espaço, criando, através do jogo de linhas contínuas definidas pelas arcarias, convergentes para o ponto de fuga centrado na igreja.

1.3. Círio do Cabo

A confraria de Nossa Senhora do Cabo foi instituída em 1432, embora os estatutos só tenham sido aprovados em 1672 (Leal 1873, 9, p. 136), sendo o respectivo compromisso (transcrito in Santos 1857, p. 42 e segs.) sido confirmado, primeiro, por Bula do Núncio apostólico em Lisboa, Francesco Ravizza, e, posteriormente, por Provisão do Cardeal D. Luís de Sousa.

À confraria, incumbia a responsabilidade de organizar o Círio. Frei Cláudio da Conceição, espelhando a narrativa da visão da luz e do achamento da imagem atribuída à fundação da confraria à iniciativa de dois romeiros que, no regresso do santuário:

"se inflammárão nos desejos de que todos fossem louvar a Mãe Santissima, e conferindo entre si o modo de o conseguirem, resolvêrão fallar aos seus naturaes para concorrerem a hum fim tão justo, e augmento do culto da Senhora; e na verdade o seu zelo surtiu o

desejado efeito, instituindo-se nestas duas Freguezias, (que são as primeiras do giro) o seu Círio e Romaria". (Conceição 1817, pp. 31–32)



Figura 6: Círio do Cabo (painel 7). Painel de azulejo azul e branco, século XVIII

Este terá sido o primeiro círio a organizar-se como "giro" (Penteado 1998, p. 107), ou seja, com uma itinerância efectuada entre várias freguesias, cada uma das quais, segundo uma ordem previamente determinada, assumia a obrigação de organizar o culto e a deslocação anual ao santuário durante o calendário estabelecido. A peregrinação fazia-se inicialmente a 15 de Agosto, festa da Ascensão, mas acabou por se fixar a 8 de Setembro, festa da Natividade da Virgem (Pato 2008, p. 122).

Os giros ao Cabo tiveram início apenas com freguesias da Caparica, alargando-se depois à zona de Lisboa. Nas *Memorias sobre a antiguidade das Romarias* (Santos 1857, pp. 35–36), são referidos oito Círios: o primeiro é o de Nossa Senhora do Monte da Cade Monte da Caparica, enquanto Alcabideche é a primeira das do Giro do Termo; o segundo "he o chamado do Termo, ou dos Saloios" (*id.*, p. 36); o terceiro, de Arrentela e Seixal; o quarto, de Almada; o quinto, de Lisboa; o sexto, de Palmela; o sétimo, das vilas de Azeitão e Sesimbra; o oitavo, o dos termos destas vilas.

O Círio do Termo, ou dos Saloios conheceu várias oscilações na sua composição até se fixar em 26 freguesias: Alcabideche, Carnaxide, Tojalinho, S. Pedro de Sintra, Belas, Loures, Carnide, Barcarena, Lousa, Santo Antão do Tojal, Oeiras, Benfica, São Domingos de Rana, São João das Lampas, Montelavar, Rio de Mouro, Belém, Cascais, Odivelas, S. Martinho de Sintra, Almargem do Bispo, Santo Estêvão das Galés, Igreja

Nova, Terrugem, Fanhões, Santa Maria e São Miguel de Sintra. Cada freguesia era obrigada a promover e a custear os festejos a cada 26 anos, consoante o ciclo do giro, celebrando a entrada e a saída das respectivas insígnias (Teixeira 1993, p. 105). Outras freguesias que integraram o Círio foram: a de Santa Maria dos Olivais, que participou uma única vez, em 1704; a de Bucelas, que abandonou em 1709; a de Unhos, que abandonou em 1711; a de Arranhol, em 1716; e a de Santo André de Mafra, em 1722 (*cf.* Santos 1857, p. 36).

Em regra, os rituais específicos dos Círios do Cabo incluem: a partida para o santuário antes da festa; as solenidades no santuário, incluindo o cortejo e os rituais da chegada, com três voltas em torno da igreja num ato de apropriação do espaço sagrado (Pato 2008, p. 165), a missa votiva e a procissão; a música do gaiteiro e as loas, geralmente em quadras de redondilha maior, cantadas ou declamadas pelos "anjos" durante a cerimónia da entrega das insígnias. Os anjos, trajados como soldados romanos, reproduziam a iconografia barroca do arcanjo São Gabriel (Pato 2008, p. 26). As loas, com títulos como *Vozes affectuosas na trasladação que faz o cirio* (1812), são uma das marcas mais relevantes do Círio, numa expressão dos sentimentos de tristeza, por parte da freguesia que passava o testemunho, e de alegria e expectativa por parte daquela que o recebia.

O Círio do Termo tinha um ritual próprio, embora muito idêntico ao dos restantes:

Nos primeiros Giros, o Cirio do Termo fazia a sua entrada no Sitio do Cabo ao som de trombetas e atabales [...] Os Festeiros com o seu Parroco [*sic*], e o Povo que seguia o Cirio ião logo render acções de graças á Santissima Virgem, collocavão a Bandeira que os tinha guiado, ao lado do seu Altar em quanto se ordenava huma devota Procissão, ao uzo, e costume muito antigo, levando a Imagem da Senhora até a Cruz, chamada de pregação, e ahi havia Sermão, e depois voltando para a Igreja começavão as Vesperas. No Domingo de manhã fazião outra Procissão mais longe, que chegava a hum Cruzeiro collocado ao pe do poço, e tornando para a Igreja, entravão á Missa com toda a solemnidade, e pregação. (Santos 1857, p. 40)

O Círio, no seu início, transportava uma bandeira que saía de uma freguesia e se deslocava ao Cabo, onde o testemunho era passado à freguesia seguinte. Em 1751, os romeiros da freguesia de São João Degolado da Terrugem ofereceram uma imagem peregrina. A partir daí, a bandeira passou a ser acompanhada por esta imagem (Leal 1873, p. 139), solenemente transportada numa berlinda. No entanto, a ida ao Cabo deixou de realizar-se em 1887, passando o transporte da imagem a fazer-se de freguesia para freguesia, sem passagem pelo Cabo.

De resto, a cronologia do Círio é marcada por continuidades e descontinuidades que reflectem o contexto histórico do país.

Durante o reinado de D. João I, no século XV, a zona sul foi poupada às pestes que assolaram o país, ao que se acreditava, por intercessão da Virgem do Cabo, aumentando a popularidade do culto e da peregrinação (Ferreira e Cabaça, 2011; Costa, 1899).

No século XVIII, o ouro do Brasil propiciou uma época de prosperidade económica e de afirmação do poder real, o que se reflectiu na grande campanha de obras implementadas no santuário e que se prolongaram até ao reinado de D. José, incluindo, não só a construção de um novo templo, mas também a construção de um aqueduto com casa de água e uma horta e a reorganização do espaço fronteiro à igreja com a construção de duas fiadas de habitações para os romeiros, numa arquitectura barroca, monumental e cénica. Registam-se, como excepcionais, os círios de 1770 e de 1784, a que assistiram, respectivamente, D. José e D. Maria, com as respectivas cortes, e que foram pretexto para grande volume de encomendas e obras, nomeadamente, de berlindas processionais, além da oferta de espectáculos de touros e enormes bodos aos romeiros. Por ocasião do círio de 1770, o rei dotou o tesouro com jóias para a imagem, alfaias de prata e paramentos bordados por José Camanha, bordador da casa real.

A imagem foi sendo objecto de sucessivas ofertas régias de coroas e ramos de ouro com pedras preciosas e mantos ricamente bordados a ouro:

Tem a Senhora muitas joias, entre ellas, um ramo de jasmins, de brilhantes, com as folhas de esmeraldas – duas corôas de ouro, cravejadas de brilhantes: ambas estas joias, dadas por D. José I. – Tem

mais, um ramo de brilhantes e um manto bordado a ouro, dados por D. Maria – um manto branco, bordado a ouro, também dado por D. José – um manto azul, bordado a ouro, dado pela rainha D. Carlota Joaquina [...]. (Leal, 1873, pp. 137–38)

O tesouro incluía, ainda, alfaias litúrgicas em prata e prata dourada e outros objectos em ouro e pedras preciosas (Leal, 1873, p. 139) das ofertas e ex-votos em agradecimento e homenagem à Virgem (Teixeira, 1993, p. 106). Este tesouro é conferido de cada vez que há um círio e dele se faz uma ata na paróquia onde chega, dando origem ao dito popular: "eu sou como a Senhora do Cabo, tudo o que tenho, trago".

A introdução da berlinda processional, um carro de aparato "sempre de decoração elaborada e que incluíam um habitáculo envidraçado para transportar a imagem, ou maquineta" (Pato 2008, p. 197), complexificou o ritual de transmissão das insígnias, e levou ao desenvolvimento dos cortejos de entrada, com grande número de cavaleiros e pajens, tornando-se um "símbolo máximo de luxo e ostentação nos círios" (Pato 2008, p. 197).

O primeiro período de declínio ocorreu no início do século XIX, na sequência das invasões francesas, em 1807, altura em que o tesouro foi delapidado, e da ida da corte para o Brasil, e em 1834, com a extinção das ordens religiosas, embora Pinho Leal firme que "A



Figura 7: Círio do Cabo. In *O domingo ilustrado: Notícias & actualidades graficas, teatros, sports & aventuras, consultorios & utilidades*, ano 3, n.º 141 (25 Set. 1927), p. 1.

devoção para com a Santíssima Virgem da invocação de Senhora do Cabo, não tem esfriado, apesar da descrença do século, e dos furibundos sermões e diatribes dos homens sem fé; e as festas da Senhora continuam a ser tão esplendidas e concorridas como antigamente" (Leal, 1873, p. 140).

A partir de 1887, o Círio deixou de ir em peregrinação ao Santuário do Cabo e a entrega das insígnias passou a realizar-se no próprio território das freguesias (Pato, 2008, p. 112).

No âmbito adverso da implantação da República, o Círio do Cabo, tal como a maioria dos círios, foi suspenso entre 1911 e 1925. O mesmo aconteceu depois, na sequência da Revolução de Abril, entre 1974 e 1978. Em 1979, freguesia de São Martinho de Sintra retomou a prática do Círio (Pato 2008, p. 247), a qual se mantém activa desde então, com a passagem das insígnias no território da própria freguesia e a obrigação da ida ao Cabo no ano em que se cumpre o giro.

Além deste, há notícia de "Outros Círios, que segundo o antigo costume sempre festejaram Nossa Senhora do Cabo" (Conceição 1817, pp. 52–54). Entre estes, regista-se o de Palmela e o de Sesimbra que continuaram a realizar-se até à actualidade, mantendo muitos dos procedimentos antigos (*cf.* Marques, 2007): a partida, com roupas, utensílios domésticos e mantimentos; as três voltas iniciais em torno do cruzeiro; a distribuição das chaves das casas e respectiva limpeza; o cumprimento das mulheres à "Dona da casa", que consistia na ida à igreja para rezar; o arranjo da igreja e do andor da Senhora do Cabo; o baile e os fados; no dia da festa, a alvorada de foguetes, a missa seguida de procissão, que passava junto às casas até à Ermida da Memória, onde se fazia uma paragem, e voltava pelo cruzeiro, parando depois junto à porta da igreja, onde se fazia a cerimónia de despedida; no final da peregrinação, novamente, três voltas em torno do cruzeiro. Eram também usuais, o ritual da "lavagem da cara", com um sentido lustral, o ritual de iniciação aos que participavam pela primeira vez na peregrinação, a "arrematação das bandeiras" ou um peditório para suportar as despesas, bem como os bailes, garraíadas, representações teatrais e jogos populares.

2. A requalificação do lugar e a persistência do culto

2.1. Requalificação e adaptação do santuário

O conjunto da igreja de Nossa Senhora do Cabo, casa dos círios e terreiro foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 37728, de 5 de Janeiro de 1950, tendo sido decretado zona "*non aedificandi*", pela Portaria, n.º 280, de 29 Novembro 1963. Durante a década de 1960, foram feitas obras pontuais e urgentes de consolidação do edificado, denunciando a necessidade de uma actuação de restauro mais global e articulado. Nesse sentido, em 1968, um grupo de arquitectos, encabeçados por Francisco Keil do Amaral, elaborou um projecto de recuperação de todo o conjunto. Os trabalhos tiveram início, mas avançaram de forma sincopada ao longo das décadas seguintes. Em 25 de Julho de 1986, um despacho conjunto do Ministro da Educação e Cultura, do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, e do Secretário de Estado do Turismo, criou um grupo de trabalho com representantes técnicos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), do Instituto Português do Património Cultural, da Direcção-Geral de Turismo e da Enatur, com o objectivo de estudar e avaliar o projecto de arquitectura de Keil do Amaral. O relatório final deste grupo previa que a ala sul, mantendo algumas habitações permanentes, fosse restaurada de forma a permitir a instalação dos serviços da Confraria do Cabo Espichel, uma hospedaria para acolhimento dos peregrinos e uma zona de serviços, enquanto, na ala norte, seria instalada uma pousada, além de oficinas de artesanato, um auditório público e um museológico. No entanto, a execução destes projectos foi dificultada pela inexistência de acordo com a Confraria, proprietária do espaço. A situação foi resolvida, em 1997, com a assinatura de um protocolo entre a Confraria e o Estado, que se tornou proprietário da ala norte, tendo como contrapartida a manutenção da ala sua e a recuperação de todo o santuário. Foi, assim, retomado o projecto de Keil do Amaral para a transformação da ala norte numa pousada, ampliada até ao limite norte da igreja, e que ficará integrada na rede da Enatur e que passa a ser responsável pela gestão integral do complexo. Ao Estado, competia assegurar o apoio técnico à reabilitação e, à Câmara Municipal de Sesimbra, a manutenção e melhoria das infra-estruturas urbanas. Não obstante, as intervenções de que o conjunto foi sendo alvo,

com obras literalmente de fachada, não evitaram o estado de degradação das instalações, para lá das portas e janelas entaipadas nas alas das hospedarias.

Em Dezembro de 2016, o Governo, numa iniciativa conjunta dos ministérios da Economia, Cultura e Finanças, lançou o projecto "Revive" para recuperar e valorizar património histórico através do turismo: um conjunto de monumentos, como mosteiros, conventos, castelos e fortes, em processo de degradação ou de difícil gestão e rentabilização, seriam objecto de concurso público para passar a respectiva concessão a grupos privados. Com um apoio financeiro específico, gerido pelo Turismo de Portugal, é transferida, para os privados, a responsabilidade pela reabilitação e pela manutenção dos edifícios, mas também a obrigação de proceder à respectiva utilização e abertura ao público. Ou seja, o Estado mantém a propriedade dos edifícios e concessionaria a sua exploração turística a privados, com a contrapartida da respectiva recuperação, o que permitirá uma maior fruição desses espaços. Esta proposta está de acordo com o disposto na *Carta de Veneza*: "A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta afetação é, pois, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição e a decoração dos edifícios". (ICOMOS, 1964)

O santuário do Cabo faz parte do núcleo inicial dos monumentos abrangidos pelo projecto "Revive". A área a afectar à utilização turística é a ala norte das antigas hospedaria, sem comprometer a estrutura monumental e a respectiva espacialidade. A ala sul, propriedade da Igreja, que se encontra quase integralmente encerrada e num estado de visível degradação, deverá manter a funcionalidade religiosa de apoio aos peregrinos, numa altura em que o Círio também parece revitalizar-se.

2.2. Círio do Cabo 2017

A freguesia de Carnide integra-se neste Círio, como atestam os apontamentos sobre as caminhadas dos círios que, em 1811, "Loures conduz a imagem do Cabo, festeja-a e entrega-a a Carnide" (Vasconcelos, 1985, p. 321) e, dois giros depois, quando "em 1864 Carnide leva a bandeira para o Cabo e entrega-a a Barcarena, Barcarena recebe de Carnide a bandeira no cabo, e condu-la à sua freguesia" (Vasconcelos, 1985, p. 322). A presença de Carnide nestes giros é também documentada pelas loas *Vozes affectuosas (Vozes Affectuosas Na Trasladação Que*

Faz o Cirio Da Freguezia de S. Lourenço de Carnide Da Milagrosa Imagem de N. S. Do Cabo Para a Sua Igreja 1812; Vozes Affectuosas Com Que Os Tres Anjos Convidão Os Moradores de Carnide a Virem Acompanhar e Adorar a Virgem Senhora Do Cabo, n. d.) e Hymnos sagrados (Cascaes, 1863), que iniciam com uma exortação:

Exulta Carnide. Victória, Victória!
Findára-se o tempo d'amarga saudade.
Após anos tantos, volvidos em trevas,
Já dias apontam de mór claridade [...]. (Cascaes, 1863)

Esta loa, recitada por três anjos, evoca ainda os 26 anos de espera, período em que a população de Loures ficaria "oprimida e saudosa da imagem" depois de a entregar Carnide.

Em 2017 acontece, novamente, a transição do Círio entre Loures e Carnide. Loures recebeu a imagem da Senhora do Cabo a 1 de Outubro de 2016, na paróquia de Belas. As loas foram cantadas na igreja de S. Pedro em Belas e à chegada a Montemor que marca a entrada da imagem na freguesia de Loures, acompanhada por um cortejo que incluía uma comitiva a cavalo e em charretes, e, novamente, junto aos Bombeiros de Loas, onde se iniciou o Círio a pé até à igreja matriz. Durante o tempo de permanência em Loures, a presença da Senhora do Cabo foi pretexto para uma série de eventos, articulando o sagrado e o profano: itinerância da imagem pelas igrejas da freguesia, eventualmente, coincidindo com as festas dos respectivos patronos. No dia 26 de Março, Domingo, Loures cumpriu a peregrinação ao Cabo Espichel, retomando a tradição interrompida em 1887: os peregrinos partiram na véspera, a pé, cumprindo aproximadamente o antigo itinerário com a travessia do rio em Belém, e dormiram na Charneca de Caparica, por ser o lugar das antigas quintas onde os peregrinos costumavam pernoitar; no domingo, partiram para o Cabo, onde se juntaram aos peregrinos que acompanhavam a imagem, transportada numa camioneta.

A transferência para Carnide coincidiria com o final das festas em honra de Nossa Senhora da Luz, mas, tal não aconteceu por decisão da autoridade religiosa, mas também porque a comunidade local se identifica com a festa de Nossa Senhora da Luz que radica em fenómenos e manifestações culturais muito idênticos entre si. "In

Carnide, which is included in the *giro* far from its beginnings, the mark of the *círio* was supplanted by the local relevance of the feast of the Light" (Roque e Forte, 2017, p. 380). Face à excentricidade do *círio* e à sazonalidade do *giro*, o culto a Nossa Senhora da Luz, em Carnide, é contínuo, a imagem permanece na igreja e sai em procissão anualmente, numa romaria que também se realiza no final de Setembro, coincidindo com o fim da feira e das festas do bairro, num registo, simultaneamente, religioso e profano, que sublinham a identidade do lugar (*id. ibid.*).

Face à recusa de Carnide, o *giro* passou para a freguesia de Arranhó, que fizera parte do grupo inicial de 30 freguesias, mas havia abandonado o *giro* em 1716 (Santos, 1857, p. 132). evidenciando novas alterações no *giro* e no *círio*, mas também a sua vitalidade.

A dupla conjuntura da requalificação do espaço do santuário e da reformulação das freguesias que integram o *Círio* configuram uma nova fase no culto a Nossa Senhora do Cabo. Os peregrinos vão repartir o espaço do santuário com a presença de um turismo laico, que, por um lado, vai alterar o sentido intrínseco do lugar, mas, por outro, irá permitir a manutenção do conjunto arquitectónico, ainda que adaptado às novas contingências de utilização. No que respeita ao *giro*, regista-se uma crescente apropriação dos aspectos exteriores do culto pela autoridade civil, autárquica, acrescentando-lhe uma componente profana, a qual, em última instância, lhe assegura a continuidade.

Na teoria das religiões, é consensual o conceito da mudança, mesmo mantendo o eixo da tradição dogmática. Cruzando religião e cultura, sublinha-se o mesmo princípio de contínua transformação: "Culture must be continuously produced and reproduced by man. Its structures are, therefore, inherently precarious and predestined to change" (Berger, 1990, p. 6). Nesse sentido, as transformações assinaladas ou pressentidas em torno deste culto, eliminando ou alterando alguns aspectos formais ou de sentido, podem ser entendidas, não como ameaça, mas como um processo essencial à sua continuidade e persistência.

Referências bibliográficas:

- Álvaro, Alexandre Borges. 2010. "Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: Sentido para um Restauro." Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Acedido em <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4694>
- Berger, Peter L. 1990. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York: Anchor Books.
- Bluteau, Rafael, e António de Morais Silva. 1789. *Diccionario da Lingua Portuguesa, Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado e Accrescentado por Antonio de Moraes Silva ...* Lisboa: Oficina de S. T. Ferreira.
- Carvalho, António Rafael. 2009. "A Antiguidade Tardia e a Islamização na Costa Sesimbrense." In *O Tempo Do Risco: Carta Arqueológica de Sesimbra*, editado por Calado Manuel, Gonçalves Luís, Francisco Rui, Alvim Pedro, Rocha Leonor, e Fernandes Rosário, pp. 172–91. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Cascaes, Joaquim da Costa. 1863. *Hymnos Sagrados... na Recepção da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Cabo e sua Condução á Freguezia de S. Lourenço de Carnide, em Maio de 1863: Loas*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Chélini, Jean, e Henry Branthomme. 2008. *Les Pèlerinages dans le Monde, à Travers le Temps et l'Espace*. Paris: Éditions A. et J. Pickard.
- Chevalier, Jean, e Alain Gheerbrant. 1990. *Dictionnaire des Symboles Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. Éd. revue. Paris: Laffont.
- Coelho, António Borges. 1994. "O Domínio Germânico e Muçulmano." In *O Livro de Lisboa*, editado por Irisalva Moita, pp. 75–88. Lisboa: Livros Horizonte.
- Conceição, Cláudio da. 1817. *Memória da Prodigiosa Imagem da Senhora do Cabo: Descrição do Triunfo com que os Festeiros, e Mais Povo de Benfica a Conduziram à sua Parochia em 1816, para a Festejarem em 1817*. Lisboa: [s. n.].
- Costa, Diogo Francisco Piedade. 1899. *A Luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Typ. da Comp. Nac. Ed.
- Dias, José de Oliveira. 1956. "Notre Dame Dans la Piété Populaire Portugaise." In *Maria: Études sur la Sainte Vierge*, editado por Hubert du Manoir, pp. 611–46. Paris: Beauchesne.

- Fernandes, José Manuel, e Maria de Lurdes Janeiro. 1991. *Arquitectura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Ferreira, Alcino, e Ana Cabaça. 2011. "Santuário de Nossa Senhora Do Cabo Espichel." *Revista Arquitectura Lusíada*, no. 3, pp. 41–48.
- Freire, João Paulo. 1926. *Lôas e Círios no Concelho de Mafra: O Círio de Todos os Santos e o Círio da Senhora da Nazareth*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- Gandra, Manuel J. 2004. *Círios de Nossa Senhora do Cabo Espichel: Aspectos Míticos Simbólicos*. São Martinho: Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espiche.
- Guimarães, José Ribeiro. 1872. *Summario de Vária História: Narrativas, Lendas, Biographias, Descrições de Templos e Monumentos, Estatísticas, Costumes Civis, Políticos e Religiosos de Outras Eras*. Vol. 1. [Lisboa]: Rolland & Semiond [distrib.].
- ICOMOS. 1964. "Venice Charter (Versão Portuguesa)." Veneza. Acedido em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>
- Junqueira 220. 2002. "Igreja do Cabo Espichel: Recuperação de um Interior." *Monumentos*, no. 16, pp. 123–27.
- Leal, Augusto de Pinho. 1873. *Portugal Antigo e Moderno : Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias*. Vol. 9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira.
- Lockley, Martin G., Christian A. Meyer, e Vanda Faria dos Santos. 1994. "Trackaway Evidence for a Herd of Juvenile Sauropods from the Late Jurassic of Portugal." *Gaia*, no. 10, pp. 27–35. Acedido em http://www.cm-sesimbra.pt/geocircuito/wp-content/uploads/2013/12/1994-Lockley-et-al-Gaia10_herd.pdf
- Manuel, Calado, Gonçalves Luís, Francisco Rui, Alvim Pedro, Rocha Leonor, e Fernandes Rosário. 2009. *O Tempo do Risco: Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Marques, Luís. 2007. *O Paraíso "no Fim do Mundo": O Culto de Nossa Senhora Do Cabo*. Lisboa: Sextante.
- Pato, Heitor Baptista. 2007. "O Culto a N. Sra. do Cabo: Seis Séculos de Devoção e

- Festa." In *O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais*, pp. 12–39. Lisboa: Museu Nacional dos Coches.
- . 2008. *Nossa Senhora do Cabo: Um Culto nas Terras do Fim*. Lisboa: Artemágica.
- Penteado, Pedro. 1998. *Peregrinos da Memória: O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.
- Pereira, Fernando António Baptista. 2014. "O Santuário do Cabo Espichel: A Lenda, o Espírito do Lugar e o Modo de os Dar-a-Ver." *Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Paisagens e Pessoas* 1 (1), pp. 116–25.
- Pereira, Paulo. 2004. *Lugares Mágicos de Portugal: Cabos do Mundo e Finisterras*. Vol. 5. [Lisboa]: Círculo de Leitores.
- Roque, Maria Isabel Rocha, e Maria João Forte. 2017. "The Festivities of the Light of Carnide: A Persistent Authenticity." In *Sharing Cultures 2017: Proceedings of the 5th International Conference on Intangible Heritage, 2017*, editado por Sérgio Lira, Rogério Amoêda, e Cristina Pinheiro, pp. 375–83. Barcelos: Green Lines Institute for Sustainable Development.
- Santa-Maria, Agostinho de. 1707. *Santuário Mariano, e Historia das Image[n]s Milagrosas de Nossa Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas, em Graça dos Prêgadores, & Dos Devotos Da Mesma Senhora...* (t. 2). Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galrao.
- Santos, Francisco Ildefonso dos. 1857. *Memórias sobre a Antiguidade das Romarias, e da Romaria ao Sítio de Nossa Senhora Do Cabo [Manuscrito]*.
- Serrão, Eduardo Cunha, e Vítor Serrão. 1997. *Sesimbra Monumental e Artística*. 2.^a ed. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Teixeira, Vasco Valadares. 1993. "Círios da Estremadura." In *Tradições*, editado por Joaquim Pais de Brito, pp. 103–113. Lisboa: Pomo.
- Vasconcelos, José Leite de. 1985. *Etnografia Portuguesa*. Vol. 9. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Vozes Afectuosas com que os Tres Anjos Convidão os Moradores de Carnide a Virem Acompanhar e Adorar a Virgem Senhora do Cabo*. n.d. Lisboa: Imp. Regia.

Vozes Afectuosas na Trasladação que Faz o Círio da Freguezia de S. Lourenço de Carnide da Milagrosa Imagem de N. S. Do Cabo para a Sua Igreja. 1812. Lisboa: Imp. Regia.

RESUMO

O Círio de Nossa Senhora do Cabo, ou Círio dos Saloios, é uma peregrinação feita anualmente, desde o século XV, entre a região saloia, nos arredores de Lisboa, até ao santuário do Cabo Espichel. Pretende-se analisar a forma como esta prática religiosa, a que se associam actividades profanas, tem evoluído e como é vivida na actualidade, identificando as motivações de quem o procura, entre a devoção e o lazer. Procura-se, ainda, compreender os efeitos do turismo no sentido do lugar, considerando a projectada reconversão das antigas hospedarias de peregrinos em unidade hoteleira. O estudo, de carácter qualitativo e descrito, baseia-se numa revisão da literatura a partir de fontes históricas, complementado com entrevistas não estruturadas e observações participantes. Na sequência da constatação da revitalização do culto, recuperando tradições abandonadas, enquanto outras se perdem ou são modificadas, conclui-se que a transformação do culto pode ser entendida como um factor que contribui para a sua continuidade.

Palavras-chave

Círio; círio de Nossa Senhora do Cabo (ou dos Saloios); culto mariano; peregrinação; turismo religioso

ABSTRACT

The *Círio* of Our Lady of the Cabo, also known as *Círio dos Saloios*, has been a pilgrimage since the XV century, far from the sanctuary at cap Espichel to the far away rural communities of the neighbouring diocese of Lisbon. It is intended to analyse how this religious practice, associated with profane activities, has been evolving through time and pilgrims are experiencing it, identifying their motivations, between devotion and leisure. An attempt is made to understand the effects of

tourism in the place perception, considering the projected reconversion of the old pilgrims' inns into a hotel unit. The qualitative descriptive research is based on a review of the literature, including historical resources, complemented with unstructured interviews and participant observations. Recognizing the religious cult's revival, which had been recovering abandoned traditions, while others are lost or modified, it is concluded that the transformation of the cult can be understood as a factor that contributes to its continuity.

Keywords

Círio of Our Lady of the Cabo (or *Círio dos Saloios*); Marian cult; pilgrimage; religious tourism; taper.

NOTA – As imagens que ilustram este artigo foram gentilmente cedidas pelas autoras.

***SENHORA DO CABO: SANTUÁRIO,
CULTO E TURISMO
ENTRE A TRADIÇÃO E A
TRANSFORMAÇÃO***



Santuário do Cabo

***Maria Isabel Roque
Universidade Europeia
Universidade Católica Portuguesa
CIDEHUS – Universidade de Évora***

***Maria João Forte
Universidade Europeia***

Introdução

O tema da luz é transversal a vários domínios religiosos e míticos. Em confronto com as trevas, a luz é o signo do conhecimento. No *Livro do Génesis*, a exortação "Fiat Lux" (Faça-se Luz) provoca a organização do caos, enquanto, no Novo Testamento, a luz primordial é identificada com o Verbo (Jo 1-9), assumindo um sentido idêntico ao que se regista nas mitologias chinesa e indiana, embora estas tendam a especular acerca da oposição entre um deus solar e as forças tenebrosas (Chevalier & Gheerbrant 1990, pp. 585–87). No Antigo Testamento, a luz é referida com o sentido de vida (Sl 36-10) e felicidade (Sl 4-7) concedidas por Deus. Deus é, Ele próprio, associado à luz salvífica, nas palavras de David: "O Senhor é a minha luz e salvação" (Sl 27-1). Este sentido prolonga-se à figura do Filho no Novo Testamento, onde a luz tem um sentido messiânico, enquadrado pela profecia de Isaías – "mudarei diante deles as trevas em luz" (Is 42-6), confirmada pelas palavras de Simeão: "[...] pois os meus olhos já viram a tua salvação, a qual tu preparaste ante a face de todos os povos; luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel" (Lc 2, 30-32). A analogia criada entre Cristo e a luz fundamenta a simbologia da luz e, por conseguinte, a presença dos círios ou das velas no ritual religioso, seja ela de cariz litúrgico ou devocional.

¹ Nota Biográfica de Maria Isabel Roque - Doutorada em História. Professora Auxiliar na Universidade Europeia – Laureate International Universities e na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Investigadora no CIDEHUS-UÉ - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora, na linha "Património e diversidade cultural". É autora e co-autora de livros, capítulos de livros e artigos, e co-editora de catálogos de exposições. Os interesses de investigação cruzam as áreas da história da arte, estudos de museu, turismo cultural e humanidades digitais. orcid.org/0000-0002-2258-8904.

² Nota Biográfica de Maria João Forte - Doutorada em Estudos Portugueses, especialização de Estudos de Cultura. Professora Auxiliar na Universidade Europeia – Laureate International Universities, em Lisboa. É autora e co-autora de livros, capítulos de livros e artigos. Os interesses de investigação incluem as novas tradições no enquadramento das ciências sociais aplicadas ao turismo cultural, incluindo os hábitos alimentares e o calendário das festas, enquanto atracções turísticas e património intangível.

"Círio" era a designação que se dava à "tocha grande de cera" (Bluteau & Silva, 1789, pp. 276) que os devotos levavam nas procissões e, por extensão, passou a designar também a "Festa de romagem para levar o Círio a algum Santo" (*Id., ibid.*). O círio é transportado pelo grupo de peregrinos e é depositado sobre o altar da Virgem (Dias, 1956, p. 617); comumente ornamentado com motivos alusivos à peregrinação, representa simbolicamente toda a comunidade envolvida no culto, pelo que a designação se estendeu ao próprio "acto de conduzir a um determinado sitio" (Freire, 1926, p. 15).

Os círios são peregrinações anuais e colectivas de fiéis de uma determinada localidade, previamente fixada, que se deslocam a um santuário segundo um ritual próprio (cf. Penteado, 1998). Integram-se, assim, no fenómeno universal das peregrinações (Chélini & Branthomme, 2008), implicando a deslocação a um espaço sagrado, com uma motivação espiritual, invocativa ou gratulatória. Acerca do Círio do Cabo, Pinho Leal confirma que "ao principio, todas as romarias eram annuaes, e cada uma tinha uma grande tocha (*cirio*) que accendia durante a sua festa. É por isso que a estas romarias se dá o nome de *cirios*" (Leal, 1873, p. 136).

A origem dos círios em Portugal remonta ao século XVI, ainda que a designação só tenha surgido no século XVIII, sendo que Frei Agostinho de Santa Maria já os refere no *Santuário Mariano* (Santa-Maria, 1707, pp. 85 e 139-140).

Embora se registem noutras zonas do país, os círios concentram-se na região estremenha. Leite de Vasconcelos (1985) refere o rio Tejo como a linha que demarca, na margem direita, o da Nossa Senhora da Nazaré e, na esquerda, o da Senhora do Cabo, ambos obedecendo a um percurso de freguesia em freguesia:

[...] um círio um ano por um povo e no outro por outro; o que celebra numa, entrega a bandeira, que tem pregada a imagem de papel, ao que vai celebrar na seguinte. Há de cada vez dois círios: da freguesia que leva a bandeira ao santuário e a entrega; da freguesia que a recebe e a conduz à igreja. São, portanto, duas espécies: em giro e anuais. (Vasconcelos, 1985, p. 310)

O Círio de Nossa Senhora do Cabo designa a peregrinação que, desde o século XV, é efectuada pelas comunidades rurais nas imediações de Lisboa para o santuário mariano no Cabo Espichel.

Neste estudo, pretende-se descrever a evolução da tradição deste Círio e da devoção a Nossa Senhora do Cabo, através da documentação e estudos existentes, e avaliar o seu impacto na sociedade contemporânea, observando a forma como, na actualidade, as comunidades e os indivíduos reagem à prática deste culto, como o percebem e vivenciam e, também, como o aproveitam e lhe adicionam outras práticas, entre o sagrado e o profano. O estudo assenta num método qualitativo e descritivo, substancialmente baseado numa revisão de literatura, complementada com entrevistas não estruturadas aos peregrinos e observações participantes das manifestações externas do culto e da forma como as populações vivenciam estes fenómenos e aos habitantes, efectuadas desde 2015.

A Biblioteca Nacional de Portugal conserva o manuscrito *Memórias sobre a Antiquidade das Romarias, e da Romaria ao Sítio de Nossa Senhora do Cabo*, de provável autoria de Francisco Ildefonso dos Santos e datado de ca. 1857, o qual constitui uma fonte primária, ainda que tardia, para este tema e a que se associa a *Memória da Prodígiosa Imagem de Nossa Senhora do Cabo*, de Frei Cláudio da Conceição. Frei Agostinho de Santa Maria, no tomo II, livro. da obra *Santuário Mariano*, consagra-lhe o capítulo "Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Cabo" (pp. 474-479). Na segunda metade do século XVIII, altura em que os círios ganhavam um novo fôlego, Ribeiro Guimarães (1872, pp. 194–215), Pinho Leal (1873, pp. 135–40) e Piedade e Costa (1899), embora muito subsidiários dos textos anteriores, fizeram descrições detalhadas acerca do culto prestado à Senhora do Cabo e do seu santuário. O santuário e o círio têm vindo a ser exaustivamente estudados e divulgados por Heitor Baptista Pato, a partir de fontes documentais, mas também de referências literárias e jornalísticas e de que se cita, como principal referência, a obra *Nossa Senhora do Cabo: Um Culto nas Terras do Fim* (Pato 2008). O trabalho de investigação documental e de terreno desenvolvido por Vasco Valadares Teixeira (1993) acerca dos círios da Estremadura fornece uma informação antropológica relevante acerca do círio do Cabo. Mais recentemente, Luís Marques (2007) elabora um exaustivo trabalho de síntese e de enquadramento teórico acerca do tema, a que

anexa uma alargada componente iconográfica, com fotos de arquivo e registos do autor. Os estudos de Pedro Penteado (1998), embora incidam sobretudo sobre o santuário de Nossa Senhora da Nazaré e o círio da Prata Grande que aí ocorre, constituem, por seu turno, uma imprescindível análise acerca das origens, motivações e desenvolvimento dos círios e das suas expressões rituais e devocionais.

1. História

1.1. Lenda da Senhora do Cabo e as origens do culto

A origem desta peregrinação é evocada nas narrativas inscritas nas lendas relativas a um acontecimento extraordinário ocorrido no início do reinado de D. João I, as quais imprimem uma marca etiológica à prática cultural. Analisadas no seu conjunto, é possível detectar elementos comuns: uma luminosidade intensa, ou uma aparição da Virgem, só ou com o Menino ao colo, montada numa mula, no promontório inóspito e desabitado, aonde acorrem indivíduos oriundos de localidades situadas no termo da capital.

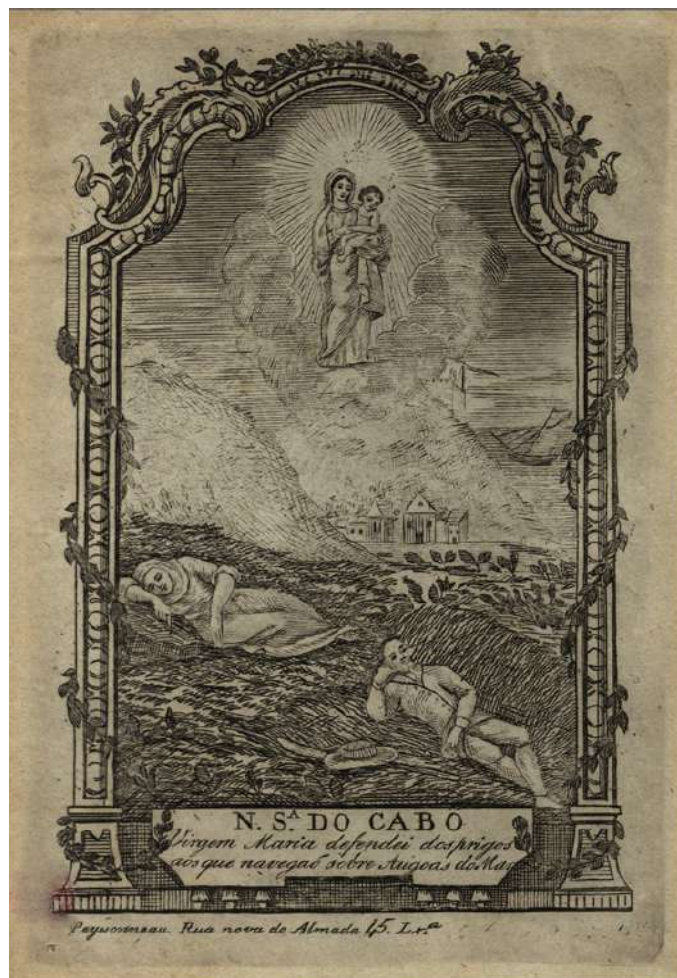


Figura 1: Nossa Senhora do Cabo.

Água-forte.

Insc.: N. S.ª do Cabo / Virgem Maria defendei dos prigos aos que navegat sobre Angraos do Mar. // Peyssoneau, Rua Nova do Almada 45 Lx

No *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria, a lenda da aparição é associada às pegadas inscritas na pedra das falésias do promontório onde se ergue o santuário:

[...] afirmão que a Senhora apparecèra na praya que lhe fica em baixo da mesma penha, aonde se edificou a Ermidinha, & que apparecèra sobre hu[m]a jumentinha, & que esta subira pela rocha assima, & que ao subir hia firmando as mãos, & os pès na mesma rocha, deixando impressos nella os vestigios das mãos, & pès [...].
(1707, p. 474)

Estas marcas correspondem a uma jazida de icnofósseis do período Jurássico superior (\pm 150 M. a.), nomeadamente, vários conjuntos de trilhos deixados por dinossáurios saurópodes e terópodes (Lockley, Meyer & Santos, 1994), mas que, sendo conhecidas desde o século XIII, foram interpretados como as pegadas da *mua* (termo que, em português arcaico, designava mula ou jumenta) que transportava a Virgem.

O códice atribuído a Francisco Ildefonso dos Santos refere duas tradições acerca do aparecimento da Virgem, sendo que "a primeira he a que escrevêo Fr. Agostinho de S. Maria, no seu Sanctuario Mariano" (1857, vol. 11). A segunda relata os sonhos prodigiosos de "um ditoso Velho da Freguesia de Alcabedeche" (*id.*, p. 20) e de uma mulher³ que se apresenta como sendo também "de idade já bem avançada" e "do lugar de Caparica" (*id.*, p. 22), em que ambos viam uma "luz sempre fixa sobre o Promontório do Cabo" (*id.*, *ibid.*). Tendo, cada um por si, decidido ir ao encontro da luz, encontraram-se e dirigiram-se juntos ao promontório; ao cair da noite, decidiram descansar, mas o velho não resistiu a continuar e "levantando-se, divisa a mesma luz, que tanto o maravillára no principio, mas agora ainda maior e mais brilhante como a mais bella estrêla" (*id.*, p. 23). Chamou a mulher e "Ella chegando reconhece igualmente aquella misteriosa luz" (*id.*, *ibid.*). Ao chegarem ao Cabo, "à vista da Luz mais pura, e da claridade mais perfeita", vêem "a Imagem da Santissima Virgem com

³ A confirmação de um sonho prodigioso por uma outra testemunha não é inédita: também na lenda de Santa Maria das Neves, a visão da Virgem foi partilhada pelo patrício João e mulher e pelo papa Libério.

o Menino Jesus nos braços [...] junto a hum escarpado rochedo, e alta penedia que dava sobre o mar" (*id.*, p. 24).

Frei Cláudio da Conceição, num texto repleto de alusões bíblicas, associa a visão da luz à visão mosaica da sarça ardente: "como Moisés, quando o Senhor lhe appareceu em Madian do meio da Çarça, que ardia sem se consummir" (1817, p. 13). Posteriormente, depois de ter encontrado uma mulher da Caparica que tivera o mesmo sonho, o homem dirigiu-se ao Cabo Espichel onde "vê acordado, o que gozou dormindo: vê a Luz mais pura, goza da claridade mais perfeita. Sim, vê a Prodigiousa Imagem da Mãi de Deos" (*id.*, p. 15), pelo que, de imediato, "se prostra junto a ella reverente [...]; e conhecendo ser vontade de Deos, que se desse Culto á sua Santissima Mãi naquelle lugar retirado, na solidão do deserto assim o prometem, e se tem praticado até ao presente" (*id.*, pp. 15-16).

Outra variante desta lenda, relaciona esta visão, tida por um casal de anciãos, a uma outra, datada do século XIII, relativa à aparição e milagre ocorridos na Arrábida: "Tudo leva a crêr que a Mão mysteriosa da Providencia tivesse preparado um tal acontecimento, bem como os acontecimentos posteriores" (Costa 1899, p. 10). Segundo esta lenda, um barco em perigo no meio de uma tempestade teria sido salvo por intermédio de uma imagem da Virgem a quem os marinheiros rezavam, tendo o milagre da súbita bonança sido assinalado por uma luz intensa no alto da falésia e proveniente da imagem da Virgem, que subia agora o promontório montada numa mula: "Sabe-se que a Serra da Arrabida foi miraculosamente illuminada pelo clarão da luz extraordinaria [...] na noite em que a Imagem de Nossa Senhora da Arrabida salvou os navegantes [...]" (Costa 1899, p. 10).

As referências à aparição da Virgem determinam a ocorrência das várias designações: de Nossa Senhora do Cabo, em referência ao local da aparição; de Nossa Senhora da Pedra da Mua, ou mula, remetendo para o animal que a Virgem montava; do termo de Lisboa ou dos Saloios, em alusão à origem dos peregrinos. Para além destas designações, encontramos ainda a de Círio Real, apontando para a presença de monarcas e respectivas dádivas, e a do Círio do Bodo, remetendo para a refeição colectiva que fazia parte da festa. Manuel Gandra (2004) defende que a designação Pedra da Mua constitui uma ressonância do nome arcaico *mu* para designar um continente perdido, constituindo, por isso, uma alusão à Atlântida, o que estaria

justificaria a iconografia do dilúvio universal em dois painéis de azulejo na matriz do Monte da Caparica. Paulo Pereira (2004) relaciona os topónimos com radical em *mu* com elevações, montanhas ou penhascos.

O culto a Nossa Senhora do Cabo remonta a meados do século XIV (Pato, 2007, 2008). No entanto, este lugar, um promontório virado a ocidente, num espaço limítrofe entre a terra e o mar, constitui o centro de sucessivas referências culturais que remontam à época pré-histórica (cfr. Manuel *et al.* 2009). No promontório entre a vila de Sesimbra e o cabo Espichel, existem grutas de diferentes morfologias, onde têm sido encontrados vestígios de rituais nas grutas desde os primórdios do Neolítico (Manuel *et al.* 2009). Consubstancia-se, aqui, o conceito de lugar sacralizado, cosmológico e hierofânico, ao mesmo tempo que se inscreve no modelo de uma imaginária Atlântida enunciada por Platão e recorrente no pensamento mitológico ocidental (P. Pereira 2004; Gandra 2004).

A ocupação das grutas, entre os séculos VI a VII, documenta a presença de monges anacoretas do período visigótico, cujo modelo de ocupação territorial se manteve activo nos séculos seguintes, já durante a ocupação árabe (Carvalho 2009) e pode indiciar os primórdios do culto mariano no território (Álvaro 2010, p. 27). Nos séculos IX e X, formaram-se, nesta zona, cenóbios-fortaleza, ou morábitos (em Árabe, *al-râbita*, convento fortificado para guardar fronteiras) (Carvalho, 2009). Estes cenóbios, também designados como cubas, eram construções de pequenas dimensões, de forma cúbica e cobertura de meia esfera, sendo particularmente comuns em zonas costeiras. Na Lapa do Fumo, situada a meia encosta das escarpas entre Sesimbra e o Cabo Espichel, foram encontradas moedas árabes datadas do século XII, que parece terem sido deposições votivas (P. Pereira 2004, p. 116). A sua presença nesta zona indicia cultos e rituais, incluindo cortejos processionais que, cristianizados, poderão estar na origem da peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Cabo. Assim sendo, considerando a presença moçárabe em regiões próximas de Lisboa, após a conquista da cidade em 1147, o culto cristão com peregrinação remonta aos últimos tempos da ocupação muçulmana.

A continuidade cronológica do culto que aqui se regista estende-se à Estremadura, abrangendo as duas margens do Tejo (Pato 2008), ou, como esclarece Borges Coelho (1994), o território compreendido entre a península de Setúbal e

Santarém, incluindo Almada, Palmela, Alcácer, Lisboa e Sintra. Uma das marcas identitárias associada a este território é o carácter específico das peregrinações enquadradas, a norte, pelo Círio de Nossa Senhora da Nazaré e, a sul, pelo Círio de Nossa Senhora do Cabo.

Sabendo como os "cabos do mundo" são fundamentais referências religiosas das comunidades e demarcam o espaço sagrado (interior) do profano (exterior), o espaço dominado do espaço desconhecido, assim se poderá dar todo o significado de instauração de uma fronteira protectora, ou de delimitação dos limites da "sua terra", a estes dois pontos [...].
(Fernandes e Janeiro 1991, p. 19)

São, por conseguinte, estes os factores que definem a fisionomia cultural do Cabo Espichel: por um lado, a continuidade da utilização religiosa, num processo de assimilações e adaptações sucessivas; por outro, a integração num território que, genericamente, coincide com a região da Estremadura.

1.2. Santuário do Cabo

No século XIV, uma primitiva ermida assinalava o presumível lugar da aparição da Virgem, sendo já noticiada como lugar de romaria.

Corria o anno de 1390, quando ElRei D. João 1.^o fez merce a Diogo Mendes de Vasconcellos, da Commenda de Cezimbra, este vendo por alguns anos, a concorrência de muitos Povos àquella Ermida, que está no terreno da sua Commenda, e pela muita amizade, e conhecimento que tinha do bom viver dos Religiosos Carmelitas de Lisboa, lhes rogou fossem habitar aquelle sitio, e servissem a Ermida de Santa Maria da Pedra de Mua [...] e que para sua subsistencia lhes fazia doação de todo aquelle terreno [...]. Foi feita esta doação no anno de 1414. Mas os Religiosos que para alli foraõ, não podendo sopportar os rigores do tempo, e a solidão do sito, protestaraõ pela sua saude e o desampararaõ. (Santos 1857, pp. 30–31)

Com o sítio novamente ao abandono, "o dito Commendador recorreo aos Padres Religiozos de S. Domingos de Bemfica [...], para que fossem habitar naquele santo Logar, e assentindo a isso os ditos Padres com grande satisfação do Commendador, este logo lhes passou Carta de doação, que foi feita aos dezoito dias de Novembro de 1428" (Santos 1857, p. 31). Contudo, também estes, acabaram por abandonar o lugar "e desampararaõ a Ermida, protestando pela sua saude, por causa do rigor do clima, e asperesa do Logar" (Santos 1857, p. 31). Assim, "Vagando a Commenda de Cezimbra para a Corôa, ficou o terreno della pertencendo à Camera daquela Villa, a qual tomou a si a administração da Ermida de N. Senhora, com o titulo da Senhora da Pedra de Mua" (Santos 1857, p. 31). No século seguinte, o santuário compreendia já, além da ermida, uma igreja e as hospedarias construídas, pelos romeiros e confrarias, sem planeamento, mas dispostas num círculo quase fechado.

Em 1550, D. João de Lencastre Portugal, 1.º Duque de Aveiro e Mestre das Ordens de Santiago e de Aviz, solicitou à Câmara a cedência da "Ermida, e tudo quanto a ella era anexo" (Santos 1857, p. 33). O padroado da ermida passou, assim, para a Casa dos Duques de Aveiro, que já possuíam extensas propriedades na região, assumindo a obrigação de apresentar um padre como ermitão. Após a Restauração da Independência, em 1640, o padroado da ermida passou para a Casa do Infantado.

Instituida a grande Caza do Infantado, se lhe foi unindo muitas Commendas vagas, e huma dellas foi a de Cezimbra com o territorio que lhe competia, e neste territorio passou a Ermida de N. Senhora do Cabo a ser administrada por esta Real Caza, que muito a engrandecêo, fazendo novo templo sumptuoso, e rico em marmores, e ornando-o de preciosas alfaias; novas accomodações para os Romeiros, encanamento de boa agoa, orta, jardim, e passeio, todo promptificado para o Cirio do Termo gozar. (Santos 1857, p. 34)

No início do século XVIII, a construção de uma nova igreja marca o início de uma campanha de obras que abrangeram todo o santuário, dando-lhe a configuração actual de planta em U, aberta a oriente.



Figura 2: Santuário do Cabo

Frente à igreja, localizada no topo ocidental, abre-se um amplo terreiro, enquadrado lateralmente pelas hospedarias e com cruzeiro no lado oposto. Posteriormente, noutra campanha de obras entre 1670 e 1770, altura em que o rei D. José era juiz da Irmandade, foram melhoradas as zonas de serviços, com a construção, no topo oeste da ala norte, de cozinhas, casas do forno e da lenha e cavalariças. Em 1770, foi construída a mãe de água, decorada com azulejos da Fábrica de Belém, no termo de um aqueduto e inserida no cercado, cuja rega era assegurada por tanques anexos, criando um complexo ajardinado essencialmente destinado a recreio. Na mesma altura, o cário de Lisboa mandou fazer a "casa da ópera", um pequeno teatro com cenários, bastidores e camarins, mas que, actualmente, se encontra em ruínas.

1.2.1. Ermida da Memória

O lugar da descoberta da imagem de Nossa Senhora do Cabo foi, desde o início, assinalado como espaço hierofânico:

[Os ditosos velhos] trataraõ de arranjar hum pequeno vaõ em forma de Ermida, ajuntando muitas pedras soltas, que por alli havia, e pondo humas sobre outras para formar paredes, deixando huma das maiores no centro para servir de altar, e nella collocáraõ a santa Imagem, tendo coberto aquelle vaõ com muitos ramos de alecrim, que naquelles matos abundava, e o altar, das mesmas plantas aromaticas, em que tantos tempos estivera escondida aquella preciosa Joia, simulacro da Mãi de Deos. (Santos 1857, p. 26)



Figura 3: Ermida da Memória

Posteriormente, já durante o século XV, no extremo poente do santuário, sobranceiro às escarpas do Cabo Espichel, ergueu-se um pequeno templo, assinalando o lugar presumível da aparição aos dois velhos de Alcabideche e da Caparica, segundo algumas versões da lenda, ou onde a imagem da Virgem terá sido encontrada e onde foi depositada. "Fez-se uma Ermida, e nella se colocou a Santa Imagem, deixando sempre memoria daquella que os felizes descobridores tinhaõ feito no mesmo lugar onde a mesma Santa Imagem tinha aparecido." (Santos 1857, p. 30) Este foi o primeiro templo "em que primeiro [a milagrosa imagem] foi

venerada até que se trasladou a outra maior, e desta à magnífica Igreja em que hoje existe, no anno de 1707" (*id.*, p. 61).

A Ermida da Memória, com planta quadrangular e coberta por um domo cego de remate agudo, segue a arquitectura dos primitivos morabitos, ou cubas. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, abrindo-se na principal, virada a ocidente, o portal e, nas laterais, vãos moldurados, actualmente fechados. No interior, com as paredes igualmente rebocadas e pintadas de branco e cobertura em falsa abóbada de berço de estuque, destaca-se o silhar com dez painéis de azulejos azul e branco, historiados e com molduras de concheados. Representam-se, nestes painéis, cenas relativas à lenda e ao culto de Nossa Senhora do Cabo e à construção da igreja e hospedarias, cujos temas são descritos nas legendas inscritas em cartelas seguras por anjinhos. "No historial pintado nesses lambris, os predominantes elementos míticos fundem-se com alguns factos, estabelecendo-se uma linearidade entre a lenda e os acontecimentos reais (existência dos icnofósseis, a Ermida da Memória, a edificação do Cabo Espichel, etc.)." (Marques 2007, p. 37) A contextualização do local é feita através do promontório escarpado e do fortim, presentes em todos os painéis.

No primeiro, "Sonhão dous venturosos / velhos q[eu] apparecia a S[enho]ra / n'este mesmo lugar", representa-se o sonho do casal de velhos, vendo-se, em segundo plano, um casario saloio, atrás do qual se ergue o promontório onde aparece a Virgem com o Menino.

No segundo, "Poem-se a cam[inh]o p[ar]a se certificar / da ver[da]de: aonde se encontram / e comunicação entre si os sonhos", as duas figuras, arrimadas a um bordão, caminham em direcção ao promontório.

No terceiro, "Chegando aeste Sitio vem / com admiração sobir a / S[enho]ra pela Rocha", os dois velhos, no topo do promontório, prostram-se face ao milagre da Virgem que sobe a rocha, montada numa mula e ladeada por anjos; na escarpa da rocha, estão marcadas as pegadas do animal.

No quarto, "Publicada por elles / a maravilha vem outros em sua / comp[anhi]a p[ar]a adm[irare]m o prodigio", um cortejo de gente simples sobe ao promontório, onde testemunham o milagre da aparição, em atitudes de espanto ou de veneração.



Figura 4: Aparição da Senhora do Cabo (painel 4). Painel de azulejo azul e branco, século XVIII

No quinto, "Edeficase esta ermi/dinha pa[ra] os primey/ros cultos", representa-se esta ermida, na forma que mantém actualmente.

No sexto, "Com acon[co]rrencia das g[en]tes se / fabrica outra, no lugar / em q[ue] hoje se vê a majesto=/sa Igr[e]ja", está registada a construção de uma pequena e anacrónica igreja setecentista, de estrutura simples de nave única, com as paredes ainda a meia altura, e abside já concluída.

No sétimo, "Forma dest[e] Arra=/al daquelles pri=/meyros tempos", é retratada a enorme azáfama no terreiro, com os peregrinos a montar as tendas, outros que chegam a cavalo, vendo-se, ao centro em repouso, um carro e os bois usados no transporte.

No oitavo, "Dase principi[pi]o á ma/gestoza Igr[e]ja, em q[ue] ao / pr[sen]te se venera no ano / de 1707", representa-se a construção da igreja e respectivo estaleiro, enquanto, no nono, "Fazse o novo Arraial", se regista a construção das hospedarias. Ambos os painéis ilustram as técnicas construtivas da época.

No décimo e último, "Entradas de festey[ros] no / novo Arraial", assiste-se à chegada do Círio ao arraial, com peregrinos a pé e a cavalo, um deles a empunhar a bandeira; a dominar a composição, encontra-se a igreja rigorosa e pormenorizadamente desenhada.

Completam este ciclo azulejar, duas figuras de convite, à entrada da ermida, representando São Francisco de Assis e Santo Antão. No exterior, na fachada lateral sul, encontram-se dois painéis, muito danificados, igualmente datáveis de ca. 1750,

com a representação de dois romeiros enquadrados por molduras rococó. Num destes, uma filacteria com a inscrição "A saeculo non est auditum / Joah[nis] Cap.9 p. 32." (Ninguém jamais ouviu [que os olhos de um cego de nascença tivessem sido abertos]) alude ao prodígio da aparição.

1.2.2. Igreja de Nossa Senhora do Cabo

A ermida tornou-se, quase de imediato, demasiado pequena para acolher os peregrinos, pelo que logo em 1414, Diogo Mendes de Vasconcelos mandou construir uma "Caza para a Senhora, e accomodações para os Religiosos Carmelitas, a quem tinha oferecido aquelle Sitio" (Santos 1857, p. 53). Em 1491, foi construída uma nova igreja "feita pelos Povos das Freguezias do Termo, antes de se formarem os Giros, e devia estar isolada porque era costume, quando entravão os Cirios, rodear o Templo trez vezes antes de entrar" (*id., ibid.*). Em 1514, o Mestre da Ordem de Santiago, em visita ao santuário, ordenou a execução de novos retábulos para o altar-mor e colaterais, de que apenas subsistem duas tábuas representando Santo António de Lisboa e São Tiago Maior, atribuídas ao chamado Mestre da Lourinhã e integrariam o antigo retábulo (Serrão e Serrão 1997, p. 125), ou uma provável charola em torno da imagem da Virgem (F. A. B. Pereira 2014, p. 120). As visitas de Sesimbra dão notícia, em 1516, de um pequeno retábulo com a representação dos Reis Magos (Serrão e Serrão 1997, p. 124). Paulo Pereira reconhece aqui:

[...] um programa que se adequa à função de peregrinação, com a figuração provável de Nossa Senhora *dos Reis* – em relação com Belém, que fazia parte dos «círios» do Cabo – e [...] de São Tiago, como lembrança de outra peregrinação mítica (Compostela) de que esta parece ser emulação, ou, mais do que isso, constituindo um verdadeiro paralelismo, no sentido literal e figurado. (P. Pereira 2004, p. 123)

Considerando os estragos provocados pelo tempo e a falta de condições para acolher o culto crescente, a Casa do Infantado ordenou a sua demolição e construção de uma nova igreja "em terreno mais seguro e central" (Santos 1857, p. 53).



Figura 5: Igreja de Nossa Senhora do Cabo

A actual igreja, de feição maneirista, estilo chão, construída entre 1701 e 1707, é atribuída ao traço de João Antunes, arquitecto régio e, na altura, também da Casa do Infantado, provavelmente, por iniciativa do próprio rei D. Pedro II, muito devoto de Nossa Senhora do Cabo (Serrão e Serrão 1997, p. 122), ou do seu filho, o infante D. Francisco de Bragança, Senhor do Infantado e provedor da Irmandade da Senhora do Cabo. No entanto, a inscrição colocada sobre a porta principal da igreja afirma que a construção se fez a expensas dos fiéis: "NO ANNO DE 1701 SE COMEÇOV ESTA IGREJA DA SENHORA DO CABO DAS ESMOLAS DOS DEVOTOS EEM 16 DE IVLLO DE 1707 SET[E]RSLADOV A SENHORA". Também a atribuição a João Antunes não é consensual. "É certo que no risco arquitectónico não se atesta a habitual concepção erudita e barroquista de mestre João Antunes (*act.* 1665-1712), pelo que esta encomenda da Casa do Infantado surge mais alinhada com a tradicional fórmula seca dos estilos maneiristas típicos do «estilo chão» [...]" (Serrão e Serrão 1997, pp. 123–24).

A igreja apresenta planta rectangular, composta por nave única e abside. A nave tem as paredes revestidas a mármore branco e vermelho, criando um jogo rítmico de forte impacto visual, com quatro capelas laterais inter-comunicantes em cada uma das laterais e duas no topo a ladear o arco triunfal, nas quais se inserem

retábulos de talha policroma e dourada. Os retábulos, de mão vária, foram executados entre 1718 e 1722, a expensas dos vários círios, tendo sido reformulados em 1770, o que lhes conferiu uma maior uniformidade estilística no âmbito do barroco joanino. Nas laterais da nave, ao centro, erguem-se dois púlpitos também em talha.

Ao nível do segundo registo, apresentam-se, sobre as capelas, dez painéis emoldurados com pinturas a óleo sobre tela, figurando cenas da vida da Virgem: do lado do Evangelho, o Menino entre os Doutores, a Fuga para o Egipto, a Circuncisão, o Nascimento da Virgem e a Aparição de Cristo à Virgem; e, do lado da Epístola, a Assunção da Virgem, a Coroação, o Triunfo, a Agonia e a Morte da Virgem.

A capela-mor tem cobertura em falsa abóbada de aresta, a qual está pintada com motivos de simbologia Mariana no enquadramento de ampla cartela com firmamento, coroa, estrela de seis pontas e a inscrição "AVE MARIS STELLA". As paredes são seccionadas em três registos. No silhar inferior, corre silhar de azulejos azuis e brancos, datáveis de *ca.* 1730, com motivos vegetalistas e temática mariana identificada por inscrições em cartelas de volutas. No segundo registo, no lado do Evangelho, completa-se o ciclo da vida da Virgem com as representações da Adoração dos Magos, da Natividade e da Apresentação no Templo. Estas pinturas a óleo sobre tela terão sido feitas por volta de 1730 e por autor não identificado, embora sejam, eventualmente, atribuídas ao pintor Lourenço da Cunha. No lado da Epístola, ocupando toda a largura da parede, ergue-se a tribuna real, feita também, provavelmente, em 1730, ao mesmo tempo da reforma dos retábulos da nave. No último registo, pinturas murais enquadram janela das laterais.

Sobre o altar, paralelepipedico e com frontal de cantaria, ergue-se o retábulo de estilo nacional, em talha policroma de marmoreados, com quatro colunas torsas, assentes em mísulas e com capitéis coríntios, prolongando-se em quatro arquivoltas interrompidas, no fecho, pelo brasão com as armas reais. Ao centro, abre-se a tribuna com o trono, onde se encontra colocada a maquina com a imagem de Nossa Senhora do Cabo, sobre estrutura de talha dourada, integrando, ao centro, o sacrário. "Esta prodigiosa Imagem está em pé, e sustenta o Menino Jesus no braço esquerdo, e com a mão o une ao peito, enquanto que com a direita segura seu manto". (Santos 1857, p. 59) A primitiva da Senhora é a primitiva imagem da Ermida

da Memória, de onde, em 1707, foi solenemente trasladada para a nova igreja, onde se encontra inserida numa maquetina de prata oferecida pelo círio de Lisboa em 1680.

Em 1740, D. João V encomendou a pintura afresco da cobertura da nave, representando a Assunção da Virgem, ao pintor Lourenço da Cunha, constituindo a única que lhe sobreviveu. Em 1770, devido aos estragos provocados pelo Terramoto de 1755 na nave da igreja, foi mandada repintar a José António Narciso (Serrão e Serrão 1997) por encomenda e a expensas do rei D. José I. O recente restauro (Junqueira, p. 220, 2002) permitiu avaliar os repintes de José António Narciso, nas laterais, se limitou a reforçar algumas partes, acrescentando quadraturas sobre o original, mas que refez toda a zona central, de que apenas manteve o tema; as figuras das Virtudes, na banda baixa da abóbada, constituem a única faixa inalterada da pintura de Lourenço da Cunha. Trata-se de uma pintura de acentuado efeito ilusionístico, ao gosto barroco já na transição para o rococó, com um enquadramento arquitectónico perspectivado, abrindo sobre o espaço transcendente do céu luminoso, de tonalidades douradas onde se representa o tema triunfante e glorioso da Assunção da Virgem, acompanhada por uma corte de anjos, que acentuam o dinamismo ascendente de toda a composição. O tema, comum nas pinturas ilusionísticas dos tetos em espaços religiosos por permitir uma abertura elevada para os céus, estava também em conformidade com o espírito Tridentino na defesa do culto mariano.

1.2.3. Hospedarias

A campanha de obras no início do século XVIII incluiu as hospedarias desordenadas no terreiro face à igreja, sendo também chamado o arquitecto João Antunes para proceder à definição do espaço e normalização da arquitectura. Foram mandadas fazer novas casas, com lojas e sobrados, cuja construção se iniciou em 1715, substituindo as anteriores, tendo avançado gradualmente. Entre 1745 e 1760, em resposta à progressiva popularidade do círio e conseqüente afluência de romeiros, atingiu a dimensão actual. Neste período, o mestre pedreiro João Jorge terá sido o responsável por grande parte da construção (Serrão e Serrão 1997, p.

121). Em 1794, foi ampliada a ala norte, resultando num prolongamento maior em relação à ala sul e, por conseguinte, formando uma planta em U desigual.

As actuais hospedarias encontram-se simetricamente dispostas, em duas alas perpendiculares à igreja, formando uma ampla praça rectangular. "A arcaria que corre ao lado dos dois espaços consegue, sem recorrer a arranjos construtivos de perfil erudito, e utilizando antes processos de construção saloios (cobertura de quatro águas, etc.) imprimir ao conjunto do arraial [...] uma monumentalidade atingida por caminhos pouco comuns." (Serrão e Serrão 1997, p. 121) O topo oriental no eixo da igreja é aberto, erguendo-se, ao centro, um cruzeiro. Os edifícios, com volumetria e fachadas regulares e arcadas no piso térreo, têm uma arquitectura simples, tradicional da região saloia. De acordo com as inscrições colocadas na fachada das casas, a construção terá sido feita a expensas dos círios.

O carácter de sóbria monumentalidade resulta da forma como todo o conjunto foi projectado no espaço, criando, através do jogo de linhas contínuas definidas pelas arcarias, convergentes para o ponto de fuga centrado na igreja.

1.3. Círio do Cabo

A confraria de Nossa Senhora do Cabo foi instituída em 1432, embora os estatutos só tenham sido aprovados em 1672 (Leal 1873, 9, p. 136), sendo o respectivo compromisso (transcrito in Santos 1857, p. 42 e segs.) sido confirmado, primeiro, por Bula do Núncio apostólico em Lisboa, Francesco Ravizza, e, posteriormente, por Provisão do Cardeal D. Luís de Sousa.

À confraria, incumbia a responsabilidade de organizar o Círio. Frei Cláudio da Conceição, espelhando a narrativa da visão da luz e do achamento da imagem atribui a fundação da confraria à iniciativa de dois romeiros que, no regresso do santuário:

"se inflammárão nos desejos de que todos fossem louvar a Mãe Santissima, e conferindo entre si o modo de o conseguirem, resolvêrão fallar aos seus naturaes para concorrerem a hum fim tão justo, e augmento do culto da Senhora; e na verdade o seu zelo surtiu o

desejado efeito, instituindo-se nestas duas Freguezias, (que são as primeiras do giro) o seu Círio e Romaria". (Conceição 1817, pp. 31–32)



Figura 6: Círio do Cabo (painel 7). Painel de azulejo azul e branco, século XVIII

Este terá sido o primeiro círio a organizar-se como "giro" (Penteado 1998, p. 107), ou seja, com uma itinerância efectuada entre várias freguesias, cada uma das quais, segundo uma ordem previamente determinada, assumia a obrigação de organizar o culto e a deslocação anual ao santuário durante o calendário estabelecido. A peregrinação fazia-se inicialmente a 15 de Agosto, festa da Ascensão, mas acabou por se fixar a 8 de Setembro, festa da Natividade da Virgem (Pato 2008, p. 122).

Os giros ao Cabo tiveram início apenas com freguesias da Caparica, alargando-se depois à zona de Lisboa. Nas *Memorias sobre a antiguidade das Romarias* (Santos 1857, pp. 35–36), são referidos oito Círios: o primeiro é o de Nossa Senhora do Monte da Cade Monte da Caparica, enquanto Alcabideche é a primeira das do Giro do Termo; o segundo "he o chamado do Termo, ou dos Saloios" (*id.*, p. 36); o terceiro, de Arrentela e Seixal; o quarto, de Almada; o quinto, de Lisboa; o sexto, de Palmela; o sétimo, das vilas de Azeitão e Sesimbra; o oitavo, o dos termos destas vilas.

O Círio do Termo, ou dos Saloios conheceu várias oscilações na sua composição até se fixar em 26 freguesias: Alcabideche, Carnaxide, Tojalinho, S. Pedro de Sintra, Belas, Loures, Carnide, Barcarena, Lousa, Santo Antão do Tojal, Oeiras, Benfica, São Domingos de Rana, São João das Lampas, Montelavar, Rio de Mouro, Belém, Cascais, Odivelas, S. Martinho de Sintra, Almargem do Bispo, Santo Estêvão das Galés, Igreja

Nova, Terrugem, Fanhões, Santa Maria e São Miguel de Sintra. Cada freguesia era obrigada a promover e a custear os festejos a cada 26 anos, consoante o ciclo do giro, celebrando a entrada e a saída das respectivas insígnias (Teixeira 1993, p. 105). Outras freguesias que integraram o Círio foram: a de Santa Maria dos Olivais, que participou uma única vez, em 1704; a de Bucelas, que abandonou em 1709; a de Unhos, que abandonou em 1711; a de Arranhol, em 1716; e a de Santo André de Mafra, em 1722 (*cf.* Santos 1857, p. 36).

Em regra, os rituais específicos dos Círios do Cabo incluem: a partida para o santuário antes da festa; as solenidades no santuário, incluindo o cortejo e os rituais da chegada, com três voltas em torno da igreja num ato de apropriação do espaço sagrado (Pato 2008, p. 165), a missa votiva e a procissão; a música do gaiteiro e as loas, geralmente em quadras de redondilha maior, cantadas ou declamadas pelos "anjos" durante a cerimónia da entrega das insígnias. Os anjos, trajados como soldados romanos, reproduziam a iconografia barroca do arcanjo São Gabriel (Pato 2008, p. 26). As loas, com títulos como *Vozes affectuosas na trasladação que faz o cirio* (1812), são uma das marcas mais relevantes do Círio, numa expressão dos sentimentos de tristeza, por parte da freguesia que passava o testemunho, e de alegria e expectativa por parte daquela que o recebia.

O Círio do Termo tinha um ritual próprio, embora muito idêntico ao dos restantes:

Nos primeiros Giros, o Cirio do Termo fazia a sua entrada no Sitio do Cabo ao som de trombetas e atabales [...] Os Festeiros com o seu Parroco [*sic*], e o Povo que seguia o Cirio ião logo render acções de graças á Santissima Virgem, collocavão a Bandeira que os tinha guiado, ao lado do seu Altar em quanto se ordenava huma devota Procissão, ao uzo, e costume muito antigo, levando a Imagem da Senhora até a Cruz, chamada de pregação, e ahi havia Sermão, e depois voltando para a Igreja começavão as Vesperas. No Domingo de manhã fazião outra Procissão mais longe, que chegava a hum Cruzeiro collocado ao pe do poço, e tornando para a Igreja, entravão á Missa com toda a solemnidade, e pregação. (Santos 1857, p. 40)

O Círio, no seu início, transportava uma bandeira que saía de uma freguesia e se deslocava ao Cabo, onde o testemunho era passado à freguesia seguinte. Em 1751, os romeiros da freguesia de São João Degolado da Terrugem ofereceram uma imagem peregrina. A partir daí, a bandeira passou a ser acompanhada por esta imagem (Leal 1873, p. 139), solenemente transportada numa berlinda. No entanto, a ida ao Cabo deixou de realizar-se em 1887, passando o transporte da imagem a fazer-se de freguesia para freguesia, sem passagem pelo Cabo.

De resto, a cronologia do Círio é marcada por continuidades e descontinuidades que reflectem o contexto histórico do país.

Durante o reinado de D. João I, no século XV, a zona sul foi poupada às pestes que assolaram o país, ao que se acreditava, por intercessão da Virgem do Cabo, aumentando a popularidade do culto e da peregrinação (Ferreira e Cabaça, 2011; Costa, 1899).

No século XVIII, o ouro do Brasil propiciou uma época de prosperidade económica e de afirmação do poder real, o que se reflectiu na grande campanha de obras implementadas no santuário e que se prolongaram até ao reinado de D. José, incluindo, não só a construção de um novo templo, mas também a construção de um aqueduto com casa de água e uma horta e a reorganização do espaço fronteiro à igreja com a construção de duas fiadas de habitações para os romeiros, numa arquitectura barroca, monumental e cénica. Registam-se, como excepcionais, os círios de 1770 e de 1784, a que assistiram, respectivamente, D. José e D. Maria, com as respectivas cortes, e que foram pretexto para grande volume de encomendas e obras, nomeadamente, de berlindas processionais, além da oferta de espectáculos de touros e enormes bodos aos romeiros. Por ocasião do círio de 1770, o rei dotou o tesouro com jóias para a imagem, alfaias de prata e paramentos bordados por José Camanha, bordador da casa real.

A imagem foi sendo objecto de sucessivas ofertas régias de coroas e ramos de ouro com pedras preciosas e mantos ricamente bordados a ouro:

Tem a Senhora muitas joias, entre ellas, um ramo de jasmins, de brilhantes, com as folhas de esmeraldas – duas corôas de ouro, cravejadas de brilhantes: ambas estas joias, dadas por D. José I. – Tem

mais, um ramo de brilhantes e um manto bordado a ouro, dados por D. Maria – um manto branco, bordado a ouro, também dado por D. José – um manto azul, bordado a ouro, dado pela rainha D. Carlota Joaquina [...]. (Leal, 1873, pp. 137–38)

O tesouro incluía, ainda, alfaias litúrgicas em prata e prata dourada e outros objectos em ouro e pedras preciosas (Leal, 1873, p. 139) das ofertas e ex-votos em agradecimento e homenagem à Virgem (Teixeira, 1993, p. 106). Este tesouro é conferido de cada vez que há um círio e dele se faz uma ata na paróquia onde chega, dando origem ao dito popular: "eu sou como a Senhora do Cabo, tudo o que tenho, trago".

A introdução da berlinda processional, um carro de aparato "sempre de decoração elaborada e que incluía um habitáculo envidraçado para transportar a imagem, ou maquineta" (Pato 2008, p. 197), complexificou o ritual de transmissão das insígnias, e levou ao desenvolvimento dos cortejos de entrada, com grande número de cavaleiros e pajens, tornando-se um "símbolo máximo de luxo e ostentação nos círios" (Pato 2008, p. 197).

O primeiro período de declínio ocorreu no início do século XIX, na sequência das invasões francesas, em 1807, altura em que o tesouro foi delapidado, e da ida da corte para o Brasil, e em 1834, com a extinção das ordens religiosas, embora Pinho Leal firme que "A



Figura 7: Círio do Cabo. In *O domingo ilustrado: Notícias & actualidades graficas, teatros, sports & aventuras, consultorios & utilidades*, ano 3, n.º 141 (25 Set. 1927), p. 1.

devoção para com a Santíssima Virgem da invocação de Senhora do Cabo, não tem esfriado, apesar da descrença do século, e dos furibundos sermões e diatribes dos homens sem fé; e as festas da Senhora continuam a ser tão esplêndidas e concorridas como antigamente" (Leal, 1873, p. 140).

A partir de 1887, o Círio deixou de ir em peregrinação ao Santuário do Cabo e a entrega das insígnias passou a realizar-se no próprio território das freguesias (Pato, 2008, p. 112).

No âmbito adverso da implantação da República, o Círio do Cabo, tal como a maioria dos círios, foi suspenso entre 1911 e 1925. O mesmo aconteceu depois, na sequência da Revolução de Abril, entre 1974 e 1978. Em 1979, freguesia de São Martinho de Sintra retomou a prática do Círio (Pato 2008, p. 247), a qual se mantém activa desde então, com a passagem das insígnias no território da própria freguesia e a obrigação da ida ao Cabo no ano em que se cumpre o giro.

Além deste, há notícia de "Outros Círios, que segundo o antigo costume sempre festejaram Nossa Senhora do Cabo" (Conceição 1817, pp. 52–54). Entre estes, regista-se o de Palmela e o de Sesimbra que continuaram a realizar-se até à actualidade, mantendo muitos dos procedimentos antigos (*cf.* Marques, 2007): a partida, com roupas, utensílios domésticos e mantimentos; as três voltas iniciais em torno do cruzeiro; a distribuição das chaves das casas e respectiva limpeza; o cumprimento das mulheres à "Dona da casa", que consistia na ida à igreja para rezar; o arranjo da igreja e do andor da Senhora do Cabo; o baile e os fados; no dia da festa, a alvorada de foguetes, a missa seguida de procissão, que passava junto às casas até à Ermida da Memória, onde se fazia uma paragem, e voltava pelo cruzeiro, parando depois junto à porta da igreja, onde se fazia a cerimónia de despedida; no final da peregrinação, novamente, três voltas em torno do cruzeiro. Eram também usuais, o ritual da "lavagem da cara", com um sentido lustral, o ritual de iniciação aos que participavam pela primeira vez na peregrinação, a "arrematação das bandeiras" ou um peditório para suportar as despesas, bem como os bailes, garraíadas, representações teatrais e jogos populares.

2. A requalificação do lugar e a persistência do culto

2.1. Requalificação e adaptação do santuário

O conjunto da igreja de Nossa Senhora do Cabo, casa dos círios e terreiro foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 37728, de 5 de Janeiro de 1950, tendo sido decretado zona "*non aedificandi*", pela Portaria, n.º 280, de 29 Novembro 1963. Durante a década de 1960, foram feitas obras pontuais e urgentes de consolidação do edificado, denunciando a necessidade de uma actuação de restauro mais global e articulado. Nesse sentido, em 1968, um grupo de arquitectos, encabeçados por Francisco Keil do Amaral, elaborou um projecto de recuperação de todo o conjunto. Os trabalhos tiveram início, mas avançaram de forma sincopada ao longo das décadas seguintes. Em 25 de Julho de 1986, um despacho conjunto do Ministro da Educação e Cultura, do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, e do Secretário de Estado do Turismo, criou um grupo de trabalho com representantes técnicos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), do Instituto Português do Património Cultural, da Direcção-Geral de Turismo e da Enatur, com o objectivo de estudar e avaliar o projecto de arquitectura de Keil do Amaral. O relatório final deste grupo previa que a ala sul, mantendo algumas habitações permanentes, fosse restaurada de forma a permitir a instalação dos serviços da Confraria do Cabo Espichel, uma hospedaria para acolhimento dos peregrinos e uma zona de serviços, enquanto, na ala norte, seria instalada uma pousada, além de oficinas de artesanato, um auditório público e um museológico. No entanto, a execução destes projectos foi dificultada pela inexistência de acordo com a Confraria, proprietária do espaço. A situação foi resolvida, em 1997, com a assinatura de um protocolo entre a Confraria e o Estado, que se tornou proprietário da ala norte, tendo como contrapartida a manutenção da ala sua e a recuperação de todo o santuário. Foi, assim, retomado o projecto de Keil do Amaral para a transformação da ala norte numa pousada, ampliada até ao limite norte da igreja, e que ficará integrada na rede da Enatur e que passa a ser responsável pela gestão integral do complexo. Ao Estado, competia assegurar o apoio técnico à reabilitação e, à Câmara Municipal de Sesimbra, a manutenção e melhoria das infra-estruturas urbanas. Não obstante, as intervenções de que o conjunto foi sendo alvo,

com obras literalmente de fachada, não evitaram o estado de degradação das instalações, para lá das portas e janelas entaipadas nas alas das hospedarias.

Em Dezembro de 2016, o Governo, numa iniciativa conjunta dos ministérios da Economia, Cultura e Finanças, lançou o projecto "Revive" para recuperar e valorizar património histórico através do turismo: um conjunto de monumentos, como mosteiros, conventos, castelos e fortes, em processo de degradação ou de difícil gestão e rentabilização, seriam objecto de concurso público para passar a respectiva concessão a grupos privados. Com um apoio financeiro específico, gerido pelo Turismo de Portugal, é transferida, para os privados, a responsabilidade pela reabilitação e pela manutenção dos edifícios, mas também a obrigação de proceder à respectiva utilização e abertura ao público. Ou seja, o Estado mantém a propriedade dos edifícios e concessionaria a sua exploração turística a privados, com a contrapartida da respectiva recuperação, o que permitirá uma maior fruição desses espaços. Esta proposta está de acordo com o disposto na *Carta de Veneza*: "A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta afetação é, pois, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição e a decoração dos edifícios". (ICOMOS, 1964)

O santuário do Cabo faz parte do núcleo inicial dos monumentos abrangidos pelo projecto "Revive". A área a afectar à utilização turística é a ala norte das antigas hospedaria, sem comprometer a estrutura monumental e a respectiva espacialidade. A ala sul, propriedade da Igreja, que se encontra quase integralmente encerrada e num estado de visível degradação, deverá manter a funcionalidade religiosa de apoio aos peregrinos, numa altura em que o Círio também parece revitalizar-se.

2.2. Círio do Cabo 2017

A freguesia de Carnide integra-se neste Círio, como atestam os apontamentos sobre as caminhadas dos círios que, em 1811, "Loures conduz a imagem do Cabo, festeja-a e entrega-a a Carnide" (Vasconcelos, 1985, p. 321) e, dois giros depois, quando "em 1864 Carnide leva a bandeira para o Cabo e entrega-a a Barcarena, Barcarena recebe de Carnide a bandeira no cabo, e condu-la à sua freguesia" (Vasconcelos, 1985, p. 322). A presença de Carnide nestes giros é também documentada pelas loas *Vozes affectuosas (Vozes Affectuosas Na Trasladação Que*

Faz o Cirio Da Freguezia de S. Lourenço de Carnide Da Milagrosa Imagem de N. S. Do Cabo Para a Sua Igreja 1812; Vozes Affectuosas Com Que Os Tres Anjos Convidão Os Moradores de Carnide a Virem Acompanhar e Adorar a Virgem Senhora Do Cabo, n. d.) e Hymnos sagrados (Cascaes, 1863), que iniciam com uma exortação:

Exulta Carnide. Victória, Victória!
Findára-se o tempo d'amarga saudade.
Após anos tantos, volvidos em trevas,
Já dias apontam de mór claridade [...]. (Cascaes, 1863)

Esta loa, recitada por três anjos, evoca ainda os 26 anos de espera, período em que a população de Loures ficaria "oprimida e saudosa da imagem" depois de a entregar Carnide.

Em 2017 acontece, novamente, a transição do Círio entre Loures e Carnide. Loures recebeu a imagem da Senhora do Cabo a 1 de Outubro de 2016, na paróquia de Belas. As loas foram cantadas na igreja de S. Pedro em Belas e à chegada a Montemor que marca a entrada da imagem na freguesia de Loures, acompanhada por um cortejo que incluía uma comitiva a cavalo e em charretes, e, novamente, junto aos Bombeiros de Loas, onde se iniciou o Círio a pé até à igreja matriz. Durante o tempo de permanência em Loures, a presença da Senhora do Cabo foi pretexto para uma série de eventos, articulando o sagrado e o profano: itinerância da imagem pelas igrejas da freguesia, eventualmente, coincidindo com as festas dos respectivos patronos. No dia 26 de Março, Domingo, Loures cumpriu a peregrinação ao Cabo Espichel, retomando a tradição interrompida em 1887: os peregrinos partiram na véspera, a pé, cumprindo aproximadamente o antigo itinerário com a travessia do rio em Belém, e dormiram na Charneca de Caparica, por ser o lugar das antigas quintas onde os peregrinos costumavam pernoitar; no domingo, partiram para o Cabo, onde se juntaram aos peregrinos que acompanhavam a imagem, transportada numa camioneta.

A transferência para Carnide coincidiria com o final das festas em honra de Nossa Senhora da Luz, mas, tal não aconteceu por decisão da autoridade religiosa, mas também porque a comunidade local se identifica com a festa de Nossa Senhora da Luz que radica em fenómenos e manifestações culturais muito idênticos entre si. "In

Carnide, which is included in the *giro* far from its beginnings, the mark of the *círio* was supplanted by the local relevance of the feast of the Light" (Roque e Forte, 2017, p. 380). Face à excentricidade do *círio* e à sazonalidade do *giro*, o culto a Nossa Senhora da Luz, em Carnide, é contínuo, a imagem permanece na igreja e sai em procissão anualmente, numa romaria que também se realiza no final de Setembro, coincidindo com o fim da feira e das festas do bairro, num registo, simultaneamente, religioso e profano, que sublinham a identidade do lugar (*id. ibid.*).

Face à recusa de Carnide, o *giro* passou para a freguesia de Arranhó, que fizera parte do grupo inicial de 30 freguesias, mas havia abandonado o *giro* em 1716 (Santos, 1857, p. 132). evidenciando novas alterações no *giro* e no *círio*, mas também a sua vitalidade.

A dupla conjuntura da requalificação do espaço do santuário e da reformulação das freguesias que integram o *Círio* configuram uma nova fase no culto a Nossa Senhora do Cabo. Os peregrinos vão repartir o espaço do santuário com a presença de um turismo laico, que, por um lado, vai alterar o sentido intrínseco do lugar, mas, por outro, irá permitir a manutenção do conjunto arquitectónico, ainda que adaptado às novas contingências de utilização. No que respeita ao *giro*, regista-se uma crescente apropriação dos aspectos exteriores do culto pela autoridade civil, autárquica, acrescentando-lhe uma componente profana, a qual, em última instância, lhe assegura a continuidade.

Na teoria das religiões, é consensual o conceito da mudança, mesmo mantendo o eixo da tradição dogmática. Cruzando religião e cultura, sublinha-se o mesmo princípio de contínua transformação: "Culture must be continuously produced and reproduced by man. Its structures are, therefore, inherently precarious and predestined to change" (Berger, 1990, p. 6). Nesse sentido, as transformações assinaladas ou pressentidas em torno deste culto, eliminando ou alterando alguns aspectos formais ou de sentido, podem ser entendidas, não como ameaça, mas como um processo essencial à sua continuidade e persistência.

Referências bibliográficas:

- Álvaro, Alexandre Borges. 2010. "Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: Sentido para um Restauro." Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Acedido em <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4694>
- Berger, Peter L. 1990. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York: Anchor Books.
- Bluteau, Rafael, e António de Morais Silva. 1789. *Diccionario da Lingua Portuguesa, Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado e Accrescentado por Antonio de Moraes Silva ...* Lisboa: Oficina de S. T. Ferreira.
- Carvalho, António Rafael. 2009. "A Antiguidade Tardia e a Islamização na Costa Sesimbrense." In *O Tempo Do Risco: Carta Arqueológica de Sesimbra*, editado por Calado Manuel, Gonçalves Luís, Francisco Rui, Alvim Pedro, Rocha Leonor, e Fernandes Rosário, pp. 172–91. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Cascaes, Joaquim da Costa. 1863. *Hymnos Sagrados... na Recepção da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Cabo e sua Condução á Freguezia de S. Lourenço de Carnide, em Maio de 1863: Loas*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Chélini, Jean, e Henry Branthomme. 2008. *Les Pèlerinages dans le Monde, à Travers le Temps et l'Espace*. Paris: Éditions A. et J. Pickard.
- Chevalier, Jean, e Alain Gheerbrant. 1990. *Dictionnaire des Symboles Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. Éd. revue. Paris: Laffont.
- Coelho, António Borges. 1994. "O Domínio Germânico e Muçulmano." In *O Livro de Lisboa*, editado por Irisalva Moita, pp. 75–88. Lisboa: Livros Horizonte.
- Conceição, Cláudio da. 1817. *Memória da Prodigiosa Imagem da Senhora do Cabo: Descrição do Triunfo com que os Festeiros, e Mais Povo de Benfica a Conduziram à sua Parochia em 1816, para a Festejarem em 1817*. Lisboa: [s. n.].
- Costa, Diogo Francisco Piedade. 1899. *A Luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Typ. da Comp. Nac. Ed.
- Dias, José de Oliveira. 1956. "Notre Dame Dans la Piété Populaire Portugaise." In *Maria: Études sur la Sainte Vierge*, editado por Hubert du Manoir, pp. 611–46. Paris: Beauchesne.

- Fernandes, José Manuel, e Maria de Lurdes Janeiro. 1991. *Arquitectura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Ferreira, Alcino, e Ana Cabaça. 2011. "Santuário de Nossa Senhora Do Cabo Espichel." *Revista Arquitectura Lusíada*, no. 3, pp. 41–48.
- Freire, João Paulo. 1926. *Lôas e Círios no Concelho de Mafra: O Círio de Todos os Santos e o Círio da Senhora da Nazareth*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- Gandra, Manuel J. 2004. *Círios de Nossa Senhora do Cabo Espichel: Aspectos Míticos Simbólicos*. São Martinho: Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espiche.
- Guimarães, José Ribeiro. 1872. *Summario de Vária História: Narrativas, Lendas, Biographias, Descrições de Templos e Monumentos, Estatísticas, Costumes Civis, Políticos e Religiosos de Outras Eras*. Vol. 1. [Lisboa]: Rolland & Semiond [distrib.].
- ICOMOS. 1964. "Venice Charter (Versão Portuguesa)." Veneza. Acedido em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>
- Junqueira 220. 2002. "Igreja do Cabo Espichel: Recuperação de um Interior." *Monumentos*, no. 16, pp. 123–27.
- Leal, Augusto de Pinho. 1873. *Portugal Antigo e Moderno : Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias*. Vol. 9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira.
- Lockley, Martin G., Christian A. Meyer, e Vanda Faria dos Santos. 1994. "Trackaway Evidence for a Herd of Juvenile Sauropods from the Late Jurassic of Portugal." *Gaia*, no. 10, pp. 27–35. Acedido em http://www.cm-sesimbra.pt/geocircuito/wp-content/uploads/2013/12/1994-Lockley-et-al-Gaia10_herd.pdf
- Manuel, Calado, Gonçalves Luís, Francisco Rui, Alvim Pedro, Rocha Leonor, e Fernandes Rosário. 2009. *O Tempo do Risco: Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Marques, Luís. 2007. *O Paraíso "no Fim do Mundo": O Culto de Nossa Senhora Do Cabo*. Lisboa: Sextante.
- Pato, Heitor Baptista. 2007. "O Culto a N. Sra. do Cabo: Seis Séculos de Devoção e

- Festa." In *O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais*, pp. 12–39. Lisboa: Museu Nacional dos Coches.
- . 2008. *Nossa Senhora do Cabo: Um Culto nas Terras do Fim*. Lisboa: Artemágica.
- Penteado, Pedro. 1998. *Peregrinos da Memória: O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.
- Pereira, Fernando António Baptista. 2014. "O Santuário do Cabo Espichel: A Lenda, o Espírito do Lugar e o Modo de os Dar-a-Ver." *Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Paisagens e Pessoas* 1 (1), pp. 116–25.
- Pereira, Paulo. 2004. *Lugares Mágicos de Portugal: Cabos do Mundo e Finisterras*. Vol. 5. [Lisboa]: Círculo de Leitores.
- Roque, Maria Isabel Rocha, e Maria João Forte. 2017. "The Festivities of the Light of Carnide: A Persistent Authenticity." In *Sharing Cultures 2017: Proceedings of the 5th International Conference on Intangible Heritage, 2017*, editado por Sérgio Lira, Rogério Amoêda, e Cristina Pinheiro, pp. 375–83. Barcelos: Green Lines Institute for Sustainable Development.
- Santa-Maria, Agostinho de. 1707. *Santuário Mariano, e Historia das Image[n]s Milagrosas de Nossa Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas, em Graça dos Prêgadores, & Dos Devotos Da Mesma Senhora...* (t. 2). Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galrao.
- Santos, Francisco Ildefonso dos. 1857. *Memórias sobre a Antiguidade das Romarias, e da Romaria ao Sitio de Nossa Senhora Do Cabo [Manuscrito]*.
- Serrão, Eduardo Cunha, e Vítor Serrão. 1997. *Sesimbra Monumental e Artística*. 2.^a ed. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- Teixeira, Vasco Valadares. 1993. "Círios da Estremadura." In *Tradições*, editado por Joaquim Pais de Brito, pp. 103–113. Lisboa: Pomo.
- Vasconcelos, José Leite de. 1985. *Etnografia Portuguesa*. Vol. 9. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Vozes Affectuosas com que os Tres Anjos Convidão os Moradores de Carnide a Virem Acompanhar e Adorar a Virgem Senhora do Cabo*. n.d. Lisboa: Imp. Regia.

Vozes Afectuosas na Trasladação que Faz o Círio da Freguezia de S. Lourenço de Carnide da Milagrosa Imagem de N. S. Do Cabo para a Sua Igreja. 1812. Lisboa: Imp. Regia.

RESUMO

O Círio de Nossa Senhora do Cabo, ou Círio dos Saloios, é uma peregrinação feita anualmente, desde o século XV, entre a região saloia, nos arredores de Lisboa, até ao santuário do Cabo Espichel. Pretende-se analisar a forma como esta prática religiosa, a que se associam actividades profanas, tem evoluído e como é vivida na actualidade, identificando as motivações de quem o procura, entre a devoção e o lazer. Procura-se, ainda, compreender os efeitos do turismo no sentido do lugar, considerando a projectada reconversão das antigas hospedarias de peregrinos em unidade hoteleira. O estudo, de carácter qualitativo e descrito, baseia-se numa revisão da literatura a partir de fontes históricas, complementado com entrevistas não estruturadas e observações participantes. Na sequência da constatação da revitalização do culto, recuperando tradições abandonadas, enquanto outras se perdem ou são modificadas, conclui-se que a transformação do culto pode ser entendida como um factor que contribui para a sua continuidade.

Palavras-chave

Círio; círio de Nossa Senhora do Cabo (ou dos Saloios); culto mariano; peregrinação; turismo religioso

ABSTRACT

The *Círio* of Our Lady of the Cabo, also known as *Círio dos Saloios*, has been a pilgrimage since the XV century, far from the sanctuary at cap Espichel to the far away rural communities of the neighbouring diocese of Lisbon. It is intended to analyse how this religious practice, associated with profane activities, has been evolving through time and pilgrims are experiencing it, identifying their motivations, between devotion and leisure. An attempt is made to understand the effects of

tourism in the place perception, considering the projected reconversion of the old pilgrims' inns into a hotel unit. The qualitative descriptive research is based on a review of the literature, including historical resources, complemented with unstructured interviews and participant observations. Recognizing the religious cult's revival, which had been recovering abandoned traditions, while others are lost or modified, it is concluded that the transformation of the cult can be understood as a factor that contributes to its continuity.

Keywords

Círio of Our Lady of the Cabo (or *Círio dos Saloios*); Marian cult; pilgrimage; religious tourism; taper.

NOTA – As imagens que ilustram este artigo foram gentilmente cedidas pelas autoras.

PROFESSOR LAYTON AND MENTAL GYMNASTICS



**JOÃO JORGE CAPELO SOTTOMAYOR SPÍNOLA
FERNANDES**

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Introduction

In our daily life, there are actions we subconsciously perform countless times, such as getting dressed and going to work. We do not need to focus on them because they are part of our procedural memory, responsible for the acquisition of skills. However, both in our professional and our personal lives, we face certain unusual problems which, given the circumstances, are hard to fathom. Thus, we are forced to use our puzzle solving skills. The effectiveness of the latter depends mostly on how often (and how hard) we train them.

The technological progress of our time resulted, firstly, in the possibility of designing puzzles that are more complex than those we find in newspapers, and secondly, in an increase in the use of portable devices such as tablets and iPhones.

The object of study of this essay is the development of intellectual skills which results from solving puzzles, specifically those in the "Professor Layton" series, available on the Nintendo DS/3DS, Android and iOS. Each game in the series contains about 150 puzzles (besides the downloadable ones) designed by psychologist Akira Tago and his team.

In the first chapter, I shall endeavour to explain what a puzzle is. In the second

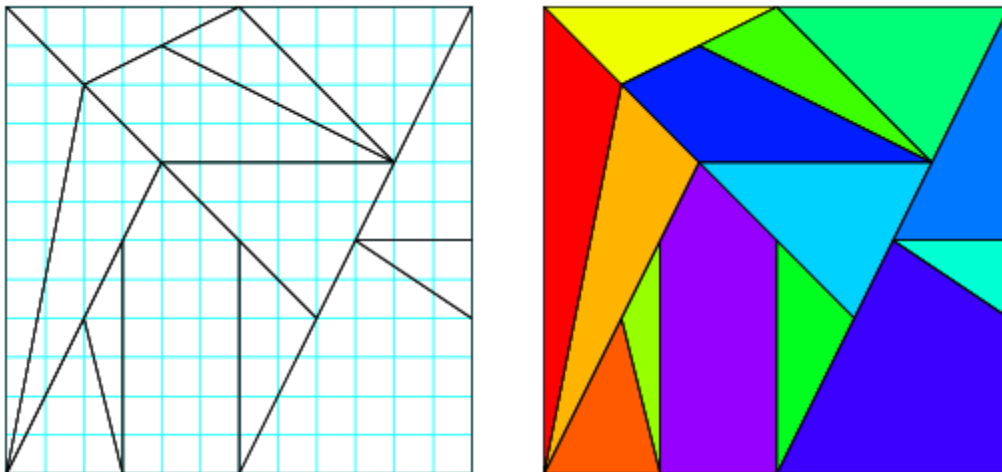
1 BIO-NOTE: João Jorge Capelo Sottomayor Spínola Fernandes has a BA in Portuguese and English Studies (2015) awarded by FCSH, and is currently finishing his Master's Degree in English and North-American Literature and Culture at the same institution. His master's thesis concerns the Victorian perception regarding Simon de Montfort's political and judicial legacy. He also took a course in Oral Communication Techniques in 2016. He is interested in various academic subjects such as Law, Sociology, Psychology and History, and has written several essays in college pertaining to each of them. The present essay combines the field of Neuroscience and the author's hobby of puzzle solving.

chapter, I shall identify every intellectual skill that can be improved by solving "Professor Layton" puzzles. Finally, I shall analyse a group of puzzles in terms of how the brain processes the information required to solve them.

Chapter I- What is a Puzzle?

According to the Merriam-Webster Dictionary, a puzzle is "a question, problem or contrivance designed for testing ingenuity". The first recorded use of the term dates back to 1582 (as a verb) and to 1599 (as a noun).

The oldest puzzle we know of is the Ostomachion, which means "bone-fight". It is part of a mathematical treatise attributed to Archimedes and consists of a geometrical puzzle composed of 14 irregular shapes.



Example of an Ostomachion

Theoretically, the object of the puzzle may have been to fit the pieces in a box or build other, more complex shapes.

1.1 J. Hudson Ballard and E.H. Lindley's Definitions of "Puzzle"

In his monograph, Ballard (1915: p. 6) defines a puzzle as: a) a situation with a difficult and unknown solution; b) a situation with an assuredly possible solution; and c) a situation entirely controlled by the person who's solving the problem. Additionally, Ballard writes that puzzles may be classified as a) bi-dimensional or tri-dimensional; b) according to the number of correct moves necessary to solve them; c) according to their flexibility (i. e. how many pieces of the puzzle one is allowed to interact with); d) according to the number of possible solutions; and e) according to the intellectual skills necessary to solve them.

E. H. Lindley (cited in Ballard, 1915: p. 6), on the other hand, divided puzzles into the following groups: a) language (riddles, charades, etc.); b) mechanical, which require perceptiveness and are solved through a certain trick; c) physical puzzles, which require some knowledge of Physics; and d) mathematical puzzles, which require arithmetic operations.

After asking 500 school children and 300 adults to solve a puzzle, Lindley (cited in Ballard: p. 12) found out that there were essentially three methods of solving a puzzle: a) trial and error;² b) the conceptual method, which consists of investigating and analysing the puzzle thoroughly; c) the perceptual method, which is a mixture of the two aforementioned methods. It consists of trial and error, albeit with a vague idea of what the solution is and how to find it.

Our intellectual skills can only be improved through the use of the perceptual or the conceptual method.

1.2. Ruger's Investigation

In the beginning of the twentieth century, Doctor Ruger conducted an

2 Most of Lindley's test subjects (to wit, nearly all the children and most of the adults) used this method.

experiment whose goal was to show how cerebral processes work when we solve puzzles. He asked a series of questions to his test subjects right after giving each of them a puzzle to solve. (*Ibidem*, p. 13)

Ruger (cited in Ballard, p. 15) writes that his test subjects often solved their puzzles through trial and error (which was the most obvious method). However, according to Ballard (*Ibidem*, p. 16), Ruger disregarded the emotional state of the people he tested (indeed, they were often ashamed of failing in front of someone who already knew the right solution to the puzzle, namely Ruger himself). Moreover, the test subjects were inexperienced at solving puzzles. These factors ultimately compromised the validity of the results of the experiment. A further problem consists of the fact that Ruger asked his subjects to take notes of how they solved their puzzles, which prevented them from fully focusing on the puzzle.

Finally, it should be noted that Ruger kept a record of wrong answers to the puzzles and false moves (i.e. unnecessary steps to solve the puzzle). However, Ruger never refers to this record, which means that he probably could not see the scientific relevance of the aforementioned mistakes. (*Ibidem*, p. 20)

Chapter II- The Effects of Puzzle Solving on the Human Mind

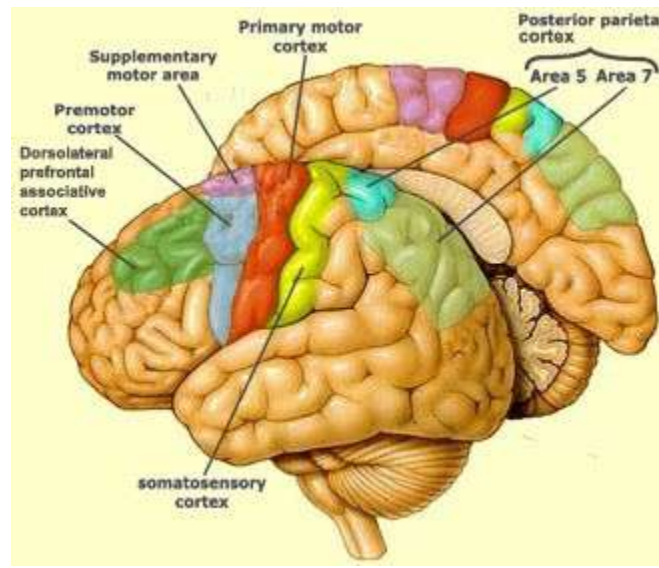
In this chapter, I shall identify all the mental skills we train by solving the puzzles from the "Professor Layton" series, as well as which cerebral processes activate them. These data were provided mostly by experiments conducted with MRI (Magnetic Resonance Imaging) technology. The latter shows which parts of the brain are activated during a certain activity through the detection of changes in the blood flow. Currently, we don't know exactly how certain intellectual skills fully work. However, I shall not refer to unconfirmed or untested theories and speculations in this chapter.

Some puzzles require the use of more than one skill. These will be identified in the next chapter.

2.1. The General Mental Processes: Motor Skills

Whenever we solve puzzles, we inevitably use our motor skills. The latter

endeavour to accomplish tasks that have certain goals. In order to get them to work, several areas of the brain are activated: the parietal cortex (which registers the physical aspects of the puzzle), the supplementary motor area (which plans the physical answers to the puzzle), the cingulate cortex (which provides solutions) and the cerebellum (which programs all the steps we take to solve the puzzle). (Restak, 2013: pp. 439-440)

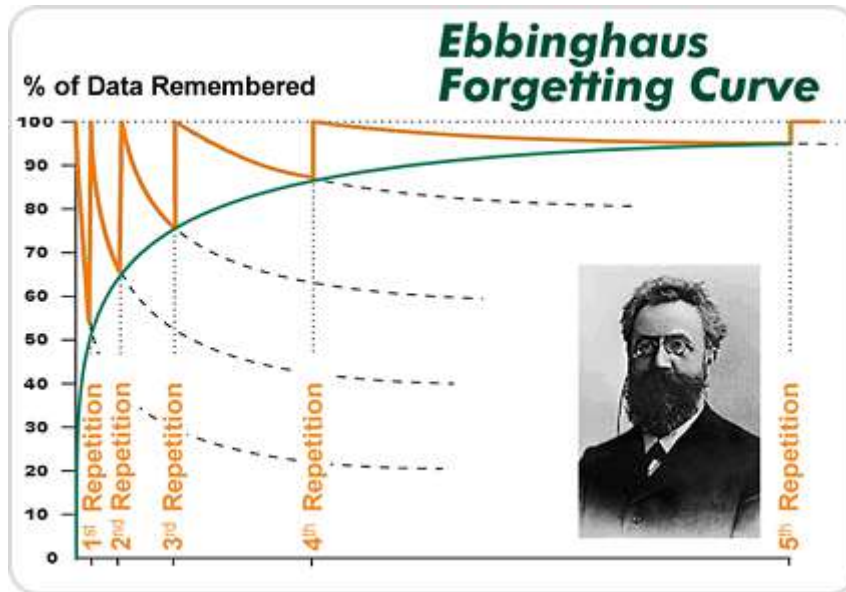


Areas of the Brain Responsible for the Motor Skills (highlighted in colours)

2.2. Memory

The first laws of memorization were developed by Hermann Ebbinghaus.

Firstly, according to what Ebbinghaus calls the learning curve, the time required to memorise a list of unknown syllables increases as the number of syllables increases as well.



Ebbinghaus Forgetting Curve

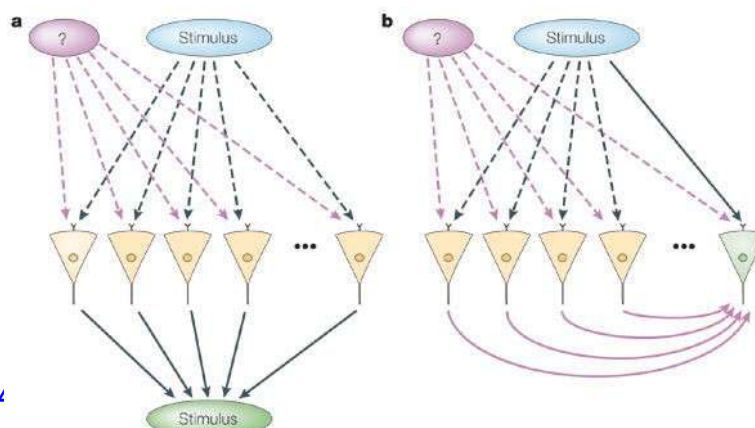
Secondly, memorizing known words takes one tenth of the time required to memorize unknown words.

Thirdly, constant exercises of medium difficulty improve your memory better than punctual sessions of very hard memory exercises.

Finally, practising what we learn improves our mental ability to store data. (*Ibidem*, p. 171)

On a cerebral level, we store data through the formation of neuronal circuits, also called "cell assemblies". These connections are strengthened every time a memory is retrieved.

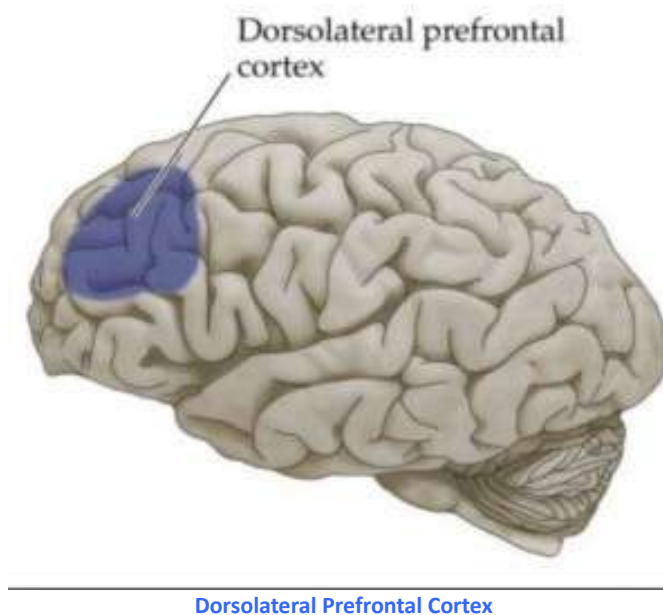
This enables the acquisition of knowledge and abilities. (*Ibidem*, p.176)



2.2.1 Work Memory

Our work memory is flexible and can be improved through frequent training. Observing a certain object for longer will raise the odds that we will remember it later.

The brain area responsible for the work memory is the dorsolateral prefrontal cortex, the most anterior portion of the frontal lobes. (*Ibidem*, pp. 116-117)

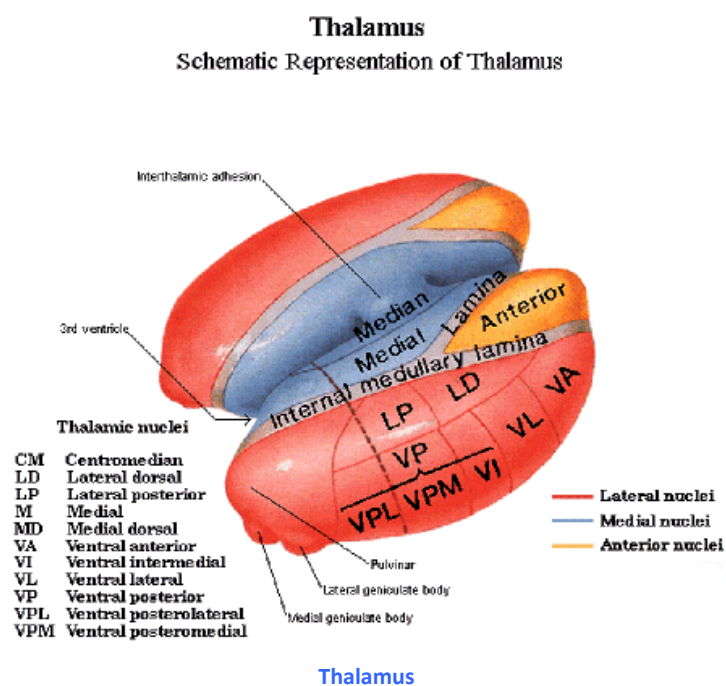


When we try to remember something, the dorsolateral prefrontal cortex is activated, making an image of the object in question. This also allows us to focus on the object and recognize it once we find it.

According to psychologist Paul Verhaeghen (cited in Restak, 2013: p. 129), we can focus on a maximum of four groups of objects simultaneously. However, the number of individual objects we can remember can be anything from 7 to 80.

2.2.2 Procedural Memory

Procedural memory consists of automatic abilities and associations. A typical example would be our first language, which we speak fluently. This information is codified in the hippocampus, which is located in the temporal lobe that connects the fornix (arch) to the mammillary bodies and the dorsal thalamus. If any of these structures is damaged, the individual will suffer serious memory losses. (*Ibidem*: pp. 157, 159)



This ability allows us to solve puzzles faster, provided we do the latter often.

2.3 Visual Perception

Visual perception is the result of the activation of individual cells located in the primary visual cortex. (*Ibidem*, p. 276)

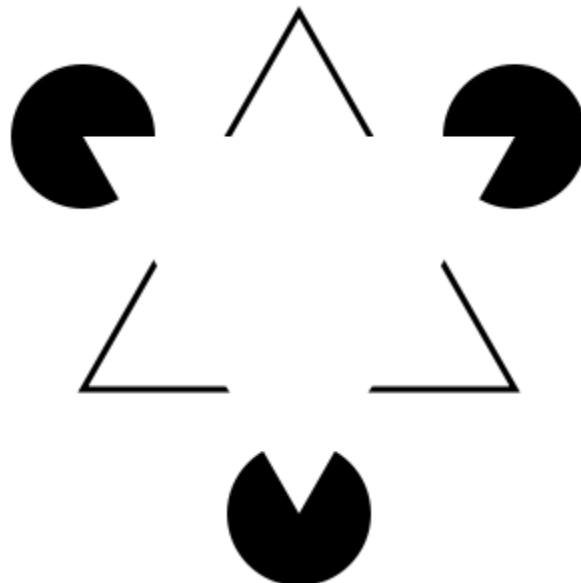
2.3.1 Illusions

Our visual cortex tends to compensate for processed information that it

considers incomplete or erroneous. These compensations, which often distort reality and fool us, are called illusions.

When we observe an image that resembles a vase, for example, we activate our association cortex. The latter stores the knowledge we need to identify objects. Incidentally, in order to know what a vase is, for example, we must have some experience observing them.

On the other hand, illusory contours are the result of the perception of edges and lines when there is no change of colour in an image. The Kanizsa triangle, for example, shows what appears to be a white triangle whose edges are evoked by the mouths of 3 "pacmen". (*Ibidem*, p. 277)



Kanizsa Triangle Example

While vision often dominates the other senses, the latter may also perceive illusions.

2.3.2. Pattern Recognition

The observation of patterns consists of two cerebral processes.

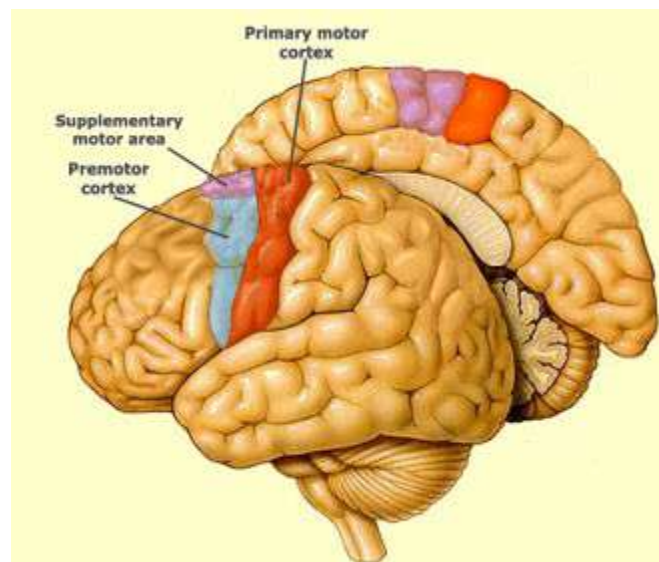
The first results from the connection of the occipital lobe to the parietal lobe. The latter occupies itself with knowing where things are.

The second connection is from the occipital lobe to the temporal lobe, which finds out what things are. (*Ibidem*, p. 287)

2.3.3 Spatial Thinking and the Challenge of Mental Rotation

While visual thinking concerns itself with bi-dimensional and flat images, spatial thought registers tri-dimensional images. Schools and teachers do not normally encourage practising this ability; they tend to focus a lot more on language and mathematical skills. Consequently, few are the people who can rotate an object in their minds without any difficulties. This is, however, a must for architects, who have to create tri-dimensional mental images of buildings, and for surgeons, who have to think about every side of an organ. (*Ibidem*, p. 331)

The brain areas responsible for spatial thought are the parietal lobe and particularly the SMA (Supplementary Motor Area). (*Ibidem*, p. 334)



Supplementary Motor Area (highlighted in purple)

2.4 Critical Thinking

Most of the "Professor Layton" puzzles require a careful analysis of the instructions and even the accompanying picture. These explain to us how the puzzles work and often provide important clues. However, it is up to us to decide

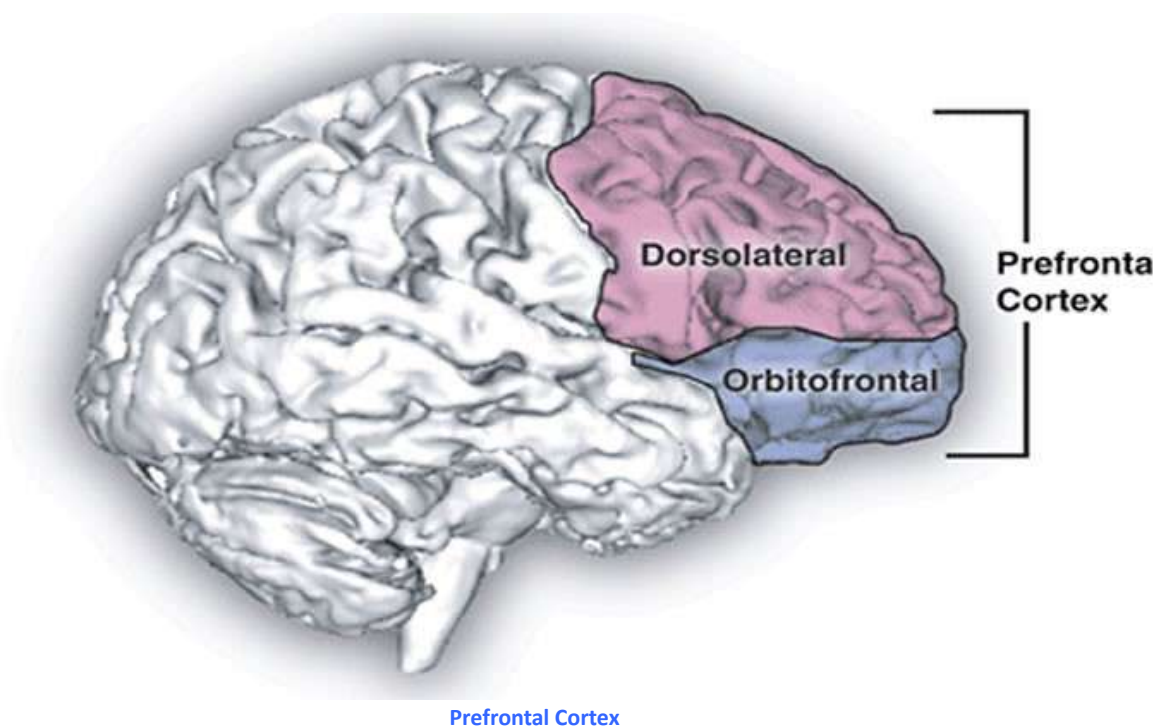
what is useful and what is irrelevant.

Sometimes, solving a puzzle requires a special "trick" (i. e. something that is not referred to in the instructions and that we must find out for ourselves). On the other hand, we are sometimes fooled by what we read on the instructions or what we observe in the pictures (though, naturally, this is all intentional). Ultimately, we can rely only on our critical thinking skills and take everything else with a grain of salt.

2.5 The Cognitive Process

2.5.1. Logic

The areas of the brain that are activated by logical thinking vary with the object of the latter. Whenever we think about inconclusive topics or situations, we use the right prefrontal cortex. Conversely, when our reasoning is valid and conclusive, we use our left prefrontal cortex. (*Ibidem*, p. 590)



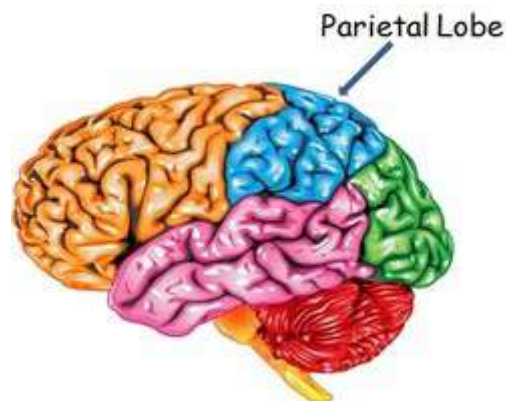
The first known work regarding logic was the *Organon*, written by Aristotle. The most important notion included in this work is that of the "deduction" (*sullogismos*). According to the Greek philosopher, a deduction consists of speech

(*logos*), which, when we suppose certain things (premises or *protasis*), leads us to certain results (conclusion or *sumperasma*). In practice, our logical reasoning consists more frequently of simplified versions of the categorical, conditional and disjunctive syllogisms. We do not tend to consider whether or not our arguments obey the logical rules set by Aristotle.

2.5.2 Arithmetic

As is the case of many other intellectual skills, we still don't know how the cerebral mechanism responsible for arithmetic works.

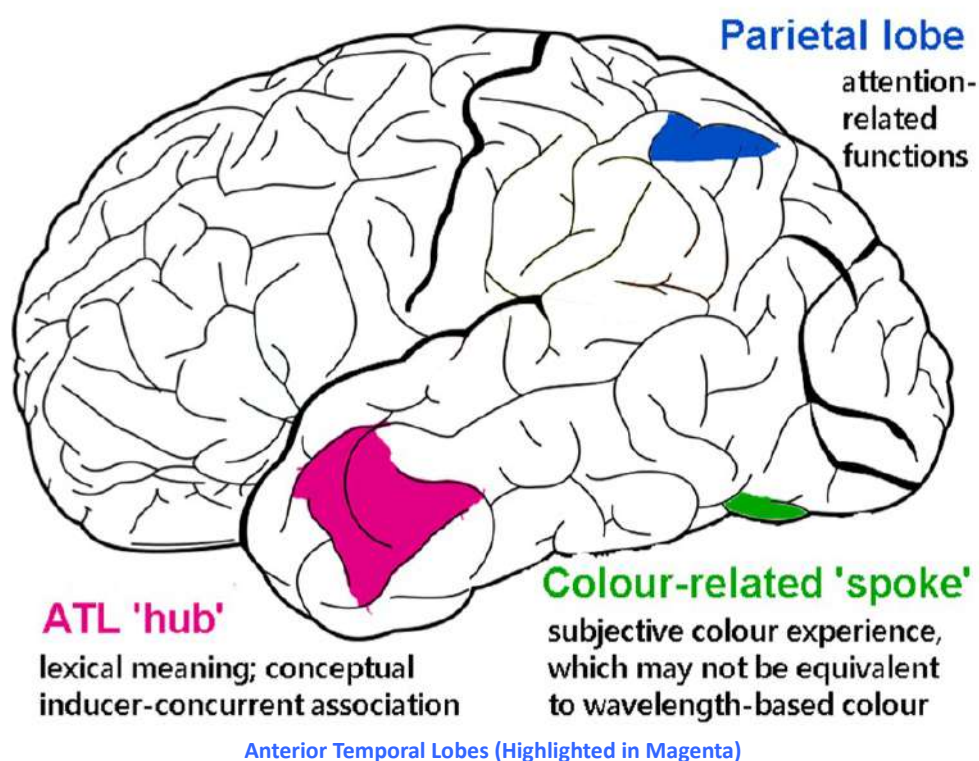
Since we learn how to perform basic arithmetical operations, these are stored in our long-term memory banks, very close to our language centre. This enables us to perform them quickly and with ease. Conversely, complex operations require the use of our parietal lobes and our work memory.



The Parietal Lobe (highlighted in blue)

2.5.3 Creativity

Creativity is used whenever we encounter irregular situations and have to use the "tricks" referred to in subchapter 2.4. When we find these, we are using the anterior temporal lobes.



We will see in the next chapter that creativity is necessary when the key to a certain puzzle seems impossible to find. On the other hand, when the most obvious way to reach the solution is not very practical, we must come up with an easier method (the arithmetical puzzles illustrated in 3.2.2 prove this point).

Chapter III- Analysis of a Series of "Professor Layton" Puzzles

3.1 Methodology

The following analyses were performed considering the data present in the previous chapters and my own experience at solving puzzles.

In order to avoid the obstacles encountered by Ruger, the author of this monograph solved and analysed the puzzles alone, without any test subjects. This is because the goal of this investigation was to record the intellectual process of solving puzzles in optimum conditions and without any pressure or the fear of failure. Furthermore, no hints were ever used, as this would compromise the aforementioned process.

Finally, I have included the instructions and pictures of every puzzle, along with their solution and analysis.

3.2. Analysed Puzzles

3.2.1. Memory

Puzzle: Battle of Wits



Battle of Wits (3DS Upper Screen)

Instructions: In this puzzle, you have to memorise the order of a knight's attacks and repeat it by choosing the corresponding drawings.

Solution: The first knight performs 4 attacks. The second and the third perform six. However, the third knight disappears before the sixth attack. The attack the knight performed after disappearing is logically the only one we did not see.



Battle of Wits (3DS Lower Screen)

Analysis: Generally, memory puzzles consist of remembering colours or bi-dimensional objects. This particular puzzle, however, forces us to mentally visualise attacks in three dimensions. Moreover, we have to match them to bi-dimensional drawings, which is, on the whole, a somewhat complicated process.

It should be noted that there are essentially two ways we can memorise: by language (i.e. mentally repeating the names of what we want to remember, such as "red, blue, green") or by making a mental image of what we want to remember. However, here we have to memorise a sequence of attacks whose names we don't know. Therefore, we have no choice but to mentally visualise them.

3.2.2. Arithmetics

Puzzle: The Window Pain



Window Pain (Initial Screen)

Instructions: "I was carefully cleaning up the fragments of this broken window with my three friends. I picked up the first three pieces. My friends followed in turn, each picking up three more pieces than whoever went before them. In the end, there were still three fragments on the floor. How many pieces of glass were there to begin with?"

Solution: The sum of all the pieces equals 33.



Window Pain (Finished Puzzle)

Analysis: The more arithmetical operations one has to perform, the harder it will be for their parietal lobes to organise and solve them. Now, most people would try to do the math in their heads, which, in this case, is hard to do. Thus, we have to use our creativity in order to find an easier way. The latter consists in writing down the information given by the puzzle in numbers: $3+(3 \times 2)+(3 \times 3)+(3 \times 4)+3=33$. Each operation written between round brackets corresponds to one of the "friends".

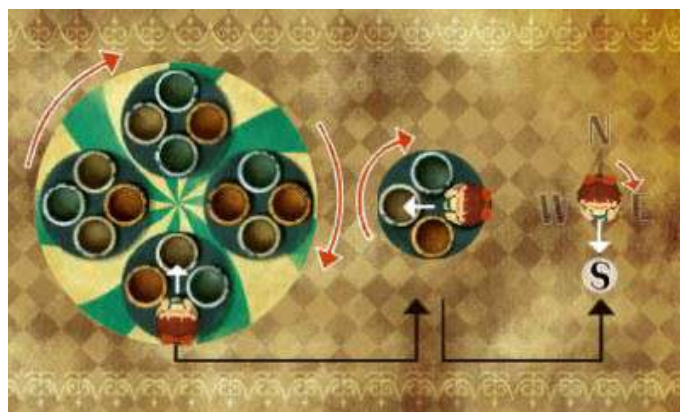
Puzzle: Ride Rotation



Ride Rotation (Initial Screen)

Instructions: A girl tries a spinning teacup ride, beloved at amusement parks across the world. There are four saucers on the ride's base and four cups on each saucer. The base, saucers and cups each take 20 seconds to make one complete clockwise rotation. If the girl in the picture is facing east now, which way will she be facing after the cup has spun for 15 seconds?

Solution: One complete rotation of 20 seconds is 360 degrees. However, 15 seconds is only long enough for $\frac{3}{4}$, in other words, 270 degrees. We thus have to sum all three rotations (taken by the base, the saucer and the cup), which totals 810 degrees. Since two full rotations are 720 degrees, we are left with 90 degrees ($\frac{1}{4}$ of the rotation) to reach 810. As the rotation is clockwise, the girl will be facing South.



Ride Rotation (Finished Puzzle)

Analysis: While it appears that we require an extensive knowledge of maths

and geometry to solve this puzzle, the latter is actually solvable by a few basic operations. However, the intimidating nature of this puzzle is intentional. We assume only a genius would be able to figure out the answer, which discourages us "laymen" almost immediately.

We should always be aware that there is a practical solution to every (well-designed) puzzle. Otherwise, our reasoning will be much poorer and we'll be tempted to give up. Self-confidence is an important trait to have when solving a puzzle.

3.2.3 Illusions

Puzzle: The Winning Arrow



The Winning Arrow (Initial Screen)

Instructions: A bag of candy dangles from one of three arrows attached to the wall. Assuming that all three arrows are perfectly straight, which arrow - A, B, or C - is connected to the candy?

Solution: B.



The Winning Arrow (Finished Puzzle)

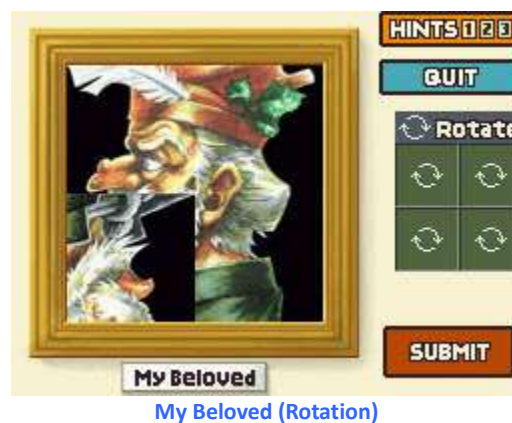
Analysis: This puzzle offers an example of the Poggendorff illusion. We would tend to choose arrow C because, theoretically, our perception of concealed acute angles in diagonal lines is poor. Curiously, the illusion doesn't manifest itself when the lines are horizontal or vertical.

Puzzle: My Beloved



Instructions: A work from a famous artist was recently discovered. The painting is a self-portrait of the painter in his later years and is entitled "My Beloved". Assuming the artist wasn't a huge narcissist and referring to himself, his beloved should appear in the painting somewhere. Can you find his beloved?

Solution: By rotating the image, we can change the position of the man's face, along with the black background. When we combine the latter in the centre of the painting, we obtain the silhouette of the man's "beloved".





My Beloved (Rotation)

Analysis: This puzzle was inspired by an image developed by the psychologist Edgar Rubin called "Rubin's Vase". The latter displays the white silhouette of a vase. However, the black background can be perceived as two identical faces looking at each other. In order to perceive these shapes, we have to use our association cortex, along with our experience at observing vases and faces.

As far as this puzzle is concerned, it should be noted that we do not tend to focus on the apparently irrelevant background as much as we do on the colourful and well defined face. This is because the latter is much easier to recognise. Thus, whoever doesn't know about Rubin's vase and its particularities would probably have a hard time solving this puzzle, not knowing what to expect.

3.2.4 Logic

Puzzle: Trial by Tennis

	WIN	LOSE	DRAW
A	3	1	1
B	4	0	1
C	2	1	2
D	3	2	0
E	1	4	0
F	0	5	0

Trial by Tennis (Initial Board)

Instructions: Six ladies have just finished playing a tennis tournament round-robin style (each one played all the others once). The results are still in the process of being drawn up on the board here, but you know only two of the matches ran out of time and ended in draws. Much to her surprise, E managed to win a match despite being a tennis rookie. Can you work out whom she defeated?

Solution: We immediately know that E did not beat B, as B was never defeated. From what we can read on the board, we know that both games that ended in draws were played by C (one against A and the other against B). Ergo, A lost only against B, tied with C and defeated D, E and F.

Knowing that D lost against A and B, we can deduce that D defeated C, E and F. C tied against A and B, and lost against D. Therefore, his two victories could only have been against E and F. By a process of elimination, the only person who could have lost against E is F.

	WIN	LOSE	DRAW
A	3	1	1
B	4	0	1
C	2	1	2
D	3	2	0
E	1	4	0
F	0	5	0

Trial by Tennis (Finished Board)

Analysis: This puzzle was probably inspired by the "zebra puzzle", which was created, allegedly, by Einstein himself when he was young.³ Essentially, we have to make our deductions based on what the puzzle tells us.

The logical process necessary to solve this puzzle consists of testing a series of hypotheses ("if X, then Y; if Y, then Z", etc.). Now, this puzzle in particular follows a clear and linear line of thought, which forces us not to lose focus until we have our final answer. If our train of thought is lost, it may be necessary to start from the beginning, as we will start to doubt our conclusions. Thus, we can't afford to let our left pre-frontal cortex rest until we find the answer, which constitutes a good mental exercise in and of itself.

Puzzle: The Cake Gobbler



The Cake Gobbler

Instructions: "Hey! Somebody ate my piece of cake! I was saving that for later"! A: "I didn't eat it"! B: "Neither A nor D ate it". C: "I didn't eat it, either"! D: "C is telling the truth". Somebody isn't telling the truth. That person is the cake gobbler. Who is it? !

Solution: If A were lying, B would be too. Ergo, neither is the cake gobbler. If C were lying, so would D be. Thus, they did not eat the cake either. The only statement that doesn't match any of the others is that of the owner of the cake himself. Ironically, he is the cake gobbler.

³ We now know that Einstein couldn't have created the puzzle, since a cigarette brand mentioned on the original zebra puzzle didn't exist when the physicist was young.

Analysis: The logical key to this puzzle is the fact that only one person is lying. However, there is a trick: we tend to assume that the cake gobbler has to be either A, B, C or D. Therefore, we can only rely on our critical thinking skills and not on what we assume to be absolutely true by default.

In some puzzles of this kind, the person who is lying is not necessarily the culprit we are looking for. This is yet another trick designed to fool us.

3.2.5. Visual Perception

Puzzle: Funny Shapes



Funny Shapes (Initial Screen)

Instructions: Five shapes are drawn on the chalkboard below. One of them is not quite right. Which one?

Solution: If we look closely, we will find that all the shapes drawn are composed of a certain number (the first shape is composed of threes, the second of fives, the third of sevens, etc.). This is what they have in common. However, there is something else: the shape of threes is composed of three threes, the one of fives is composed of five fives, etc. The shape that doesn't belong is the one composed of sixes, because it has only five sixes.

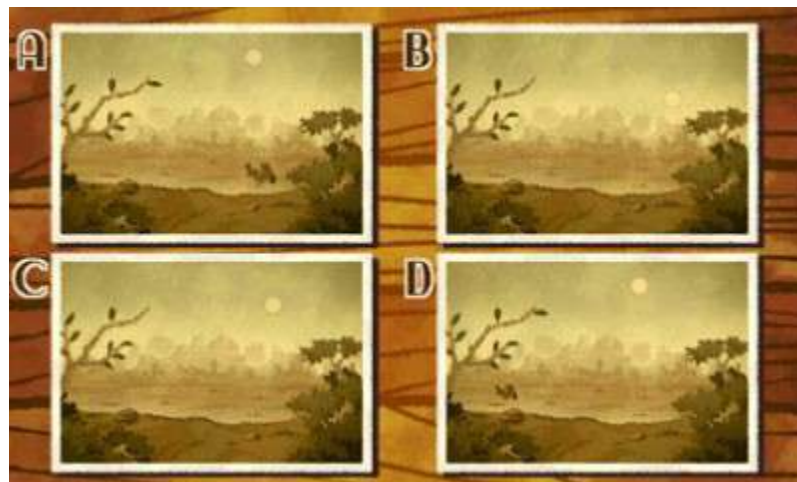


Funny Shapes (Finished Puzzle)

Analysis: This puzzle is arguably inspired by the *Gestalt* effect. The latter consists in the idea that the whole is other than the sum of the parts. Indeed, at first glance, these shapes have nothing in common. They are simply irregular drawings and not made of several numbers put together. However, according to the puzzle, only one of them isn't "quite right". Thus, we deduce that they must have something in common. By using the association cortex and our experience at observing Arabic numbers, we can separate mentally the parts of each shape.

Finally, in order to find the actual solution, we have to count every single number in every shape, which is done by another mental separation.

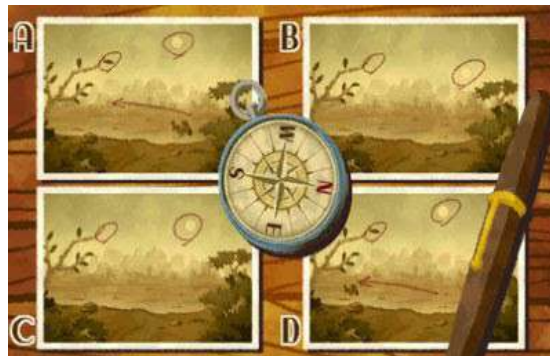
Puzzle: Faded Photos



Faded Photos (Initial Screen)

Instructions: Four dusty photos are kept in a battered old box of keepsakes. They're faded and hard to make out, but they all show the same place and seem to have been taken within a short space of time. In photo A, you can see a horse-drawn carriage traveling across the frame. Can you tell in which direction the carriage was headed?

Solution: Since we can see the Sun in these photos, we have a natural clue as to where the carriage is headed. Knowing that the Sun is setting and that it is to the right of the carriage, we deduce that the latter is heading South.



Faded Photos (Finished Puzzle)

Analysis: This puzzle requires the use of no less than three skills: perception, logic (respectively, the visual cortex and the prefrontal cortex), and critical thinking.

Considering that the photos were taken within a short space of time, we can deduce if the Sun is either rising or setting. In order to figure out which, we have to notice the tree branch whose only leaf can be seen in A and D (when the carriage is passing by), but not in B and C (because it fell). Therefore, the photos show the sunset.

Puzzle: Mysterious Memo



Mysterious Memo (Initial Screen)

Instructions: When you returned to your apartment, you discovered a strange piece of paper next to your calculator. Your roommate must have been trying to tell you something before he left. The note says "101 X 5". What could

this mysterious memo mean?

Solution: $101 \times 5 = 505$. The number 505 can be read as SOS.



Mysterious Memo (Finished Puzzle)

Analysis: It should be noted that there are many ways one can associate numbers with letters. We can identify letters by their order in the alphabet (A=1, G=7, etc.), by their place on the keys of a cell phone (2=ABC, 8=TUV, etc.) or even by Roman numerals (V=5, L=50, etc.). For this reason, it is not easy to decipher connections between numbers and letters in puzzles. Since we see a calculator, it is logical to assume the solution is to be found not in the operation itself but in its result. Finally, using the association cortex, we match the number 505 to SOS.

3.2.6 Mental Rotation

Puzzle: Stamp Stumper



Stamp Stumper (Initial Screen)

Instructions: This stamp is adorned with a blazing Sun motif. Can you picture how the design will look after you plonk the stamp down onto a piece of paper?

Solution: When we use a stamp on a flat surface such as a table, we obtain a mirrored depiction of the motif. Consequently, it can be neither A nor B. As far as C and D are concerned, we have to mentally rotate the stamp to verify that image C cannot be obtained. Thus, we are left with D.

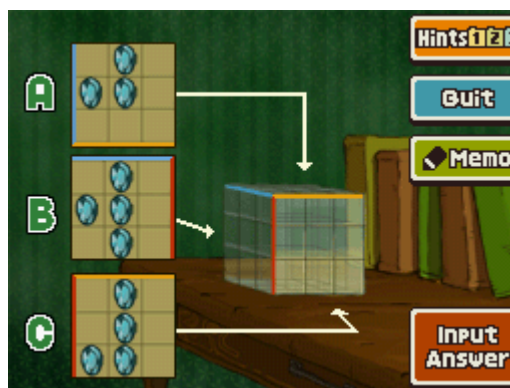


Stamp Stumper (Finished Puzzle)

Analysis: This puzzle requires us to not only mentally rotate the drawings, but also to find certain differences between the drawings and the stamp motif. Thus, we use the visual cortex and the Supplementary Motor Area.

The puzzle may trick us into thinking the right drawing depicted an exact reproduction of the motif when the latter is turned upwards.

Puzzle: Glass Boxes

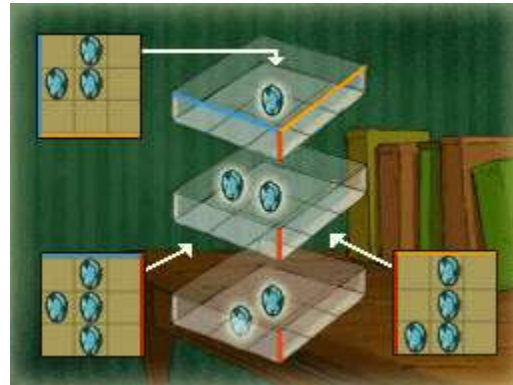


Glass Boxes (Initial Screen)

Instructions: Twenty-seven glass boxes have been stacked together to form a cube. Some of the glass boxes have a gemstone inside. Image A shows a view of

the cube from above, B shows a view from the side and C shows a view from the front. How many of the boxes contain gems?

Solution: 5 gems. Image C shows 4 of the stones, which we can see from the side. Image B shows the only gem we can't see from the front, since it is behind the gem shown in the middle of image C.



Glass Boxes (Finished Puzzle)

Analysis: If we saw these images bi-dimensionally, we would count a total of 11 gems. Consequently, we need to bear in mind that some of the stones shown in one image may be the same as those shown in different angles. It is hard for our brains to repeatedly compare different sides of a tri-dimensional object.

3.2.7 Creativity

Puzzle: Typing Numbers



Typing Numbers (Initial Screen)

Instructions: This typewriter has only number keys. Pressing a single key

types out that number immediately, but pressing subsequent keys takes an extra second for each key further along the keyboard from the previous key. For example, pressing 1 then 2 takes one second. Pressing 1 then 3 takes two seconds. What is the shortest time possible (in seconds) it will take to type "68060" as shown on the paper?

Solution: If we press the keys that we see on the paper, we would take 12 seconds. This is how the puzzle tricks us. However, if we turn the paper upside down, we get "09089", which we type in only 5 seconds.



Typing Numbers (Finished Puzzle)

Analysis: Anyone who has solved puzzles similar to this can instantly evoke the memory that a six turned upside down is a 9. In other words, they use their procedural memory. After that, they need only to count the seconds.

However, if you have never solved a puzzle like this, you have to use your anterior temporal lobes (for creativity) and your prefrontal cortex (for logic).

Puzzle: Seven Coins



Seven Coins (Initial Screen)

Instructions: Seven gold coins make up a circle. Moving only one coin, arrange them so there are an equal number of heads-up coins as there are tails-up coins.

Solution: We have 5 heads and two tails, so simply flipping a coin does not work. Consequently, besides flipping a coin, we need to place it on top of another head. Thus, we have 3 heads and three tails.



Seven Coins (Finished Puzzle)

Analysis: The game allows us to move the coin. Therefore, it stands to reason that that is part of the solution. However, in real life, most people would think that the only possible interaction performed with the coin would be to flip it. For this reason, it would be much harder for them to find the solution.

This is a good example of how, when we solve a puzzle, appearances often deceive us, both visually and perceptively.

3.2.8. Pattern Recognition

Puzzle: Switchboard Cipher



Switchboard Cipher (Initial Screen)

Instructions: This switchboard has an emergency-shutdown feature. Apparently, all you have to do is press the button marked with the symbol that should appear in place of the question mark. The symbols are arranged according to a certain rule. So, which button is it?

Solution: The most complex images result from combining two other symbols, both of them three symbols apart from each other. For example, the circled M is a mix of both the solitary M and the circle. Thus, the missing symbol is the circled triangle (a result of the triangle and the circle 3 symbols away).



Switchboard Cipher (Finished Puzzle)

Analysis: We know from experience that the symbols consist of squares, triangles, circles and some irregular shapes. The goal is to find out what the shapes have in common in this context.

Now, unless we know a priori what we are looking for, we'll have a hard

time perceiving some symbols as combinations of others. Nevertheless, this puzzle could have been made more complicated if the symbols all had different sizes and/or were turned to the side. These small details would make it harder to find the common denominator.

In short, we can find the solution by mentally visualizing triangles (groups of three) whose "corners" are symbols associated with each other.

Puzzle: The 26th Card



The 26th Card (Initial Screen)

Instructions: You have a 52-card deck with no jokers. If the cards are all placed in a certain order that follows the pattern below, what will the number and suit of the 26th card be?

Solution: As far as the numbers are concerned, we perceive that each card is 3 numbers above the previous one. The cards whose value is above 10 are the jack, the queen, the king and the ace. On the other hand, the order of the suits is "diamonds, clubs, hearts, spades".

Since the ace is the 14th card, we know that the order repeats itself after the jack (13th card). Thus, the next ace is the 27th card, making the jack the 26th.

Taking into account that the first ace is that of diamonds and the second is that of clubs (following the general order of the suits), we can deduce that the third is that of hearts. This means that the card before that is one of clubs. Therefore, the 26th card is the jack of clubs.



The 26th Card (Finished Puzzle)

Analysis: Anyone who knows a priori the value of cards in poker will figure out the number sequence easily. Otherwise, it will be necessary to study the pattern in order to find out why 8, 9 and 10 are followed, respectively, by J, Q and K.

Theoretically, we could find the solution by simply counting the cards in our heads or by drawing them on paper. However, this is the least practical (but most obvious) method. Thus, we have to search for certain details in the pattern, which allow us to deduce the answer more easily.

3.2.9. Mechanical Puzzles

The most classical amongst the "Professor Layton" puzzles are the mechanical ones. These consist of tables whose pieces are movable (according to certain rules). Thus, solving them may take dozens of moves, even if we do not make any mistakes (though a secondary goal is to make as few moves as possible). Their main objective is generally simple in theory (i.e. getting a ball from one place to another). However, the obstacles we encounter (and even the movable pieces) make the puzzle much harder than expected.

Considering what we wrote in the previous paragraph, it would not be practical or useful to specify the solutions to the mechanical puzzles we will illustrate. However, we will provide the instructions to each example.

Analysis: There are two methods we can use in order to solve these puzzles:

The conceptual method consists of mentally visualizing every move we have to make until we reach the goal. Thus, we solve the puzzle with as few moves as possible. However, this is made complicated by the sheer number of necessary

moves we have to memorize.

The perceptual method consists of trial and error, but always keeping in mind the moves we haven't tried. These are the ones that often allow us to progress when we're stuck. This method may take longer than the other and requires a much greater number of moves. However, it can be deemed as safer and more effective in complex puzzles.

Examples:

Bunny-Hop Swap



Bunny-Hop Swap (Initial Screen)

Instructions: Here are some rather unusual rabbit toys. There are three rules: 1. The rabbits can only move by jumping horizontally, diagonally, or vertically over other rabbits. 2. They can jump over any number of rabbits at once. 3. A white rabbit will turn brown when jumped over, and vice versa. Can you make all the rabbits here turn brown, following the rules given above?



Bunny-Hop Swap (Finished Puzzle)

UFO SOS



UFO SOS (Initial Screen)

Instructions: "One day, I saw a spacecraft hanging motionless in the sky right above me. 'Must be engine trouble,' I thought. The solution was simple. All I had to do was move to the spacecraft's energy ball from the left to the right, and it was as good as new! Think you can do the same?"



UFO SOS (Finished Puzzle)

Emperor's Throne



Emperor's Throne (Initial Screen)

Instructions: Six penguins are standing on an iceberg- five small ones and their rather portly emperor. All penguins can move either horizontally or vertically, but once in motion they won't stop until they hit another penguin. If there is nothing in the way, they'll plunge straight into the sea! Can you help the emperor penguin get back to his rightful place in the centre of the iceberg?



Emperor's Throne (Finished Puzzle)

Conclusion

From the results of the analyses done in this study, it becomes clear that puzzle solving is essential if we wish to develop mental skills such as logic and imagination. Consequently, the scarcity of studies done on the subject is nothing short of regrettable. Indeed, the only monograph we found that deals with the mental processes involved in puzzle solving is Ruger's. Of course, Ruger did not have the data obtained recently by fMRI studies. Conducting more thorough investigations as to how people solve puzzles may reveal fully how certain cerebral processes work.

Bibliographic References

Ballard, John. *Some Phases of the Psychology of Puzzle Learning*. New York: New York University 1915. <https://archive.org/details/somephasesofpsyc00ball>
Gleitman, Henry, Alan Fridlund, and Daniel Reisberg. *Psicologia*. Translated by Danilo Silva. Lisbon: Calouste Gulbenkian Foundation, 2011.

Restak, Richard. *How Puzzles Improve your Brain*. London: Souvenir Press, 2013.

Sweeney, Michael. *Brain: The Complete Mind*. Washington D. C.: National Geographic Society, 2009

Web-bibliography

http://archimedes-lab.org/latin_ostomachion.html

<http://brainmadesimple.com/parietal-lobe.html>

<https://courses.p2pu.org/en/groups/studying-psychology-the-p2pu-way/content/task-21-the-ebbinghaus-forgetting-curve/>

<http://www.edoctoronline.com/medical-atlas.asp?c=4&id=21790&m=2>

<http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2014.00105/full>

http://layton.neoseeker.com/wiki/Battle_of_Wits

http://layton.neoseeker.com/wiki/LS142_-_Switchboard_Cipher

http://layton.neoseeker.com/wiki/MM047_-_Trial_by_Tennis

http://layton.wikia.com/wiki/Professor_Layton_and_the_Miracle_Mask

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:Glass_Boxes

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:Middle_of_the_Deck

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:Seven_Coins

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:Typing_Numbers

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:UFO_SOS

http://layton.wikia.com/wiki/Puzzle:Window_Pains

<http://mathworld.wolfram.com/Stomachion.html>

<http://neurosciencenews.com/neuropsychology-reasoning-evolution-1593/>

<https://plato.stanford.edu/entries/aristotle-logic/>

<http://professorlaytonwalkthrough.blogspot.pt/2008/02/puzzle112.html>

<http://professorlayton2walkthrough.blogspot.pt/2008/11/puzzle029.html>

<http://professorlayton3walkthrough.blogspot.pt/2009/01/puzzle034.html>

<http://professorlayton3walkthrough.blogspot.pt/2009/01/puzzle065.html>

<http://professorlayton3walkthrough.blogspot.pt/2009/01/puzzle104.html>

<http://professorlayton5walkthrough.blogspot.pt/2012/09/puzzle006.html>

<http://professorlayton5walkthrough.blogspot.pt/2012/09/puzzle009.html>

<http://professorlayton5walkthrough.blogspot.pt/2012/09/puzzle114.html>

<http://professorlayton5walkthrough.blogspot.pt/2012/09/puzzle117.html>

<http://professorlayton5walkthrough.blogspot.pt/2012/09/puzzle128.html>

<https://www.sicotests.com/psyarticle.asp?id=191>

http://thebrain.mcgill.ca/flash/a/a_06/a_06_cr/a_06_cr_mou/a_06_cr_mou.html

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/puzzle>

http://www.nature.com/nrn/journal/v6/n5/fig_tab/nrn1669_F5.html

http://www.123opticalillusions.com/pages/kanizsa_triangle.php

RESUMO

Sempre que confrontamos um problema invulgar, somos forçados a ponderar uma solução, utilizando partes do nosso cérebro que (normalmente) não utilizamos no nosso dia-a-dia. Contudo, muito poucos estudos foram efectuados relativamente a como a resolução de puzzles pode beneficiar as nossas capacidades intelectuais. Por conseguinte, muitos não sabem como aperfeiçoar o seu pensamento crítico. O objectivo da presente monografia é analisar um certo grupo de puzzles que apareceu alguns anos atrás em videojogos destinados para as consolas portáteis: aqueles incluídos na série Professor Layton. Apesar de ser possível encontrar soluções directas em guias de estratégia, tentaremos no presente trabalho mostrar como processamos a informação necessária à resolução

de um puzzle, e como isto beneficia o cérebro. Com esta finalidade, foi resolvida uma série de puzzles e registado o processo cerebral, tendo em atenção o que se sabe actualmente da utilização das capacidades intelectuais.

Palavras-chave

Puzzles. Professor Layton. Capacidades intelectuais. Pensamento crítico.

ABSTRACT

Whenever we encounter an uncommon problem, we are forced to think of a solution using parts of our brain we do not normally train in our daily life. However, so far, very few papers have been written on how our intellectual abilities are improved by solving puzzles. The goal of this monograph is to analyse a group of puzzles included in the "Professor Layton" series. While strategy guides may provide direct, easy answers, I shall endeavour to show how people process mentally the information required to solve puzzles and how this benefits the brain. The genres of the aforementioned puzzles range from logic and arithmetic to mental rotation and pattern recognition.

Ultimately, I submit that puzzle solving is an extremely effective method of improving our intellectual abilities. Thus, its study may yet help neuroscientists progress in their investigation of mental processes.

Key-words

Puzzles. Professor Layton. Intellectual abilities. Critical thinking.

NOTA – As imagens que ilustram este artigo foram gentilmente cedidas pela autora.

**NOTES ON AN INTERNATIONAL CONTEXT OF
KORCZAK'S PEDAGOGICAL LEGACY**



Janusz Korczak

ANNA ODROWAZ-COATES

MARIA GRZEGORZEWSKA PEDAGOGICAL UNIVERSITY

WARSAW

Introduction

The largest number of interpretations of Janusz Korczak's works come from Polish, Israeli, German and US scholars. He was also well received in Russia, Canada, Japan and lately several countries on African continent. The International Korczak Association (IKA) comprises of multiple national associations that can be found here: <https://www.korczak.org.uk/associations.html>. I hope that this paper will reach an audience in Portugal to share information about his heritage and perhaps even to evoke new interpretations of his works.

This paper is based on a personal journey to discover Korczak's legacy, made whilst completing the course "The Global Teacher" 2017-2018 (18 4565 018 2017/2018) at the University of Haifa, dedicated to Korczak's pedagogical and

¹ I would like to thank Areen Abu Saleh who is a school teacher and a Master's course student at the University of Haifa (Israel), for providing an input in the development of the conclusions section. I would also like to thank Dr. Moshe Shner from Oranim College (Israel) for his advice and helpful comments on the initial draft of the paper.

² BIO-NOTE - Anna Odrowąż-Coates is a Professor at the Social Pedagogy Department, Faculty of Education, The Maria Grzegorzewska Pedagogical University in Warsaw. She is also a Doctor of Political Science and MA in Sociology. Her scientific activities have included independent field research in Italy (2002-2004), UK (2004-2008) and Saudi Arabia (2010-2012). Her latest projects include a comparative enquiry into the popularity of the English language in public spaces in Poland and Portugal, exploring the language-power relation (2017-2018). Her main areas of expertise refer to social inequality: gender, ethnicity, religion and the reproduction of social systems in a lens of social and critical pedagogy.

philosophical contributions. First I will introduce Janusz Korczak's biography to readers unfamiliar with his heritage. Then I will briefly refer to his major works, by attempting to answer two main questions related to cultural differences and the contextual nature of educational practice: could Korczak's pedagogy become universal - beyond cultural differences and therefore relevant in different cultures? Furthermore, based on this initial question, I would like to explore: could his pedagogy be employed as a baseline for teachers around the world?

In doing so, I will analyse a selection of published works about Korczak's legacy and engage with personal and educational practice in my own country that may be linked to his pedagogical thought. I noticed that in some circles around the world, Korczak is already considered one of the greatest pedagogues of the last century. In others, particularly in North America, he is less widely well known and I aim to encourage the mission to promote his writings and his ideas there. "The image of Korczak as a left winged writer, engaged in the critique of existing socio-political reality has become a thing of the past" (Smoliska-Theiss 2013, p. 17). "As well as the interpretation of his writings as an affirmation of collective upbringing" (c.f. *Ibidem*). Multiple lenses of enquiry were employed including a fresh publication by Liebel and Markowska-Manista (2017), which shifts the weight of understanding Korczak, towards children's rights in a multicultural context. Their recent interpretation fits closely with the premise of this paper.

Who was Korczak?

Based on information from two biographical works by Lifton (1988) and Bernheim (1989) I will briefly discuss Korczak's life history. Janusz Korczak was born in 1878, in Warsaw to a Jewish family (Poland was under Russian control at the time, due to the partitions of Poland). His birth name was Henryk Goldszmit (read Goldshmit), but he soon assumed a pen-name of Janusz Korczak when he started to write to Polish language newspapers. From birth, he embraced both Polish and Jewish identity, which at times of ethnic and religious conflict made him a link between two distinctive

worlds. His agnostic attitude towards institutionalized religion and positive take on spirituality, helped him to overcome faith based conflicts (c.f. Shner 2012a, Silverman 2006). He graduated as a doctor and specialized in paediatrics, but was forced to serve in the military during the Russian-Japanese war. Later on, voluntarily, he became a doctor and an officer in Polish Army during World War I and the Polish-Soviet war. When Poland re-gained independence he managed to study medicine in Berlin and designed his own orphanages, run like exclusive boarding schools, one for Jewish and one for Polish children, where his ideas of children's democracy took shape. He organized a "Little newspaper" written and run by children and he promoted the rights of children on his own radio programme. He also regularly visited a *kibbutz* in Palestine, where he gained inspiration for some of his philosophical ideas. Korczak is remembered as a tutor in a Jewish orphanage in Warsaw's ghetto during the Holocaust, where he entered voluntarily and as a martyr, who chose to die with the children he cared for, despite the possibilities he was given to avoid death. His most famous novels for children are "King Matt the First" (*Krol Macius I*) (1922) and "Kaytus the Wizard" (*Kajtus czarodziej*) (1933). Amongst his great scientific contributions to educational studies and children rights are: "Educational Moments" (*Momenty wychowawcze*) (1919), "How to Love a Child" (*Jak kochać dziecko*) (1919), "The Child's Right to Respect" (*Prawo dziecka do szacunku*) (1929) and a "Ghetto Diary" (1942).

According to B. Smolinska-Theiss (2013) he gained international recognition as one of the greatest pedagogues of the twentieth century. He is known as a critic of the existing socio-political reality, child-oriented educator, a social pedagogue and a researcher of childhood. Some, like M. Shner (2010), connect him to Stoic philosophy, others prefer to view him as a first pedagogue, who throughout a book entitled *Bobo* (1914) introduced a novel area of pedagogy connected to newborn babies' and toddlers (c.f. Odrowaz-Coates, Vucic 2017).

What is Korczak's pedagogical thought? Is there one?

"[...] There are no children, just people, but with a different conceptual scale, different ranges of experience, different urges, different emotional reactions. Remember that we do not know them...(Korczak 1967, p. 204)".

In my view, even if Janusz Korczak did not intend to produce long-lasting philosophical or pedagogical thought and perhaps was more engaged with children's upbringing in his own time and space, his thoughts produced child-centric educational goal posts, with methodical and coherent system of guidelines and beliefs about the socialization and education of children. I feel that due to the interest in his life and his writings, many seek ideological and epistemological grounding for his ideas. As learnt through the course at Haifa University (Dr. Moshe Shner - The Global Teacher 18 4565 018 2017/2018), this may be seen as a novel ideology, specific to Korczak's personality, his life situation and his personal convictions.

Furthermore, during this course I discovered an original concept by Moshe Shner (2010) of connecting the classical worldview of the Stoics to Korczak. Moreover, a spiritual dimension of his quasi ideology was found in his writings related to a utopian vision of the future land of Israel (c. f. Shner 2012b, Lewowicki 1994). At Polish higher education facilities, Janusz Korczak is often discussed during social pedagogy courses, yet he may also be noticed during philosophy courses at pedagogical departments. His pictures are frequently found at universities and sometimes at schools of different levels.

This for me is a sign that there the pedagogical thoughts of Janusz Korczak still exist and are relevant today. These pedagogical thoughts are very much connected to a child, viewed as an active agent, as an equal and as a person who has rights. Such concepts must have been incredibly novel and perhaps even very unpopular at his time. Moreover, it must have been rather unusual to find a man, who would be preoccupied with children, their play, their wellbeing, their health, growth and education.

Friedrich Fröbel (1782–1852), was also an exception, who pioneered nature education and children's development through play with the right kind of toys, but to give children voice (in the newspaper) to give children choice (the children's democracy) and to make it real and not just a practice or a play, was in my view, something incredible for Korczak's era. In his orphanage he established a 'peer court' and a self-governing parliament run by the children (Korczak, 1967, p. 351), whose main aim was to promote good, responsible citizenship. He found multiple benefits of engaging children with their own newspapers, amongst them, using his own words:

"It teaches a conscientious discharge of voluntary commitments, a work in a planned manner, based on the combined effort of various people. It teaches courage in voicing one's opinion and how to conduct a decorous controversy on the basis of argumentation rather than bickering [...]. It is the conscience of the community. You have a grievance – write to the paper. You are upset – write [...]. The newspaper is a link, which binds the class or school. Through it, complete strangers come to know each other. It puts a spotlight on those quiet and thoughtful ones who in solitary silence can express themselves on paper but whose voice is lost in a vocal dispute (Korczak 1967, pp. 379-380)."

The newspaper his children ran was called "Maly Przegląd" (Little Review) and was a bridge between Polish and Jewish children published nationally between 1926 and 1939 (c. f. Newerly 1967, p. 19).

The concept of children's rights - the cultural aspects

The discourse that Korczak chooses to describe children's curiosity and lack of experience, may serve as a good introduction to the intercultural discussion:

"[...] The child is a foreigner who does not understand the language or the street plan, who is ignorant of the laws and customs. Occasionally, he likes to go sightseeing on his own; and, when up against some difficulty, he asks for information and advice...." (Korczak 1967, p. 368).

A recent book entitled *Re-reading Janusz Korczak* (2017), which is a selection of previously published articles on Korczak translated into Polish, may be viewed as a symbol of intercultural reconciliation between several nations, through joint academic efforts in learning from the past and from Janusz Korczak's contributions to childhood and children's rights today. This symbolic dimension may also be found in the deep analysis of his thought in relation to the social inclusion and exclusion of children from diverse communities. The ever-present motto in this selection of papers is fully reflected by his conviction that the world should be 'repaired' starting from the mending of children's matters (c. f. p. 9). Child matters may be seen as more universal in more traditional societies than for example women's issues, when international law meets local tradition. An example may be found in Malaysia, where the Maqasid al-Shariah stood in conflict with the "Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women (CEDAW)" and there was a heated debate about, which one should prevail (c. f. Afandi Salleh *et al.* 2016). M. Freeman (1992) maintains that Shulamith Firestone in 1970 pressurized feminist movements to include the fight against the oppression of children in feminist manifestos and to not follow the negligence displayed by men, who by being silent and unsupportive obstructed the women's cause.

As far as the common dialog goes, cultural differences may bring some incompatibility, especially around the issues of human rights and children's rights. Yet, all sane parents in the world love their children and want the best for them. So of course, do the educators. However, they may vary in the interpretation of what is the best for their children. For example, there is a known Biblical verse saying that the one who does not beat their child is the one who hates their child (*Proverbs 13:24*: "He who spares the rod hates his son, but he who loves him is careful to discipline him."

Proverbs 23:13: "Do not withhold discipline from a child; if you punish him with the rod, he will not die). Despite differences in deciding what might be the best for the child in every society, children are the link to the past and the hope for the future. Therefore, Korczak is right, that children may be the uniting, common cause.

In fact Korczak's mixed heritage and being in-between cultures, religions, languages, reflects the experiences of many people in the 21st century, due to migration and for example, more diverse choices in marriage. His thoughts resonate well with people experiencing an identity struggle and a search for belonging, as he felt that he did not fit in either of the communities and yet he identified strongly with both of them. He could also serve as an example of determination in face of adversity and a strong morale flagpole, that would not bend as the wind blows but stand up for his beliefs and maintain the high moral ground. Moreover, his attitude towards hard work, towards bettering oneself and life-long learning, makes a universal mold for modern educators and their students.

Will Korczak's concepts be accepted globally?

There is always a risk that the cultural and socio-political barriers may be too strong to overcome. In this context it may be worth noting that there was the "Moscow Declaration of Children Rights" (1918), referenced in Liebel & Markowska-Manista (2017). This document was produced earlier than the "Declaration of the Rights of the Child" adopted by the League of Nations in 1924, which was developed in Geneva, with Korczak as one of the delegates, proven by his signature (1923) on the original document. Yet, probably due to political reasons the initial Moscow declaration was never fully recognized (c. f. Liebel 2016). Korczak's influence in the initial Geneva declaration is felt in its ratification by the UN in 1959, through "The Universal Declaration of Human Rights" (1948) and again in the "Convention on the Rights of a Child" (1989).

An interesting aspect of re-thinking Korczak may be found in the African Charter of the Convention. The way that children's autonomy is interpreted may be

seen as tainted by Western bias, so having a separate charter, which accounts for cultural differences is perceived as the act of decolonization, yet it may also be an act of lowering the standards that Convention brings (c. f. Odrowaz-Coates (2018)). It is hard to decide what would be his point of view on this document. Either way echoes of his concepts may be found in all these documents.

Universalism in Korczak's ideas

Korczak may be seen as a critical pedagogue, almost a 'norm critical' pedagogue, norm critical for his times, but also in a more universal sense. In this way he wants to change the world for the better, not through revolution but through revealing social norms and social mechanisms and questioning them, putting them to the test and asking why? Who do they serve? Why one individual should have mastery over the other? He basically questions power hierarchies.

I feel that he also promotes a more open approach to dialogical pedagogy, which may be seen in his publications released a few years before Buber's "I and Thou" (1984), which was first published in German in 1923. However, Buber focuses more on a spiritual transcendence, whilst Korczak is more down to earth, with real life of children here and now, with their bodies, their roots and their persona. Sometimes we may even have a feeling that perhaps, 'I' - is the emerging I of a child and 'it' - is the teacher, boxed through previous experience, shaped and tailored to suit the culture, stuck in his or her narrow-mindedness, whilst the 'I' of a child is still wild and free, open to new experiences, not yet exclusionary - learning from 'it' to be stuck in the power structure and to obey.

Perhaps I go too far with my interpretations of it-I & I-it, but Korczak is not there to ask and we can only guess how far he would go with his ideology. We could say that he has created a form of ideology around childcare and upbringing that may be a reflection of a wider ideological underpinning and it may be interesting to pursue

the norm critical pedagogy³ in his works. It may be a false trail, as Korczak does not deal directly with schooling and the school's routines. He does not refer directly to a teacher, but to adults' and children's relations in general. However, if we think of him as a critic of society and of the status of children in a wider sense, then school is one of the systems he referred to, making it possible to link him to norm critical pedagogy.

His concept of new spirituality or even the idea of a new 'almost faith' that would unite humanity has been a desire for so many free thinkers worldwide. Sadly, as much as humans need religion and need faith to feel more secure and to find meaning of life, religion in the wrong hands and interpreted in a wrong way may be a powerful tool of social control and social engineering (Durkeim 1912). In his writings one may find that Korczak was a religious and God fearing person, but not religious in a traditional sense, as a follower of a particular doctrine. He searched for a personal relation with God through individual dialog and prayer (c. f. Korczak 2018).

He supported ecumenical dialog between religions and faiths, granting education the central place in widening the narrow horizon of single conviction. Wringe (c. f. Freeman 1992) argues that the right to education should award people access to open global education and not incubate them in limiting 'emic' school indoctrination. It would be very hard to find a new faith, which would unite all humanity. Even if it were possible, I think that people would find a different way to create a distinction, based on eye color, wealth, health, or anything else, which would create conflict and discrimination. It does not mean we should not try to give our children a sense of responsibility for oneself and others, especially the weaker, the disadvantaged, the ones in need. Perhaps, this is the overall meaning behind Korczak's

³ Norm critical pedagogy aims to reveal how social norms create fields of exclusion / inclusion at school and in society, screening the power relations, questioning who is benefiting from certain norm creation and its reproduction and how norms dictate what is considered to be 'normal' and what is 'abnormal'. It was first developed in connection to gender related norms. Odrowąż-Coates, A. "Is gender neutrality a post-human phenomenon? The concept of 'gender neutral' in Swedish education", *Journal of Gender and Power*, 3 (1) 2015, pp. 113-133.
[https://repozytorium.amu.edu.pl/bitstream/10593/13996/1/Journal%20of%20Gender%20and%20Power%202015%20No.3%20%281%29Anna Odrowaz Coates.pdf](https://repozytorium.amu.edu.pl/bitstream/10593/13996/1/Journal%20of%20Gender%20and%20Power%202015%20No.3%20%281%29Anna%20Odrowaz%20Coates.pdf)

call to instill respect for any human being. Perhaps I went too far in my interpretation, this does not mean that racist or other discriminatory practice by fellow humans should be supported, but it means that respect breeds mutual respect and that the language of hate should be replaced by the language of acceptance.

Resistance to Korczak's thought

Amongst the barriers to Korczak's ideas, one may find traditional pedagogy, with authority figures and a social order that relies on age and experience. The idea of a child being socially programmed and 'tamed' is based on traditional power structures, which Korczak challenges. He sees adults more as the enablers and supporters of a child's independent curiosity than as disciplining and all-knowing. I think that it would be worth exploring whether the factors that block Korczak's ideas are inherent and imbedded in cultural contexts, or if they rely on a lack of exposure to children's rights concepts amongst educators and carers?

I believe that many country-specific pedagogies suffer from an ideological selection of philosophers on education and upbringing and that reproduction of social order, through repetition of their own childhood experiences by adults, may be a significant barrier. Perhaps people are afraid that the world leans towards a pre-figurative model of culture (c. f. Mead 1970) based on the digital revolution, which has somehow started to undermine the post-figurative culture's credentials, would be more hesitant of Korczak's idea of children's agency and freedom of choice. Adults are frightened to treat children as equals, because it requires a lot more effort. One cannot simply order a child to do what they are told, but must explain and reason. This may be a significant problem dependent on educational background and social stratification. Well-trained and dedicated educators could make a real change in this respect. The issue is how to engage them with Janusz Korczak's ideas during their training and if they are able to accept the following guidance from Korczak:

"Be true to yourself, seek your own road. Learn to know yourself before you attempt to learn to know the children. You should realize what you are capable of before you begin to bring home to the children the scope of their rights and duties. Of them all, you yourself is the child whom you must learn to know, rear, and above all, enlighten... (Korczak 1967, p. 204)"

Conclusion

The world has lost Korczak, but his heritage of humanity and pedagogical insights is still alive and has an impact in the world today.

I appreciate the way in which Korczak defined a child as "a complete person and not a person in making but a person here and now" (Shner 2014, p. 1). I believe that children should have their rights in life, just like adults. All that they need is deep understanding, much love and care and only then can they create a better world.

I may say that Korczak should be considered a hero, one who has struggled through hard conditions and bad experiences throughout his life, turning the direct impact of these conditions and experiences into a positive force. A force of revolutionary change in how I perceive children and their situation. His father's sickness caused him to take a decision not to build a family of his own and not to have biological children, as he feared they might have had genetically inherited the madness of their grandfather. Living with an internal struggle as well as the everyday life conflict and contraction between his Jewish identity and his Polish identity, did not prevent him to be equally engaged on both sides and finding a fair equilibrium for accommodating both of his identities. For instance he made efforts to manage a Polish and a Jewish orphanage and to keep them both at a high standard.

I feel that Korczak could become a role model for today's teachers. He was struggling for children's rights at all times and in all conditions. He fought for their dignity and for their future just because he loved them. Love was the driving force that might inspire many others. The need was his and not theirs. Unfortunately,

nowadays there are still teachers who treat children as items, as objects, as things and not even as humans, that's why education is in danger today!

I propose that teachers should adopt Korczak's ideas and thoughts about children and find inspiration and courage to cultivate their own educational passions, like the one Korczak had towards children. Teachers must care for children and respect their needs and differences between them. Only then may we provide better, more pertinent education to build a better and brighter future.

Bibliographic References

Bernheim, M. (1989). *Father of the Orphans: The Story of Janusz Korczak*. New York: Lodestar Books.

Buber, M. (1984). *I and Thou*. New York: Scribner.

Durkheim, E. (2001) (oryg.1912). *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: Oxford University Press.

Freeman, M. (1992). *The Ideologies of Children's Rights*. Dordrecht (NL): Martinus Nijhoff Publishers.

----- (2015). *Human Rights. An Interdisciplinary Approach*. Cambridge: Polity.

Korczak, J. (1967). *Selected Works of Janusz Korczak*. Washington, DC: National Science Foundation.

----- (2018). *Sam na sam z Bogiem. Modlitwy tych którzy sie nie modla [Intimately with God. Prayers of those who do not pray]*. Warsaw: Rzecznik Praw Dziecka.

Liebel, M. (2016). "The Moscow Declaration on the Rights of the Child (1918). A Contribution from the Hidden History of Children's Rights." *The International Journal of Children's Rights*, 24 (1), pp. 3-28.

Liebel, M. Markowska-Manista, U. (2017). *Prawa dziecka w kontekście*

międzykulturowości. Janusz Korczak na nowo odczytywany [Children's rights in the multicultural context. Re-reading Janusz Korczak] Warsaw: Akademia Pedagogiki Specjalnej.

Lifton, B. J. (1988). *The King of Children: A Biography of Janusz Korczak*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Lewowicki, T. (1994) "Janusz Korczak (1878-1942)". *Prospects: The Quarterly Review of Comparative Education*. XXIV, 1/2, pp. 37-48.

Mead, M. (1970). *Culture and Commitment: A Study of the Generation Gap*. New York: Natural History Press.

Newerly, I. (1967). "Introduction" In: *J. Korczak Selected Works of Janusz Korczak* (pp. 12-27) Trans. By J. Bachrach. Washington, DC: National Science Foundation, available at: <http://www.januszkorczak.ca/legacy/CombinedMaterials.pdf>

Odrawaz-Coates, A. (2015). "Is gender neutrality a post-human phenomenon? The concept of 'gender neutral' in Swedish education", *Journal of Gender and Power* 3 (1), pp. 113-133.

Odrawaz-Coates, A., Vucic, B. (2017). *The Infant, Early Childhood Development and Child Rights: Re-awakening Opportunities for Social Pedagogy*, *Pedagogika Społeczna* 2 (64), pp. 35-58.

Odrawaz-Coates, A. (2018). Migrant children - 'added value' in globalized societies and advanced economies of the 21st century: A social justice manifesto for UNESCO Summer School 2017. In: U. Markowska-Manista (ed.) *Refugee and migrant children's adaptation - theory, research, praxis*, Warsaw. [in print]

Shner, M. (2010). *The Doctor in the Waiting Room of Death*. available at: <https://www.academia.edu/4791626>

Shner, M. (2012a). *Janusz Korczak Between Worlds*. available at: https://www.academia.edu/3847479/Janusz_Korczak_Between_Worlds

Shner, M. (2012b). *Janusz Korczak and Yitzhak Katzenelson: two Educators in the Abysses of History*, Tel Aviv: Tel Aviv University Press.

Shner, M. (2014). *Janusz Korczak – an Educator in Days of Crisis* (Oranim College – Gratz College), Course-work materials, "The Global Teacher" 2017-2018 (18 4565 01x 2017/2018), University of Haifa.

Salleh, M. A., Mohamed A.M.T., Yusob M. L. M., Fadzli A. , Yazid F. A. M. (2016). *Maqasid Al-Shariah as a parameter in international treaty: a case study of the Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women (CEDAW), Man In India, 97 (22), pp. 447-456.*

Silverman M. (2006). "Janusz Korczak's implicit religiosity: Its place in his educational approach and its relevance to education today". *Studies in Jewish Education XI*. Jerusalem: Magness Press, pp. 289-324.

Smolinska-Theiss, B. (2013). *Korczakowskie narracje pedagogiczne. [Korczak's Educational Narratives]* Cracow: Impuls.

ABSTRACT

The paper's main aim is to introduce Janusz Korczak's pedagogical legacy to Portuguese readers. His pedagogical narratives are analysed through a lens of international contextuality of his times and of modern times, trying to identify both the universal and the controversial concepts. Korczak's contribution to the development of children's rights and his understanding of childhood and of being a child are discussed along directives for parents and teachers that may be found in his writings. This theoretical paper is meant to promote Korczak's works and to open a discussion with academics and practitioners, who are unfamiliar with his legacy. Moreover, it may also provoke Korczakians to re-read his intellectual heritage in multiple contexts and multiple ways, demonstrating that his concepts are still open to interpretation and therefore forever up to date.

Key words

Korczak, children's rights, childhood, pedagogy, philosophy of education, intercultural

RESUMO

O principal objectivo deste artigo é apresentar a herança pedagógica de Janusz Korczak aos leitores portugueses. As suas narrativas pedagógicas são analisadas através de uma lente da contextualidade internacional da sua época e dos tempos modernos, tentando identificar tanto os conceitos universais como os controversos. A contribuição de Korczak para o desenvolvimento dos direitos das crianças e a sua compreensão da infância e de como é ser uma criança são discutidos assim como directivas para pais e professores que se encontram nos seus textos. Este ensaio teórico pretende promover as obras de Korczak e iniciar uma discussão com académicos e profissionais, que não conheçam a sua herança. Poderá, além disso, incitar os Korczakianos a lerem a sua herança intelectual em múltiplos contextos e modos, demonstrando que os seus conceitos ainda estão abertos a interpretação e, portanto, serão actuais para sempre.

**'SHERWOOD IN THE TWILIGHT':
RE-WORKING ROBIN HOOD ON THE EVE OF
THE GREAT WAR**



MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA/CETAPS

In Memoriam

Lieut. Col. Henrique Augusto Perestrelo de Alarcão e Silva (1891-1954)

In 2012, ULICES/CEAUL organized a conference entitled "Changing Times: Performances and Identities on Screen". The paper I presented then --- "'Captain Hood' or 'The Forest Hawk': Robin Hood (dis)played by Errol Flynn (1938)" --- focused on Michael Curtiz's and William Keighley's film, produced on the eve of the Second World War, and, not meaning to mix up conflicts, I would like to recall a short scene from it (24:12-25:20).

¹ BIO-NOTE OF THE AUTHOR – Miguel Alarcão has a BA in Portuguese and English Studies (1981), MA in Anglo-Portuguese Studies (1986) and PhD in English Culture (1996), awarded by the New University of Lisbon, where he currently holds the post of Associate Professor. He was also Colloquial Assistant in Portuguese at the University of Birmingham (Late 1980s), the Director of the Central Library (2001-2009) and Co-Coordinator of the Faculty's earliest research group on Medieval Studies (1999-2004). He published *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837)*. 2001 (PhD dissertation; out of print); *This royal throne of kings, this sceptred isle': breve roteiro histórico-cultural da Idade Média inglesa (Séculos V-XV)*. 2014. Plus 5 co-editions and around 70 articles in *Festschrifts*, proceedings and academic journals.

For reasons not entirely clear and certainly debatable, there seems to be no such passionately committed statements in Edwardian and early Georgian literature on Robin Hood, a hero --- and a myth --- being re-worked at the beginning of the 20th century. To start with, the emergence of the cinema and of the first productions dedicated to Robin from 1909 onwards² meant that the media through which he was being portrayed were changing, ballads, theatrical and musical performances being clearly on the wane, without disappearing altogether. Moreover, Robin Hood, a hero of a primarily adult public until the mid or high Victorian period (Knight, *Complete Study*, pp. 202-203), was beginning to be increasingly targeted at, adapted to and adopted by children and youngsters with a view to promoting or enhancing courage, comradeship, solidarity, independence, self-sufficiency, courtesy, patriotism and loyalty to crown and country,³ if not to the Empire as a whole. However, as Mark Girouard has put it "(...) the war both brought Victorian chivalry to its climax and helped to destroy it." (n. p.; see also pp. 275-293)

In order to illustrate the output of 1914 alone, Dobson and Taylor's chronology mentions Henry Gilbert's *Robin Hood and His Merry Men* as "(...) an English story-book edition of long popularity" (p. 318); E. F. Matheson's also entitled *Robin Hood and His Merry Men*, "(...) a play for children in two acts" (*Ibidem*), and John Drinkwater's *Robin Hood and the Pedlar*, "(...) a Georgian verse play" (*Ibidem*). I shall, however, focus on an almost forgotten author,⁴ although a prolific one in his day and age (Alfred Noyes, 1880-1958), who wrote both a poem ("Song of Sherwood" or simply "Sherwood", first published in 1904 and often reedited) and a play (*Sherwood, or Robin Hood and the Three Kings*, written in 1908, published in

² According to Stephen Knight (*Complete Study*, pp. 218-219), the first movie was *Robin Hood and His Merry Men* (1909), followed by four others before the outbreak of the First World War.

³ "(...) both novels and poems, whatever the period they cover, celebrate virtues especially associated with feudal, chivalric or old-fashioned societies. They are full of examples of bravery, loyalty, hospitality, consideration towards women and inferiors, truth to a given word, respect for rank combined with a warm relationship between different ranks, and refusal to take advantages of an enemy except in fair fight." (Girouard, p. 36) Speaking of youngsters, these were also the years that witnessed the birth of the Scout movement by Sir Robert Baden-Powell (1857-1941), whose *Scouting for Boys* came out in 1908.

⁴ In fact, Noyes is only mentioned in older histories of English literature like, for instance, Sampson, p. 1018 and Legouis and Cazamian, p. 1349, n. 1, p. 1355, n. 2 and p. 1374.

New York in 1911 and in Britain, with some alterations and the simpler title of *Robin Hood*, in 1926).⁵

Due to the fact that the play has been discussed in detail by Lois Potter, I will just focus upon the poem; but may I add that, as well as a poet and a playwright, Alfred Noyes was also a novelist and a writer of short tales, a literary critic, a university lecturer in the United States,⁶ an essayist, a lover of science (particularly astronomy), a biographer of scientists (e.g. Isaac Newton and Charles Darwin) and, from 1927 onwards, a Catholic convert. Noyes was also part of a generation preceding that of the "War Poets", angry young men spurred on, like Coleridge's *Ancient Mariner*, by a strange urge and a strong need to tell; men like Rupert Brooke (1887-1915),⁷ but especially the Isaac Rosenberg (1890-1918) of "Break of Day in the Trenches", the Wilfrid Owen (1893-1918) of "Strange Meeting" and "Anthem for Doomed Youth" or Charles Sorley (1895-1915), who, in "When You See Millions of the Mouthless Dead" and "All the Hills and Vales Along", has captured so well the absurdity and paradoxical nature of any enthusiastic response to clarion calls to war.⁸ In fact, unlike all these poets,⁹ Alfred Noyes never went to the war, nor did he

⁵ Unlike the play, the poem is not listed in Gable's bibliography, p. 83.

⁶ Although Noyes failed to complete his BA degree at Oxford, he was awarded an Honorary D. Litt by Yale and was made a Professor at Princeton.

⁷ An early poem by Brooke ("Grantchester") is evaluated by Vivien de Sola Pinto as "(...) poetry that deliberately turns away from the contemporary situation (the lies, the truths, and pain) and uses the day-dream of an unspoiled English countryside as an anodyne. It is the fantasy of an upper middle class which feared reality and refused to face the modern crisis at the very moment when it was assuming dimensions that threatened to disrupt the whole of the European social structure."(p. 133)

⁸ "(...) the European War (...) at first seemed an event to be spiritedly embraced. It could be greeted with youthful bravado and imperial confidence and celebrated with passionate pleas for the defense of the geographical entity of Britain in general and of a verdant England in particular. (...) The general patriotic enthusiasm of 1914 took time to waver; even longer to flounder. Feeling against the circumstances of the war, and a revulsion at its extraordinary waste, developed relatively late amongst a significant percentage of poets on active service. It was this singularly disillusioned verse which (...) ultimately had a profound impact on the attitudes of later generations."(Sanders, p. 506); "The war provided a disturbing context which forcibly transformed the often placid, elegiac, and unadorned poetry of the 1900s into a painfully observant record or a vehicle of protest."(*Ibidem*, 510) D. J. Enright's excellent chapter provides several powerful examples of alienation, despair and revolt running across what he calls "(...) the real poetry of War, or the poetry of the real War (...)"(p. 166); see also Pinto, pp. 140-142. Adapting slightly the title of a chapter by Vivien de Sola Pinto (p. 137), one might label it as trench(ant) poets(ry), exposing "the horror! The horror"voiced by Kurtz in Joseph Conrad's *Heart of Darkness* (1899). Finally, as Cecil Day-Lewis (1904-1972) reminds us, "Post-war poetry was born among the ruins."(qtd. in Evans, p. 121)

⁹ Not to mention others who survived into seniority, like Siegfried Sassoon (1886-1967); see, for instance, his poignant sonnet entitled "Glory of Women".

die young, leaving behind him a beautiful corpse; and the emergence, in the postwar world, of a new geopolitical framework, as well as the establishment of Modernism, would help cast his image, from the 1920s onwards, as that of an outdated and outmoded poet. Lois Potter, for instance, presents Noyes as "(...) the spokesman for an old order and old poetics, his productivity stigmatized as facility and his popularity taken as lack of original thought. (...) In this (...) situation, he soon became the man all young writers loved to hate." (p. 168)¹⁰

Notwithstanding this verdict, according to Dobson and Taylor, "Sherwood" was "far and away the most popular Robin Hood poem written during the last hundred years (...)" (p. 200), adding that "(...) no poet since Rudyard Kipling (...) has been more popular (...) on the eve of the First World War.'Sherwood' (...) still lingers on in the more old fashioned school anthologies; and no work in this [20th] century has done more to shape the popular attitudes to the English greenwood legend." (*Ibidem*)¹¹ And it is in this (twi)light that "Sherwood" - an example of pre-war heritage poetry - should be evaluated.

In terms of the poem's literary ancestry, one should mention not only the three sonnets written and sent by John Hamilton Reynolds (1796-1852) to John Keats (1795-1821) in 1818 and his response, entitled Robin Hood (see Alarcão, pp. 331-335), but also the weight and influence of the English alliterative tradition and an allusion to Shakespeare (1564-1616): see the reference to Oberon (*A Midsummer Night's Dream*), also mentioned, together with Titania and Puck, in Noyes's play.¹²

So far as "Song of Sherwood" is concerned, playing upon binary oppositions (dawn/dusk, sleepiness/wakefulness, absence/presence, imagination/reality, death/life, etc.), it presents Robin and a forest haunted by half-glimpsed elves, fairies and

¹⁰ "For Noyes, literary tradition was as organic as the natural world. As he insisted on one of his lectures [Some aspects of modern poetry], 'There is neither new or old poetry. There is only poetry.'" (Potter, p. 175)

¹¹ A similar view is held by Sir Henry Newbolt (1862-1938), to whom "In the last hundred years only one poet has succeeded in dreaming it [the Robin Hood legend] to life again: where Tennyson utterly failed Alfred Noyes has succeeded (...)" (p. 213). Tennyson's work is surely *The Foresters* or, *Robin Hood and Maid Marian*, a play produced in New York (1892) and London (1893).

¹² For its indebtedness to other late Tudor plays, particularly Anthony Munday's and Henry Chettle's *The Downfall of Robert Earl of Huntington* and *The Death of Robert Earl of Huntington*, as well as to some traditional Robin Hood ballads, see Potter. On Munday's companion plays, see Alarcão, pp. 229-261 *passim*.

medieval outlaws as a "dream-world",¹³ synecdochally symbolizing a past and idealized green England.¹⁴ This sentimental and nostalgic recollection of the myth, with the occasional "Kiplingesque"¹⁵ overtone, coexists with some hazy hints of an English 'resurrection':

Sherwood in the twilight, is Robin Hood awake?
Grey and ghostly shadows are gliding through the brake,
Shadows of the dappled deer, dreaming of the morn,
Dreaming of a shadowy man that winds a shadowy horn.

Robin Hood is here again: all his merry thieves
Hear a ghostly bugle-note shivering through the leaves,
Calling as he used to call, faint and far away,
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day.

Merry, merry England has kissed the lips of June:
All the wings of fairyland were here beneath the moon,
Like a flight of rose-leaves fluttering in a mist
Of opal and ruby and pearl and amethyst.

Merry, merry England is waking as of old,
With eyes of blither hazel and hair of brighter gold:
For Robin Hood is here again beneath the bursting spray
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day.

Love is in the greenwood building him a house

¹³ An expression borrowed from F. R. Leavis, *New Bearings in English Poetry* qtd. in Ford, p. 68. The word "Dreamland" appears in Noyes's own play (N. d: Act I, Scene 1, p. 15), describing a kingdom jointly ruled by Oberon and Titania, a magic realm whose gates, through the good deeds of Robin and his band, open up at night to the poor, the needy and the oppressed.

¹⁴ "The writers of the Romantic period and after popularized Robin Hood only at the cost of converting him from a real outlaw into a literary symbol of a vanished and largely illusory medieval Arcadia." (Dobson and Taylor, p. 58).

¹⁵ An adjective borrowed from Sir Herbert Read (1893-1968) in a passage worth quoting in full: "It must be remembered that in 1914 our conception of the war was completely unreal. We had vague childish memories of the Boer War, and from these and from a general diffusion of Kiplingesque sentiments, we managed to infuse into war a decided element of adventurous romance. War still appealed to the imagination." (qtd. in Enright, p. 165); Kipling's only son (Lieutenant John Kipling, 1897-1915) was himself a casualty of the Great War, falling at the battle of Loos, aged 18. Likewise, John Masefield (1878-1967) admits: "I know what England was, before the war. She was a nation (...) which had forgotten her soul (...) And then, at a day's notice, at the blowing of a horn, at the cry from a little people in distress, all that was changed, and she re-made her soul, (...) the soul of St. George who fought the dragon." (qtd. in Goebel, p. 210)

Of wild rose and hawthorn and honeysuckle boughs:
Love is in the greenwood, dawn is in the skies,
And Marian is waiting with a glory in her eyes.

Hark! The dazzled laverock climbs the golden steep!
Marian is waiting: is Robin Hood asleep?
Round the fairy grass-rings frolic elf and fay,
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day.

Oberon, Oberon, rake away the gold,
Rake away the red leaves, roll away the mould,
Rake away the gold leaves, roll away the red,
And wake Will Scarlett from his leafy forest bed.

Friar Tuck and Little John are riding down together
With quarter-staff and drinking-can and grey goose-feather.
The dead are coming back again, the years are rolled away
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day.

Softly over Sherwood the south wind blows.
All the heart of England hid in every rose
Hears across the greenwood the sunny whisper leap,
Sherwood in the red dawn, is Robin Hood asleep?

Hark, the voice of England wakes him as of old
And, shattering the silence with a cry of brighter gold
Bugles in the greenwood echo from the steep,
Sherwood in the red dawn, is Robin Hood asleep?

Where the deer are gliding down the shadowy glen
All across the glades of fern he calls his merry men –
Doublets of Lincoln green glancing through the May
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day –

Calls them and they answer: from aisles of oak and ash
Rings the Follow! Follow! and the boughs begin to crash,
The ferns begin to flutter and the flowers begin to fly,
And through the crimson dawning the robber band goes by.

Robin! Robin! Robin! All his merry thieves
Answer as the bugle-note shivers through the leaves,
Calling as he used to call, faint and far away,
In Sherwood, in Sherwood, about the break of day.

<http://genius.com/Alfred-noyes-song-of-sherwood-annotated>>¹⁶

¹⁶ Also printed in Dobson and Taylor, pp. 200-202 and read aloud in <https://www.youtube.com/watch?v=JpK-iDIegtI>

As Stephen Knight points out, without providing examples:

"There are from the period many relatively feeble and clumsy 'poetic' reworkings of the myth, with some sense of woolly patriotism, some idea of greenwood value (...) and varying amounts of liberal democracy enshrined in the hero, usually amounting to little more than distaste for town life (...) Local or international, Georgianism caused a definite Robin Hood renaissance, however little contact it had with the early rebelliousness of the outlaw hero." (*Complete Study*, p. 214)

In his monumental comparative study on the medievalist appropriations and re-workings of the Great War in Britain and Germany (1914-1940), Stefan Goebel also argues that whereas:

"German war remembrance cultivated a number of archetypal freedom fighters (...) in Britain, commemorations of the (...) conflict offered no match for them, in spite of the fact that figures such as Robin Hood or Owen Glendower (...) were ingrained cultural memory. To be sure, a small number of Scottish war memorials resurrected 'defenders of Scottish freedom', notably (...) Robert the Bruce and William Wallace." (pp. 113-114)

To conclude, Sir Edward Grey, 1st. Viscount Grey of Fallodon (1862-1933) and Foreign Secretary (1905-1916), is credited with having remarked "The lights [Or lamps] are going out all over Europe. We shall not see them lit again in our [life]time"; a sentence allegedly uttered in his Whitehall office, while the street lamps were going up in the evening of August 3rd. 1914, the eve of the British declaration of war to Germany.¹⁷ But, contrary to Lord Grey's expectations or

¹⁷ The tension between both countries had been growing for some time, as H. C. G. Matthew illustrates: "Imperial rivalry had meant that in the 1870s-1890s France had usually seemed Britain's most likely enemy and Germany her most likely friend. Germany's navy plan of 1898, and her bid for 'a place in the sun' (...) now made Germany seem a potent threat (...) (in Morgan, p. 509) and "(...) by 1910 it was clear that Germany would be Britain's adversary,

prediction, the lights would be "lit again", in the halls of Versailles (1919), only to "go out" once more twenty years later. Noyes's poetic recall of the medieval outlaw in the post-Victorian twilight (including its Edwardian and early Georgian afterglows) reminds us that summers seldom last forever... and not all wars will be over by Christmas.

Works Cited

Primary sources:

Noyes, Alfred. "Song of Sherwood" in R. B. Dobson & J. Taylor, eds. *Rymes of Robyn Hood. An Introduction to the English Outlaw*. Gloucester: Allan Sutton Publishing, 1989. 200-202 ([London:] William Heinemann Ltd., 1976).

<<http://genius.com/Alfred-noyes-song-of-sherwood-annotated>>. Accessed 28 July 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=JpK-iDlegtI>>. Accessed 28 July 2017.

Secondary sources:

The Adventures of Robin Hood with Errol Flynn, Olivia De Havilland, Basil Rathbone and Claude Rains. Directed by Michael Curtiz and William Keighley. Original Screen Play by Norman Reilly Raine, Seton I. Miller. Music by Erich Wolfgang Korngold. N. p.: Warner Home Video (UK) Limited, 1988, VHS PAL, 98 mins. (Warner Bros., Pictures Inc., 1938).

Alarcão, Miguel. "'Captain Hood' or 'The Forest Hawk': Robin Hood (dis)played by Errol Flynn (1938)". *Anglo-Saxónica. Revista do Centro de Estudos*

if she were to have one. In a series of incidents in North Africa, the Balkans, and Turkey, and in the continuing escalation of the navy building program (despite British attempts, especially in 1911-12, to negotiate a limitation agreement) Anglo-German hostility became confirmed. It began to take on a cultural as well as a diplomatic and military aspect. The respect mixed with concern characteristic of British views of German achievements in the 1890s began to change to alarm and fear."(*ibidem*, p. 521). Muriel Chamberlain also recalls that "In 1907, for the first time, Britain's summer manoeuvres were conducted on the assumption that Germany, not France, was the enemy."(p. 169; see also *ibidem*, pp. 124-125 and p. 156).

Anglísticos da Universidade de Lisboa. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos, Série III, nº 7, 2014. 22-35.

----- *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c.1377-1837)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", 2001.

Chamberlain, Muriel E. *'Pax Britannica'? British Foreign Policy, 1789-1914*. London and New York: Longman Group UK Ltd., "Studies in Modern History", 1988.

Dobson, R. B. & J. Taylor, eds. *Rhymes of Robyn Hood. An Introduction to the English Outlaw*. Gloucester: Allan Sutton Publishing, 1989. Pp. 200-202 (London: William Heinemann Ltd., 1976).

Enright, D. J. "The Literature of the First World War" in Boris Ford, ed. *The Pelican Guide to English Literature – The Modern Age*. 3rd. ed. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., vol. 7, 1978. Pp. 162-177 (¹1961).

Evans, Ifor. *A Short History of English Literature*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1974 (¹1940).

Ford, Boris, ed. *The Pelican Guide to English Literature – The Modern Age*. 3rd. ed. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., vol. 7, 1978 (¹1961).

Gable, J. Harris, ed. *Bibliography of Robin Hood*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska, "Studies in Language, Literature and Criticism", nº 17, 1938.

Girouard, Mark. *The Return to Camelot. Chivalry and the English Gentleman*. New Haven and London: Yale University Press, 1981.

Goebel, Stefan. *The Great War and Medieval Memory: War, Remembrance and Medievalism in Britain and Germany, 1914-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 (¹2007).

Knight, Stephen. *Robin Hood. A Complete Study of the English Outlaw*. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

---. *Robin Hood: A Mythic Biography*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2003.

Legouis, Émile & Louis Cazamian. *A History of English Literature, 650-1947*. London: J. M. Dent and Sons Ltd., 1948 (¹1926-1927).

Morgan, Kenneth O., ed. *The Oxford Illustrated History of Britain*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1989 (1984).

Newbolt, Henry, ed. *The Greenwood. A Collection of Literary Readings relating to Robin Hood*. 2nd. ed. London and Edinburgh: Thomas Nelson & Sons, Ltd., "The Teaching of English Series", no. 40, 2¹⁹²⁶ (1¹⁹²⁵).

Noyes, Alfred. *Sherwood, or Robin Hood and the Three Kings; A Play in Five Acts*. School and Acting Edition with Directions for the Production by J. Milner Dorey, A.M. Facsimile reprinted version. HardPress Publishing, n. d..

Pinto, Vivian de Sola. *Crisis in English Poetry, 1880-1940*. London: Hutchinson & Co. Ltd., 1958.

Potter, Lois. "Robin Hood and the Fairies. Alfred Noyes's Sherwood" in Helen Phillips, ed. *Robin Hood – Medieval and Post-Medieval*. Dublin: Four Courts Press Ltd., 2005. 167-180.

Sampson, George. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1941.

Sanders, Andrew. *The Short Oxford History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ABSTRACT

In 2012, ULICES/CEAUL organized a conference entitled "Changing Times: Performances and Identities on Screen". The paper I presented then --- "'Captain Hood' or 'The Forest Hawk': Robin Hood (dis)played by Errol Flynn (1938)" --- focused on Michael Curtiz's and William Keighley's film, produced on the eve of the Second World War. I shall ramble now around "Sherwood", a poem originally published in 1904 and reissued in 1914 by Alfred Noyes (1880-1958), an almost forgotten author, though a prolific writer in his own day and age.

Keywords: Alfred Noyes; Robin Hood; Georgian poetry; "Sherwood".

RESUMO

Em 2012, o ULICES/CEAUL organizou um congresso intitulado "Changing Times: Performances and Identities on Screen". A comunicação então apresentada ---

"'Captain Hood' or 'The Forest Hawk': Robin Hood (dis)played by Errol Flynn (1938)" - -- centrava-se no filme realizado por Michael Curtiz e William Keighley, produzido nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Ocupar-me-ei agora de "Sherwood", poema originalmente publicado em 1904 e reeditado em 1914 por Alfred Noyes (1880-1958), autor praticamente esquecido, embora bastante prolífico na sua época.

Palavras-chave: Alfred Noyes; Robin Hood; Poesia Georgiana; "Sherwood".

**A REMEDIAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE
GRACE MARKS NO ROMANCE ALIAS GRACE, DE
MARGARET ATWOOD**



Série televisiva de Sarah Polley da adaptação do romance de Margaret Atwood.

TERESA PEREIRA
UNIVERSIDADE NOVA (CETAPS)

1. Introdução

Em 1843, Thomas Kinnear, empregador de Grace Marks e de James McDermott, e Nancy Montgomery, empregada e amante de Kinnear, foram encontrados assassinados em *Upper Canada*. Os imigrantes irlandeses Marks, com dezasseis anos, e McDermott, com vinte anos, retiraram-se prontamente da propriedade de Kinnear com um repositório das posses de Kinnear e de Montgomery. O aprisionamento dos fugitivos aconteceu passado pouco tempo, em Lewiston, Nova Iorque. McDermott, acusado de assassinato, e Marks, acusada de cumplicidade, foram condenados à morte no caso de Kinnear, pelo que se considerou redundante continuar com o caso de Montgomery.

¹ NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Teresa Pereira concluiu a Licenciatura (2012) e o Mestrado (2014) em Línguas, Literaturas e Culturas, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Defendeu a dissertação denominada *Impérios Digitais: Dos Estudos Anglo-Portugueses aos Jogos de Vídeo de Estratégia* no final do Mestrado (2014). Actualmente está a redigir escrever a tese de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas, intitulada *O Mundo Transmediático Neovitoriano: As Guerras Anglo-Zulu e Anglo-Bóere através da Literatura e dos Jogos Digitais*, financiada pela Fundação para Ciência e Tecnologia. Frequentou igualmente as Universidades: Católica Portuguesa, de Utrecht, de Singidunum e, recentemente, a Universidade de Cambridge. Na Universidade Nova, integra o Centro de Investigação CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) como colaboradora, participando na área "Anglophone Cultures and History". É membro dos JRRAS (Junior Researchers in Anglo-American Studies). De entre os seus interesses destacam-se os Estudos Anglo-Portugueses, os Estudos Literários e Culturais Ingleses, o Neovictorianismo, os Mundos Transmediáticos e os *Game Studies*. Interessa-se particularmente pela interação da literatura com os jogos digitais.

McDermott foi enforcado e Marks foi condenada a prisão perpétua, provavelmente devido à sua idade. Marks passou vinte e nove anos na prisão, incluindo um interregno num asilo em 1854 que se alargou por quinze meses. A suposta assassina foi perdoada em 1872.

A presente comunicação procura provar que Margaret Atwood "remedeia" a memória cultural de Marks em *Alias Grace*, produzindo, preservando e renovando um lugar da memória.² Marks capturou Atwood desde cedo. A autora publicou o volume de poesia *The Journals of Susanna Moodie* em 1970. O volume foca Susanna Moodie, uma pioneira inglesa que se estabeleceu no Canadá e escreveu *Roughing It In the Bush* (1852), crónica da vida de Moodie a combater animais, doenças, desgostos e morte no Canadá, e *Life in the Clearings Versus the Bush* (1853), sobre a vida de Moodie na cidade de Toronto. Atwood começou depois a debruçar-se sobre o episódio em *Life in the Clearings* em que Moodie entra na prisão e no asilo de Toronto e estabelece contacto com Marks, descrevendo-a como claramente culpada dos crimes. Este encontro enfeitiçou Atwood durante décadas, levando-a a escrever o guião do episódio televisivo *The Servant Girl* em 1974 e a peça de teatro *Grace* em 1979. Enquanto o episódio se centra na confissão de McDermott contida em *Life in the Clearings* (pelo que Marks constitui uma sedutora que leva McDermott a matar Montgomery e Kinnear) e constrói uma cronologia dos eventos, a peça começa a afastar-se da descrição de Marks feita por Moodie. Na década de 1990, Atwood escreveu *Alias Grace*, divulgado em 1996 e completamente distanciado de Moodie. Como os textos tratados comprovam, Marks capturou claramente Atwood, o que pode possivelmente dever-se a Marks ser "an alias",³ produzido "out of gossip,

² Apresentado por Pierre Nora, em 1977, num seminário dado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, o termo *lieux de mémoire* descreve lugares concretos, como cemitérios e museus, e abstractos, como os conceitos de geração e linhagem, em que a memória se cristaliza ou se derrama. Os lugares da memória podem ser portáteis, topográficos ou monumentais, públicos ou privados, entre outros aspectos. O propósito de um lugar da memória consiste em parar o tempo, bloquear o esquecimento, apurar a situação actual, imortalizar a morte e materializar o imaterial, de modo a capturar a maior quantidade de significado na menor quantidade de signos. (Nora, 1989, p. 19) Os lugares da memória reportam-se a tudo aquilo que administra a presença do passado no presente e sobrevivem através da sua capacidade de se metamorfosearem, numa reciclagem infundável do seu significado e numa proliferação imprevisível das suas ramificações. (Nora, 1989, pp. 19-20)

³ Margaret Atwood, *Alias Grace* (London: Virago Press, 2009), p. 23.

speculation, official newspaper reports, witness testimony, the expertise of the medical community, the legal system and public opinion".⁴

Apesar de diversas análises se debruçarem sobre *Alias Grace*, nenhuma se reporta à remediação da memória cultural, pelo que a comunicação que aqui se apresenta contribui para aumentar a compreensão do romance. Ainda assim, convirá aludir ao capítulo "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*" (2012), de Elizabeth Ho.⁵

Ho explicou que *Alias Grace* foi escrito em 1996, pouco depois de um referendo potencialmente devastador para o Canadá, pois suscitou perguntas ligadas à capacidade da política oficial canadiana de multiculturalismo congregar as *First Nations*, os grupos étnicos e as partes francesa e inglesa. Ho lembrou Himani Bannerji, que referiu que um Canadá realmente multicultural pode mostrar-se impraticável "when all the power relations and the signifiers of Anglo-French white

⁴ Elizabeth Ho, "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*", *Neo-Victorianism and the Memory of Empire* (London, New Delhi, New York e Sydney: Bloomsbury, 2012), p. 89.

⁵ Como se verifica no título, Ho analisou *Alias Grace* de uma perspectiva que se posiciona no âmbito do projecto neo-victoriano. Marie-Luise Kohlke, em "Introduction: Speculations in and on the Neo-Victorian Encounter" (2008), tornou conhecido o conceito de projecto neo-victoriano. (5) Posteriormente, Nadine Boehm-Schnitker e Susanne Gruss, em "Introduction: Fashioning the Neo-Victorian – Neo-Victorian Fashions" (2014), conceberam o projecto neo-victoriano como um empreendimento cultural e académico em curso que analisa as inúmeras sobreposições e intersecções, as continuidades e as rupturas estabelecidas entre o passado victoriano e o presente. Concomitantemente, um denominador comum para os textos que descrevem a cultura victoriana e um campo académico que explora os usos historicamente específicos dados à Era Victoriana, o projecto neo-victoriano debruça-se sobre os desejos e os contextos que tingem e moldam as perspectivas através das quais o passado é recordado no presente. Acresce que o referido projecto explora os propósitos mutáveis através dos quais o passado é moldado no presente e, por conseguinte, o presente se molda a si mesmo. Boehm-Schnitker e Gruss afirmaram que "(t)he process of fashioning the neo-Victorian crucially entails a self-fashioning, which implies that the phenomenon of neo-Victorianism can be understood in the context of concerns regarding the twentieth- and twenty-first-century identity politics". Para as autoras, o passado victoriano e o presente estabelecem uma relação contígua, devido à proximidade histórica e à presença de efeitos secundários mediáticos, tecnológicos, políticos e culturais da Era Victoriana na era contemporânea. Como consequência da relação contígua instituída entre o passado victoriano e o presente, o projecto neo-victoriano demonstra ser claramente adequado para negociar "who we are today". Boehm-Schnitker e Gruss concluíram que o projecto neo-victoriano "would hence be defined by its particular way of revisiting the nineteenth-century past in order to (co-)articulate today's concerns".

supremacy are barely concealed behind a straining liberal democratic façade".⁶ Bannerji argumentou que o homem branco se apresenta como "just another cultural self floating non-relationally in a socio-historical vacuum"⁷ e não admite que se demonstra um ponto de partida através do qual a pluralidade se define. Em categorias como "visible minorities" e multiculturalismo, Bannerji encontrou "a thinly veiled, older colonial discourse of civilization and savagery" e "implied in these cultural constructions is a literal denigration, extending into a valorized expression of European racist-patriarchy coded as white".⁸ Bannerji referiu-se depois a Richard Dyer. Dyer indicou que a invisibilidade do homem branco revela ser uma posição racial. O poder do homem branco reproduz-se porque se manifesta e se mantém como normal. Tal poder apenas aparece como visível e se abre a análise quando particularizado ou "made strange".⁹ Partindo dos pensamentos de Bannerji, Ho constatou que *Alias Grace* contesta conscientemente a invisibilidade do homem branco no multiculturalismo canadiano, como tal "making whiteness 'strange'".¹⁰

O começo da narrativa canadiana ilustra a contestação notada, dado que Marks identifica imensas *whitenesses* diferentes ao descrever Toronto como uma cidade povoada por pessoas de proveniências distintas. O seguinte passo salienta o momento sublinhado: "(t)he people appeared to be very mixed as to the kinds of them, with many Scots and some Irish, and of course the English, and many Americans, and a few French (...), and some Germans, with skins of all hues".¹¹ A decorrente demonização da descendência irlandesa de Marks e de McDermott demonstra igualmente ser uma forma de negar a invisibilidade do homem branco. Deve ponderar-se sobre as palavras proferidas por Marks: "I thought it very unjust when they wrote down that *both of the accused were from Ireland by their own admission*. That made it sound like a crime, and I don't know that being from Ireland

⁶ Himani Bannerji, *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender* (Toronto e Ontario: Canadian Scholars' Press Inc, 2000), p. 106.

⁷ Bannerji, *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender*, p. 107.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Richard Dyer, *White: Essays on Race and Culture*, (London e New York: Routledge, 1997), p. 10.

¹⁰ Ho, "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*", p. 82.

¹¹ Atwood, *Alias Grace*, p. 143.

is a crime; although I have often seen it treated as such".¹² Assim, o romance acaba por "racializar" os homens brancos.

Procurando reportar-se à remediação da memória cultural de Marks, a presente comunicação compõe-se de quatro partes consideradas centrais. Finalizada a introdução, que trata da primeira parte do texto, considerar-se-ão os conceitos de memória cultural e de remediação com a colaboração dos trabalhos de Astrid Erll e Ann Rigney. Pensar-se-á posteriormente a respeito da remediação da memória cultural de Marks no romance produzido por Atwood. Finalmente, apresentar-se-ão algumas reflexões relativas à relevância da remediação analisada.

2. Memória Cultural e Remediação

Em "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics" (2009), Erll e Rigney debruçaram-se sobre as dinâmicas da memória cultural,¹³ descrita como "the interplay of present and past in socio-cultural contexts".¹⁴ Se as discussões iniciais em torno da memória cultural salientavam lugares da memória que constituíam pontos de referência relativamente estáveis para indivíduos e colectividades, as discussões recentes em torno da memória cultural salientam que aquela se reporta a um processo contínuo de recordar e de esquecer através do qual os indivíduos e os grupos reconfiguram a sua relação com o passado e se reposicionam face a lugares da memória existentes ou emergentes. Recordar refere-se a um relacionamento activo com o passado, performativo ao invés de reprodutivo. Erll e Rigney relembrou que recordar "is as much a matter of acting out a relationship to the past from a particular point in the present as it is a matter of preserving and retrieving earlier stories".¹⁵ Portanto, os lugares da memória possuem uma história e permanecem operativos somente se as pessoas reinvestirem neles e os reutilizarem

¹² *Ibidem*, p. 118.

¹³ Em *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook* (2008), Erll definiu memória cultural como a interação do presente e do passado em contextos socioculturais.

¹⁴ Astrid Erll, "Cultural Memory Studies: An Introduction", *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008a), p. 2.

¹⁵ Ann Rigney e Astrid Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", em *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*, editado por Ann Rigney e Astrid Erll (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2009), p. 2.

como pontos de referência. Erll e Rigney referiram que "(i)f stories about the past are no longer performed in talking, reading, viewing, or commemorative rituals, they ultimately die out in cultural terms, becoming obsolete or 'inert'".¹⁶

Debruçando-se sobre as dinâmicas da memória cultural, Erll e Rigney defenderam que aquelas apenas se podem compreender acaso se considere "the 'medial' frameworks of remembering"¹⁷ e os processos mediáticos através dos quais as memórias penetram a arena pública. Procurando esclarecer o ponto expressado, Erll e Rigney explicaram que *media* como romances e filmes demonstram-se aptos a despoletar debates públicos sobre assuntos até então esquecidos. Para Erll e Rigney, os *media* convertem-se em "agenda-setters for collective remembrance",¹⁸ pois a iteração do mesmo evento ou da mesma figura em múltiplas plataformas mediáticas permite que tal evento ou que tal figura ganhem raízes na arena pública. Os *media* desempenham um papel decisivo na compreensão do passado, na mediação estabelecida entre o público (que se posiciona no papel de leitor, espectador, ouvinte, entre outros) e o passado e, por conseguinte, "in setting the agenda for future acts of remembrance".¹⁹

Recorde-se, a propósito, de remediação. O conceito de remediação foi cunhado e desenvolvido por Jay David Bolter e por Richard Grusin em *Remediation: Understanding New Media* (1999), obra na qual os autores defenderam que os *media* dialogam permanentemente entre si. Bolter e Grusin definiram *medium* como "that which remediates. It is that which appropriates the techniques, forms, and social significance of other media".²⁰ Assim, os *media* apropriam-se das técnicas, formas e significância social de outros *media*. Os autores acrescentaram que "(m)edia are continually commenting on, reproducing, and replaying each other, and this process is integral to media. Media need each other in order to function as media at all".²¹ Os *media* remediam constantemente outros *media*, o que significa

¹⁶ Rigney and Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 2.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, 3.

²⁰ Jay David Bolter e Richard Grusin, *Remediation: Understanding New Media*, (Cambridge: MIT Press, 1999), p. 65.

²¹ Bolter e Grusin, *Remediation: Understanding New Media*, p. 55.

que velhos *media* recorrem a novos *media* e os novos *media* recorrem a velhos *media*.

O processo de remediação opera de acordo com dois modos de mediação distintos e contraditórios, denominados imediação e hipermediação. Em primeiro lugar, a imediação relaciona-se com a tentativa de eliminar quaisquer vestígios de mediação. Como afirmaram Bolter e Grusin, a imediação identifica-se com "the style of visual representation whose goal is to make the viewer forget the presence of the medium (...) and believe that he is in the presence of the objects of representation".²² A hipermediação refere-se à multiplicação e saliência dos vestígios de mediação. Como declararam Bolter e Grusin, a hipermediação constitui um estilo de "visual representation whose goal is to remind the viewer of the medium".²³ Ainda que distintos e contraditórios, os dois modos de mediação indicados constituem a dupla lógica da remediação. A mediação tanto é eliminada como multiplicada e salientada. A imediação e a hipermediação coincidem com "the twin preoccupations of contemporary media: the transparent presentation of the real and the enjoyment of the opacity of media themselves".²⁴

Referindo a pertinência da remediação para a memória cultural, Erll e Rigney concluíram que "(j)ust as there is no cultural memory prior to mediation there is no mediation without remediation: all representations of the past draw on available media technologies, on existent media products, on patterns of representation and medial aesthetics".²⁵ Diferentes *media*, como artigos de jornais e revistas, fotografias, diários, obras historiográficas, romances, filmes, entre outros, remediam os mesmos eventos ou as mesmas figuras ao longo de décadas e séculos. O conhecimento desses eventos e dessas figuras deriva, como tal, dos *media* que os (re)mediam. Os eventos e as figuras recordados revelam-se fenómenos transmediáticos, por não se encontrarem restringidos a um *medium* específico.²⁶ Erll e Rigney acrescentaram que a dupla lógica da remediação se encontra subjacente às

²² *Ibidem*, pp. 272-273.

²³ *Ibidem*, p. 272.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

²⁵ Rigney e Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 4.

²⁶ Astrid Erll, "Literature, Film, and the Mediality of Cultural Memory", *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008), p. 392.

dinâmicas da memória cultural. Em primeiro lugar, os *media* procuram atingir a imediação e constituir uma janela transparente para o passado, devido ao desejo de que a audiência se sinta na presença de uma memória não (re)mediada. Em segundo lugar, tal sensação é frequentemente proporcionada através da hipermediação, dada a sobreposição de fotografias, vídeos e testemunhos, entre outros.²⁷

As dinâmicas da memória cultural relacionam-se profundamente com o processo de remediação. Para Erll e Rigney, a emergência e a longevidade dos lugares da memória procedem das repetidas remediações do passado. Estas remediações convergem em e congregam lugares da memória, criando-os, estabilizando-os e consolidando-os, assim como criticando-os e renovando-os. A memória cultural retira aquilo que Erll e Rigney denominam de "memory-matter" de um *medium* e reutiliza-o noutro. No processo, os *media* pedem como empréstimo, agregam, absorvem, criticam e moldam outros *media*. Erll e Rigney postularam, ainda, que a arena pública se prova responsável por transformar algumas remediações em versões mediáticas do passado relevantes, marginalizando e omitindo outras.²⁸

3. A Remediação da Memória Cultural de Grace Marks

A remediação da memória cultural de Marks em *Alias Grace* resulta da remediação de múltiplas fontes, como artigos de jornais e revistas, testemunhos, confissões, documentos legais, diários, ilustrações, entre outros. De entre estes exemplos, escolheu-se a autobiografia *Life in the Clearings*.

Moodie, autora da autobiografia acima apontada, começou por dedicar um capítulo a Marks, descrevendo-a como "a person rather above her humble station".²⁹ Atwood remediou a passagem referida no seguinte passo, onde salientou simultaneamente a desmedida quantidade de diferentes descrições de Marks e o carácter contraditório dessas descrições:

I think of all the things that have been written about me – that I am an inhuman female demon, that I am an innocent victim of a blackguard

²⁷ Rigney e Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 4.

²⁸ *Ibidem*, p. 5.

²⁹ Susanna Moodie, *Life in the Clearings versus the Bush* (Toronto, ON: McClelland & Stewart, 1854), p. 96, <http://www.gutenberg.org/files/8132/8132-h/8132-h.htm>.

forced against my will and in danger of my own life, that I was too ignorant to know how to act and that to hang me would be judicial murder, that I am fond of animals, that I am very handsome with a brilliant complexion, that I have blue eyes, that I have green eyes, that I have auburn and also brown hair, that I am tall and also not above the average height, that I am well and decently dressed, that I robbed a dead woman to appear so, that I am brisk and smart about my work, that I am of a sullen disposition with a quarrelsome temper, that I have the appearance of a person rather above my humble station, that I am a good girl with a pliable nature and no harm is told of me, that I am cunning and devious, that I am soft in the head and little better than an idiot. And I wonder, how can I be all of these different things all at once?³⁰

Moodie declarou depois que Kenneth MacKenzie, advogado de Marks, afirmara que os olhos de Montgomery assombravam Marks. Tais olhos perseguiriam permanentemente Marks, surgindo subitamente em sítios inesperados. Atente-se, a este propósito, na passagem abaixo apresentada, onde Moodie tentou transcrever as palavras que Marks teria, alegadamente, proferido nas conversas com MacKenzie:

Since I helped Macdermot to strangle Hannah Montgomery, her terrible face and those horrible bloodshot eyes have never left me for a moment. They glare upon me by night and day, and when I close my eyes in despair, I see them looking into my soul—it is impossible to shut them out. If I am at work, in a few minutes that dreadful head is in my lap. If I look up to get rid of it, I see it in the far corner of the room. At dinner, it is in my plate, or grinning between the persons who sit opposite to me at table. Every object that meets my sight takes the same dreadful form; and at night - at night - in the silence and loneliness of my cell, those blazing eyes make my prison as light as day. No, not as day, they have a terribly hot glare, that has not the appearance of anything in this world. And when I sleep, that face just hovers above my own, its eyes just opposite to mine; so that when I awake with a shriek of agony, I find them there.³¹

Atwood remediou a passagem através do recurso a Simon Jordan, psiquiatra contratado para redigir um relatório sobre Marks que conduzisse ao seu perdão. A dita remediação ocorre em duas ocasiões distintas, primeiro numa conversa do psiquiatra com Verringer e depois durante uma das entrevistas do psiquiatra à doente encarcerada.

³⁰ Atwood, *Alias Grace*, p. 25.

³¹ Moodie, *Life in the Clearings versus the Bush*, p. 96.

Voltando-se para o reverendo Verringer, Jordan revelou ter lido o relato redigido por Moodie e declarou que, de acordo com a autora, MacKenzie descobrira que Marks se deparava incessantemente com os olhos infernais de Montgomery. Considere-se o excerto citado: "Kenneth MacKenzie (...) was told by Grace that Nancy Montgomery was haunting her – that her two bloodshot and blazing eyes were following her around, and appearing in such locations as her lap and her soup plate".³² Jordan confessou depois ter constatado a presença de discrepâncias nas palavras proferidas por Moodie. Pondere-se a esse respeito na seguinte passagem: "Mrs. Moodie (...) is inaccurate on the subject of names and dates, she calls several of the actors in this tragedy by names that are not their own, and she has conferred a military rank on Mr. Kinnear that he appears not to have merited".³³

Posteriormente, enquanto entrevistava Marks, Jordan perguntou à prisioneira o seguinte: "Did you tell Kenneth MacKenzie that you could see the eyes of Nancy Montgomery following you around?".³⁴ Nas palavras que o psiquiatra e a doente trocaram, Marks reconheceu que não se referia a olhos, mas sim a peónias. Observe-se o próximo passo:

I did not say eyes, Sir; I said peonies. But Mr. MacKenzie was always more fond of listening to his own voice than to someone else's. And I suppose it's more the usual thing, to have eyes following you around. It is more what is required, under the circumstances, if you follow me, Sir. And I guess that was why Mr. MacKenzie misheard it, and why Mrs. Moodie wrote it down. They wanted to have things done properly. But they were peonies, all the same. Red ones. There is no mistake possible.³⁵

Nos dois casos, o depoimento de Moodie é desacreditado, o que denota a disposição de Atwood para com Moodie. Recorde-se que, em *The Servant Girl*, Atwood reproduziu fielmente o relato de Moodie, distanciando-se depois dele em *Grace* e contestando-o completamente em *Alias Grace*.

A dupla lógica da remediação demonstra-se operacional na remediação da memória cultural de Marks. Como se tentará comprovar, a imediação e a

³² Atwood, *Alias Grace*, p. 220.

³³ *Ibidem*, p. 221.

³⁴ *Ibidem*, p. 417.

³⁵ *Ibidem*, pp. 417-418.

hipermediação atingem-se através da aplicação de uma narradora autodiegética. Nesta posição de narradora, Marks ora favorece a focalização interna, produzindo a ilusão de que o leitor presencia memórias em primeira mão, ora autoriza o leitor a aceder aos seus monólogos interiores e aclara que todas as memórias a que alude passam por um processo de mediação propositado. A hipermediação alcança-se, ainda, através da justaposição de epígrafes.

Alias Grace atribui a Marks os atributos de narradora autodiegética, "entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa (...) em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história".³⁶ Então, Marks relata retrospectivamente os eventos experienciados. Adoptando o papel de narradora autodiegética, a prisioneira favorece a focalização interna. Marks reconstitui a experiência relatada, reconstituindo os ritmos e as atitudes cognitivas que a regeram, e evita revelar os eventos posteriores ao tempo da experiência relatada. A focalização interna pressupõe uma focalização externa, pois Marks pode somente especular a partir do exterior das mentes das personagens, pelo que aquilo que se conhece das personagens advém do que Marks consegue apreender.³⁷ O excerto que se encontra abaixo esclarece o emprego da focalização interna: "When I saw the doctor coming up the drive in his one-horse gig, I felt my heart beat painfully, and I thought I was about to faint; but I did not do so, as I was downstairs by myself and would have to answer for anything that might be needed".³⁸ Assim se produz a ilusão de que o leitor presencia memórias em primeira mão.

Nesta posição de narradora autodiegética, Marks surge situada tanto num tempo simultâneo como num tempo ulterior ao tempo da história. Enquanto Jordan a entrevista, Marks encontra-se num tempo ulterior ao tempo da história, a qual se trata de um conjunto de eventos concluídos, embora não totalmente conhecidos. Então, estabelece-se uma distância essencial entre o passado da história e o presente da narração, dado que a Marks que relata não se demonstra a Marks relatada. Sempre que Marks não se encontra sob o escrutínio de Jordan, surge uma sobreposição temporal entre a narradora e a protagonista. Assim, o leitor invade os

³⁶ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra: Livraria Almedina, 1996), p. 259.

³⁷ *Idem*, pp. 259-262.

³⁸ Atwood, *Alias Grace*, p. 315.

monólogos interiores da narradora, onde a Marks, que enuncia, coincide com a Marks enunciada. A mediação é multiplicada nos monólogos interiores indicados, pois Marks revela mediar as memórias que relata. Atente-se na passagem abaixo:

Dr. Jordan has gone off to Toronto. I don't know how long he will be gone; I hope it's not very long, as I have become quite used to him somehow, and fear that when he goes away, as he is bound to do sooner or later, there will be a sad emptiness in my heart. What should I tell him, when he comes back? He will want to know about the arrest, and the trial, and what was said. Some of it is all jumbled in my mind, but I could pick out this or that for him, some bits of whole cloth you might say, as when you go through the rag bag looking for something that will do, to supply a touch of colour.³⁹

Através deste acesso aos monólogos interiores da narradora se assegura a hipermediação. Acresce que a hipermediação é ainda atingida através da justaposição de epígrafes alógrafas na abertura de cada capítulo. Tais epígrafes tratam-se de textos ou de fragmentos de textos tirados de poemas, artigos de jornais ou revistas, as confissões de Marks e de McDermott, o volume autobiográfico de Moodie, entre outros. Estas epígrafes exercem uma função essencialmente temática, apresentando os temas que se abordarão em cada capítulo. Então, as epígrafes alógrafas esboçam pistas que a audiência poderá achar esclarecedoras assim que prosseguir com a leitura.⁴⁰

Convirá, ainda, apontar que apenas a hipermediação atingida através das epígrafes alógrafas se associa à hipermediação a que Erll e Rigney aludiram. Recorde-se que as autoras mencionaram que a hipermediação se atinge através da multiplicação dos *media*. Ainda que a hipermediação atingida através dos atributos da narradora autodiegética não multiplique os *media*, multiplica os vestígios de mediação. Bolter e Grusin indicaram que a hipermediação se manifesta como multiplicidade, pois multiplica os signos de mediação: "(t)he logic of hypermediacy multiplies the signs of mediation".⁴¹ Os autores indicaram, ainda, que a hipermediação se atinge quando a ilusão da representação realista é quebrada. De

³⁹ *Ibidem*, 410.

⁴⁰ Reis e Lopes, *Dicionário de Narratologia*, pp. 124-125.

⁴¹ Bolter e Grusin, p. 34.

acordo com os autores, "perspective paintings or computer graphics are often hypermediated, particularly when they offer fantastic scenes that the viewer is not expected to accept as real or even possible".⁴² Poder-se-á, então, pensar que algo análogo se passa em *Alias Grace*. Alcança-se a hipermediação através de uma narradora autodiegética pois Marks interrompe a ilusão das memórias em primeira mão nos monólogos interiores, onde reconhece mediar as memórias que relata.

4. Conclusão

O artigo aqui apresentado ambicionou comprovar que Atwood remedia a memória cultural de Marks em *Alias Grace*, formando, mantendo e mudando um lugar da memória. O desenvolvimento e decorrente manutenção de Marks como um lugar da memória resultam das diversas remediações daquela. Este lugar da memória é engendrado, estabilizado e estabelecido por essas remediações. A "memory-matter" referida por Erll e Rigney é retirada de artigos de jornais e revistas, testemunhos, confissões, documentos legais, diários, ilustrações, entre outros, e reutilizada no romance. Assim, *Alias Grace* agrega, absorve, aprecia e altera todos os textos acima apontados.

Como se começou por constatar, o romance de Atwood revela a intenção de contestar a invisibilidade do homem branco no multiculturalismo canadiano. O romance acaba por "racializar" esse homem branco num período em que aquele se encontrava em formação ou em que aquele se dirigia para a invisibilidade, e nesse branco posicionam-se políticas de inclusão e de exclusão, hierarquias internas e privilégios. *Alias Grace* serve-se do sofrimento de uma mulher irlandesa para interrogar uma nação "imagined as naturally white, male, Christian, middle and upper class, English-speaking, British, and more recently, Northern European in cultural heritage".⁴³ Ao concluir este artigo, convirá também constatar que o romance de Atwood se revela uma remediação relevante porque se relaciona com tal contestação.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ J. Lee e L. Cardinal, "Hegemonic Nationalism and the Politics of Feminism and Multiculturalism in Canada", *Painting the Maple: Essays on Race, Gender, and the Construction of Canada*, editado por V. Strong-Boag, S. Grace. A. Eisenberg e J. Anderson (Vancouver, BC: University of British Columbia, 1998), p. 223.

O romance foi recentemente remediado pela mini-série *Alias Grace* (2017). Pensada por Sarah Polley, decorrente do romance de Atwood, realizada por Mary Harron e com a presença de Sarah Gadon, a mini-série volta a remediar a memória cultural de Marks para se pronunciar sobre eventos recentes como a recepção canadiana dos mais de 560 refugiados provenientes do Sri Lanca. Chegados ao Canadá entre 2009 e 2010 nos navios *Ocean Lady* e *Sun Sea*, foram encarcerados e deportados. Polley referiu à revista *Now* que se recorda de que as imagens dos refugiados a influenciaram imensamente e de que manifestou horror relativamente ao modo como o Canadá respondeu aos refugiados: "'I remember being very affected by those images', says Polley. 'And really horrified by the coldness and the iciness with which Canada was responding to these people'".⁴⁴ Polley rapidamente relacionou as viagens vividas pelos refugiados, vindos do Sri Lanca, com a viagem vivida por Marks, vinda da Irlanda. Perante o paralelo estabelecido, Polley considerou crucial conferir um espaço considerável à embarcação na qual Marks empreendeu a sua viagem até chegar ao Canadá: "(s)he (Polley) fought for the boat scene in order to make the parallel visceral to Canadians whose grandparents or great-grandparents arrived under similar circumstances".⁴⁵ Polley afirmou, até, que os antepassados dos canadianos chegavam "under duress", "fleeing", "starving" e "in abject squalor", analogamente aos referidos refugiados.⁴⁶ A contestação de Atwood permitiu a Polley comentar criticamente a recepção canadiana dos refugiados chegados do Sri Lanca. Como tal, o romance revela-se uma remediação relevante para a actual arena pública.

Bibliografia

Atwood, Margaret. *The Journals of Susanna Moodie*. Oxford: Oxford University Press, 1970.

---. *The Servant Girl*. Canada: CBC Television Series, 1974.

⁴⁴ Radheyana Simonpillai, "The Wonder Women behind *Alias Grace's* TV Adaptation", *Now*, 6 de Setembro, 2017, <https://nowtoronto.com/movies/tiff2017/alias-grace-tv-adaptation-premieres-cbc/>.

⁴⁵ Simonpillai, "The Wonder Women behind *Alias Grace's* TV Adaptation".

⁴⁶ *Ibidem*.

- . *Grace: A Play in Two Acts*. Canada: O. W. Toad, 1979.
- . *Alias Grace*. London: Virago Press, 2009. [¹1996]
- Bannerji, Himani. *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender*. Toronto e Ontário: Canadian Scholars' Press Inc, 2000.
- Boehm-Schnitker, Nadine, e Susanne Gruss, eds. *Neo-Victorian Literature and Culture: Immersions and Revisitations*. London e New York: Routledge, 2014.
- Bolter, Jay David, e Richard Grusin. *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge: MIT Press, 1999.
- Dyer, Richard. *White: Essays on Race and Culture*. London e New York: Routledge, 1997.
- Erll, Astrid. "Cultural Memory Studies: An Introduction". *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning, pp. 1-15. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008.
- . "Literature, Film, and the Mediality of Cultural Memory". *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning, pp. 389-398. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008.
- Ho, Elizabeth. "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*". *Neo-Victorianism and the Memory of Empire*, pp. 81-111. London, New Delhi, New York e Sydney: Bloomsbury, 2012.
- Kohlke, Marie-Luise. "Introduction: Speculations in and on the Neo-Victorian Encounter". *Neo-Victorian Studies* 1, no. 1 (2008), pp. 1-18.
http://www.neovictorianstudies.com/past_issues/Autumn2008/NVS%201-1%20M-Kohlke.pdf.
- Lee, J., e L. Cardinal. "Hegemonic Nationalism and the Politics of Feminism and Multiculturalism in Canada". *Painting the Maple: Essays on Race, Gender, and the Construction of Canada*, editado por V. Strong-Boag, S. Grace. A. Eisenberg e J. Anderson, pp. 215-261. Vancouver, BC: University of British Columbia, 1998.
- Moodie, Susanna. *Roughing It In the Bush*. London: Richard Bentley, 1852.

- . *Life in the Clearings versus the Bush*. Toronto, ON: McClelland & Stewart, 1854.
<http://www.gutenberg.org/files/8132/8132-h/8132-h.htm>.
- Nora, Pierre. "Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire".
Representations 26 (1989), pp. 7-24.
https://www.jstor.org/stable/2928520?seq=1#page_scan_tab_contents.
- Reis, Carlos, e Ana Cristina M. Lopes. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.
- Rigney, Ann, e Astrid Erll. "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics". Em *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*, editado por Ann Rigney e Astrid Erll, pp. 1-11. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2009.
- Simonpillai, Radheyana. "The Wonder Women behind *Alias Grace*'s TV Adaptation". *Now*, 6 de Setembro, 2017. <https://nowtoronto.com/movies/tiff2017/alias-grace-tv-adaptation-premieres-cbc/>.

RESUMO

Este artigo procura provar que Margaret Atwood remedia a memória cultural de Grace Marks em *Alias Grace*, produzindo, preservando e renovando um lugar da memória. Recorde-se que, em 1843, Thomas Kinnear, empregador de Marks e de James McDermott, e Nancy Montgomery, empregada e amante de Kinnear, foram encontrados assassinados em *Upper Canada*. Os imigrantes irlandeses Marks, com dezasseis anos, e McDermott, com vinte anos, retiraram-se prontamente da propriedade de Kinnear com um repositório das posses de Kinnear e de Montgomery. O aprisionamento dos fugitivos aconteceu passado pouco tempo, em Lewiston, Nova Iorque. McDermott, acusado de assassinato, e Marks, acusada de cumplicidade, foram condenados à morte no caso de Kinnear, pelo que se considerou redundante continuar com o caso de Montgomery. McDermott foi enforcado e Marks foi condenada a prisão perpétua, provavelmente devido à sua idade. Marks passou vinte e nove anos na prisão, incluindo um interregno num asilo em 1854 que se alargou por quinze meses. A suposta assassina foi perdoada em 1872. Marks captivou Atwood desde cedo, conduzindo-a a escrever *Alias Grace* em 1996. Procurando reportar-se à remediação da memória cultural de Marks, o

presente artigo é composto por quatro partes consideradas centrais. Finalizada a introdução, na qual se trata da primeira parte do texto, considerar-se-ão os conceitos de memória cultural e de remediação com a colaboração dos trabalhos de Astrid Erll e Ann Rigney. Pensar-se-á posteriormente a respeito da remediação da memória cultural de Marks no romance produzido por Atwood. Finalmente, apresentar-se-ão algumas reflexões relativas à relevância da remediação analisada.

Palavras-Chave

Memória Cultural, Remediação, Grace Marks, Margaret Atwood, *Alias Grace*.

ABSTRACT

The present article attempts to prove that Margaret Atwood remediates the cultural memory of Grace Marks, thus producing, preserving and renewing a site of memory. In 1843, Thomas Kinnear, the employer of Marks and of James McDermott, and Nancy Montgomery, the housekeeper and lover of Kinnear, were found murdered in Upper Canada. The Irish immigrants Marks, sixteen years old, and McDermott, twenty years old, quickly quit Kinnear's estate with Kinnear's and Montgomery's personal possessions. The fugitives were later located and imprisoned in Lewiston, New York. McDermot was charged with murder and Marks was accused of aiding McDermott. Because of the crimes committed, both of the accused were sentenced to death. While McDermott was hanged, Marks was later sentenced to life imprisonment, probably because of her tender age. Marks spent twenty-nine years in prison, which includes the short period she spent at an asylum in 1854 and which lasted for fifteen months. In 1872, Marks was pardoned. Atwood became bewitched by Marks, which led her to write *Alias Grace* in 1996. Attempting to address the remediation of the cultural memory of Marks, the present paper is divided into four parts. Following the introduction, which is the first part of the text, the concepts of cultural memory and of remediation will be approached with the aid of the works written by Astrid Erll and Ann Rigney. The remediation of the cultural memory of Marks will then be considered. Finally, some concluding remarks connected to the relevance of the remediation previously referred to will be presented.

KEY-WORDS

Cultural Memory, Remediation, Grace Marks, Margaret Atwood, *Alias Grace*.

WALTER SCOTT – SEMPRE PRESENTE OU DESCONHECIDO E ESQUECIDO?



Walter Scott - Retrato pintado por Sir Henry Raeburn em 1822

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA
SOCIEDADE CIENTÍFICA**



Nimue, The Lady of the Lake, Edward Burne-Jones

Ao fazermos uma reflexão sobre Walter Scott surgem-nos inevitavelmente as perguntas se ele continua presente entre nós, se é o "grande desconhecido"² ou se já o esquecemos. Neste ensaio

¹ NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do CECC, Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica, Presidente da Direcção de "Fulbrighters Portugal" e membro do Conselho Consultivo do Projecto Europeu "Educating for Global Peace". Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta. Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown e Fairfield. Organizou colóquios internacionais, proferiu conferências e publicou como co-editora: *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) e *Landscapes of Memory* (2004) e como autora: *Intelectuais Públicas Portuguesas-As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácio e artigos em *Festschriften*, revistas, jornais e enciclopédias.

² Refiro-me ao título da obra de Edgar Johnson, *Sir Walter Scott: The Great Unknown*, New York: Macmillan, 1970.

em que, da sua vasta obra, iremos focar sobretudo o magnífico poema *The Lady of the Lake*³, procuraremos responder a essas interrogações e, a esse propósito, ocorrem-nos inevitavelmente as palavras de Paul Ricoeur⁴, quando ele nos diz que o passado pode ser frágil e inatingível ao contrário das obras que permanecem mesmo quando os seus autores há muito desapareceram. A produção literária de Scott não deve pois ser vista apenas como um vestígio do passado, pois faz-nos reflectir sobre a fragilidade da nossa vida actual e enfatiza a energia unificadora da imaginação.

Uma leitura atenta da obra leva-nos a uma compreensão da dinâmica cultural para a qual teóricos recentes chamaram a atenção. Refiro-me ao facto de uma cultura ser sobretudo composta pela migração de textos e artefactos do passado, não sendo a memória cultural algo que se possui, se transmite ou se mantém numa relação contínua com uma origem autêntica mas sim um caminho, um movimento, que produz constantemente novas configurações do material produzido no passado. Deste modo, o passado continua vivo, mesmo quando parece esquecido, pois está activo de novas maneiras e já não permanece estático mas emigra para novas zonas.

O próprio Scott, nos seus prefácios, fala-nos do tropo do inevitável apagar da memória mas não para lamentar antecipadamente o desaparecimento da sua escrita mas para imaginar a sua existência de modos muitos diferentes. Ele parece, assim, adivinhar o futuro e ter um sentido das migrações da memória cultural de que falamos hoje em dia. No âmbito de temas de reflexão actuais suscitados pela obra scottiana temos também o da invenção da tradição discutido por Eric Hobsbawn, na sua famosa obra *The Invention of Tradition*⁵, e que se aplica ao "mito" das Highlands e ao uso do *kilt* e dos diferentes *tartans* para os clãs e ao seu significado para a imagem da Escócia.

³ Uma versão diferente deste texto foi apresentada oralmente, em 9 de Janeiro de 2013, no "Ciclo de Leituras sobre Walter Scott" organizado pela Fundação das Casas de Alorna e Fronteira.

⁴ Em *Time and Narrative* (Chicago: University of Chicago Press, 1988), Paul Ricoeur afirma: "Nothing says that the present reduces to presence."

⁵ Eric Hobsbawn & Terence Ranger, ed. (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, pp. 1-14. (Trad. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23). Afirma que muitas vezes as tradições são inventadas por elites nacionais para justificar a existência e importância de suas respectivas nações.



Nesta nossa reflexão começaremos por fazer algumas referências à biografia de Scott e seguidamente falaremos da vasta obra e da sua recepção e tradução. Walter Scott (1771-1832) era descendente de um antigo clã escocês em que havia pastores e guerreiros, que actuavam na fronteira da Escócia com Inglaterra, região designada como Borders. O pai - que vivia em Edimburgo e era *Writer of the Signet*⁶ foi o primeiro a vir para a cidade. No início da carreira, Scott dedicou-se à poesia, pretendendo escrever a epopeia histórica dos seus antepassados, e as circunstâncias da sua vida foram propícias ao regresso às origens. Pois, muito jovem passou temporadas em casa dos avós que o influenciaram, estimulando a sua imaginação com relatos da história medieval escocesa e dos feitos realizados pelos seus antepassados. Foi, decerto, ao ouvi-los que começou a sua paixão pelos pormenores históricos e por dar às suas obras o realismo e a autenticidade que as caracterizam.

Obteve uma vasta cultura na Universidade de Edimburgo, onde estudou textos gregos e latinos⁷ – é evidente, p. e., a semelhança entre o poema *The Lady of the Lake* e a *Iliada* – embora, como ele próprio nos diz, estivesse especialmente interessado em voltar "às fontes celtas, bárbaras, escandinavas e misteriosas de Inglaterra, por oposição à cultura clássica da Antiguidade". Aprendeu também Francês, Italiano, Espanhol e, mais tarde, Alemão, o que lhe permitiu familiarizar-se com a literatura europeia. O seu interesse pelo passado levou-o a ler muitas narrativas históricas e a apreciar todos os tipos de antiguidades, tendo-se tornado famoso não apenas como escritor mas também como "antiquary", i. é., um

⁶ Designação usada na Escócia para um advogado que pertença à Society of Writers to Her Majesty's Signet, uma associação particular de solicitadores que data de 1594.

⁷ Sabemos que das suas leituras constavam Ariosto, Tasso, Boiardo e Ossian.

arqueólogo e estudioso da cultura popular. Viajou por toda a Escócia e pela sua amada região dos Borders, e viveu algum tempo nos Trossachs, em Stirlingshire, junto ao Loch Katrine, a paisagem que descreve em *The Lady of the Lake*.



Loch Katrine

Em 1811, comprou uma pequena quinta nas margens do rio Tweed, que se viria a transformar na famosa e imponente mansão conhecida como Abbotsford House, que ainda hoje podemos visitar, e onde escreveu muitas das suas obras e, ao longo dos anos, foi fazendo a sua colecção de antiguidades e acumulando cerca de 20.000 volumes na biblioteca. Abbotsford pode considerar-se como a representação concreta do romantismo, que ele ajudou a criar tanto na sua obra literária como nos jardins e no panorama envolvente - que delineou como um arquitecto paisagista - concorrendo para a celebração da paisagem que lhe inspirou, entre outros, o belo poema épico *The Lady of the Lake*.

Relativamente à sua obra, podemos afirmar que Scott foi o primeiro autor inglês a ter uma carreira internacional ainda em vida. O seu sucesso tornou-o o mais lido e admirado romancista da história literária e é de referir que, entre os escritores ingleses do período romântico, apenas Walter Scott e Jane Austen têm continuado a ser lidos e a ter reimpressões até hoje.

No início da sua carreira, Scott fez traduções e escreveu poemas⁸, romances⁹ e ensaios¹⁰ sobre crítica literária, história e biografia¹¹ que o tornaram famoso. Toda

⁸ Depois de, em 1802, ter tido grande sucesso ao publicar *Minstrelsy of the Scottish Border* decidiu fazer da literatura a sua profissão e seguiram-se-lhe os poemas *Marmion*, *The Lady of the Lake*, *Rokeby*, *The Lord of the Isles*, *The Vision of Don Roderick*, *The Bridal of Triermain*, *Harold the Dauntless*, e *The Field of Waterloo*.

a sua obra se distingue por, apesar de poder ser considerada realista, haver nela uma combinação de factos e de ficção, de história e de lenda, de realismo e de romance (no sentido inglês de história de amor e aventura), de prosa e de poesia que a distingue. Caracteriza-se também por ter "cor local" e marcas da cultura, da história e das paisagens escocesas, assim como do dialecto, que nos transmitem o *genius loci*, "o espírito do lugar", isto é, os aspectos únicos, distintivos e apreciados de um local, a presença forte da memória colectiva, o acumular de saberes e experiências, que definem cada território e que contribuem para o nacionalismo e autenticidade dos seus textos. Deve-se ao facto de Scott ser um excelente contador de histórias que as suas descrições (feitas quando não havia TV nem Internet) nos levem a locais maravilhosos e que as personagens fiquem na nossa memória.

Quanto à recepção da sua obra, Sir Walter ¹², devido às traduções de Goethe e de Bürger que fez, começou por ser considerado responsável pela introdução da literatura alemã no Reino Unido, seguidamente foi visto como o maior coleccionador de baladas, criador do romance histórico e incentivador do turismo e até do nacionalismo¹³, tendo inspirado escritores como R. L. Stevenson, Bulwer-Lytton, G. Eliot, e as irmãs Brontë e sido louvado e elogiado por Newman e Ruskin. Pode também ser descrito como uma verdadeira figura internacional pois o seu valor era reconhecido em toda a Europa assim como nos Estados Unidos e Brasil.

São múltiplos os estudos sobre recepção que, nos diversos países, comprovam a forma como a obra de Scott foi recebida e influenciou a produção artística - tal como sucedeu em Portugal com Alexandre Herculano e Almeida Garrett¹⁴. Em Itália¹⁵, inspirou romances, contos, pinturas, óperas, como a famosa *La*

⁹ Usou vários pseudónimos, tais como Jebediah Cleisbotham, Crystal Croftangry, Malachi Malagrowther, Lawrence Templeton e Captain Clutterbuck.

¹⁰ Publicou os ensaios nas revistas *Quarterly Review* e *Edinburgh Annual Register* que fundou.

¹¹ É famosa, p. e., *The Life of John Dryden*, a biografia que Scott escreveu em 1808.

¹² R. L. Stevenson, que apreciava a sua obra desde a infância e considerava *Rob Roy*: "the best novel of the greatest of all novelists" e, apesar de algumas críticas de Carlyle, foi louvado e elogiado por Newman e Ruskin e era muito apreciado pelo público em geral.

¹³ Para o qual também foi importante a sua actuação como membro da Speculative Society e Presidente da Royal Society e da Celtic Society de Edimburgo.

¹⁴ Em Espanha, os romancistas históricos também imitaram Scott (v. *El doncel de Don Enrique el Doliente* (1834) de Mariano José de Larra e *Ni rey ni roque* (1835) de Patricio de la Escosura).

Donna del Lago de Rossini, ballets e peças de teatro, contribuindo para definir novas tendências no gosto e servindo de modelos de comportamento que se tornaram fundamentais para a cultura romântica e para a construção da emergente identidade nacional.

Sabemos que influenciou Balzac, Dostoevsky, Flaubert, Tolstoy, Dumas e muitos outros e que a sua interpretação da história foi também apropriada pelos nacionalistas na Europa de Leste¹⁶. Em França, sentiu-se a sua influência através das traduções de Defauconpret, que serviram de base a versões portuguesas e também ao libreto da ópera de Rossini inspirada em *The Lady of the Lake*.

Nos nossos dias¹⁷, há um recrudescimento de interesse por Scott tanto mais que agora as suas obras estão acessíveis a uma nova geração de leitores nos *E-texts* ou *E-books*, como acontece com o projecto Gutenberg e o Walter Scott Digital Archive da Universidade de Edimburgo, facto que comprova que ele continua a ter leitores e a ser apreciado. A sua reputação evoluiu também devido a estudos inovadores¹⁸, que nos apresentam um Scott bastante diferente, assim como a recentes edições críticas baseadas nos manuscritos - e não nas obras "expurgadas" pelos editores de oitocentos - que demonstram a virtuosidade estilística do autor que antes tinha sido obscurecida.

Verificamos, portanto, que não temos de lamentar o desaparecimento do interesse por este escritor mas sim constatar que ele continua a existir mas de forma diferente e temos assim uma visão mais complexa de Scott nos nossos dias que nos faz compreender que ele estava a reagir à mudança na sociedade e a demonstrar a sua oposição à cultura dominante, temas afinal tão pós-modernos.

É difícil avaliar a amplitude da influência de Scott pois a sua obra foi reeditada e traduzida praticamente em todo o mundo e pode considerar-se que constitui o primeiro exemplo de literatura universal. Na América, teve uma excelente recepção

¹⁵ V. Michela Mancini, *Immaginando 'Ivanhoe'* (2007).

¹⁶ V. Murray Pittock, *The Reception of Sir Walter Scott in Europe* (2006).

¹⁷ Caroline McCracken-Flesher, *Possible Scotlands: Walter Scott and the Story of Tomorrow* (2005).

¹⁸ Ian Duncan, *Scott's Shadow: The Novel in Romantic Edinburgh* (2007), Andrew Lincoln, *Walter Scott and Modernity* (2007), Catherine Jones, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative* (2003), Stuart Kelly, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation* (2010) e Alison Lumsden, *Walter Scott and the Limits of Language* (2010), entre outros.

especialmente no Sul. Porém, os motivos para esse interesse vão para além da influência literária, pois muitos Sulistas eram descendentes de Escoceses¹⁹, e, por isso, identificavam-se com a imagem romântica pintada por Scott da valente Escócia em luta para exprimir a sua identidade cultural. A componente céltica estava também patente nos modos e nos ideais do velho Sul que, tal como os Highlands, em *The Lady of the Lake*, se batiam para reclamar a independência.

Como os Sulistas, também os leitores actuais da obra scottiana, decerto familiarizados com os temas e debates da teoria pós-colonial contemporânea²⁰ certamente os reconhecem na voz narrativa de Scott, o que justifica que continue a haver interesse em ler, estudar e reeditar²¹ a sua obra por nela se tratarem questões como a instabilidade política e a violência, que resultam da mistura dos povos e da fluidez das fronteiras, assuntos bem actuais.

Relativamente à divulgação que, nas suas obras, Scott fez da Escócia, é de referir que a sua "homeland" fica a norte da Grã-Bretanha e está dividida em duas partes, tanto geográfica como racial, linguística e culturalmente. A área norte é conhecida como Highlands e Islands (as Terras Altas e as Ilhas) e racicamente é celta. A língua nativa, o Gaélico, era de origem céltica mas, actualmente, é apenas falada por uma minoria. Até meados do século XVIII, a sua estrutura social era um sistema semitribal de clãs com chefes hereditários denominados *chieftains*. A cultura era oral e muito dela se perdeu ao longo do tempo. O traje tradicional era o *kilt*, feito de *tartans*. Muito desta região é de uma extrema beleza e foi destruído devido às guerras tribais, ao abandono e à negligência económica. Na metade sul e ocidental, denominada Lowlands, a população é de origem germânica, sempre falou Inglês e não tem o sistema de clãs.

A Escócia foi independente de Inglaterra até 1603, sendo as relações sempre hostis e havia um estado de guerra não oficial mas permanente e, finalmente, em 1707, devido ao *Act of Union* e passou a fazer parte da Grã-Bretanha. É inegável a

¹⁹ Os Escoceses tinham sido dos primeiros a emigrar para os EUA quando das revoltas contra os Ingleses.

²⁰ V. Kang-Yen Chiu, "Hospitality, nation and empire in Walter Scott's Waverley novels". Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Glasgow em que se fala de subalterno, zona de contacto, crioulização e nativismo vs. hibridismo.

²¹ Como sucede com a *Edinburgh Edition of the Waverley Novels*, que tanto tem contribuído para esta leitura mais complexa da obra scottiana.

importância de Scott para a Escócia pois as suas obras tiveram um papel crucial no apaziguamento das perturbadas relações entre as duas regiões quando da união com Inglaterra.

Com a publicação das suas obras, as lutas políticas passaram a fazer parte de um passado lendário e as paisagens escarpadas adquiriram uma beleza pitoresca. Por outro lado, o entusiasmo pela sua pintura romântica, como vimos, não ficou confinado à Grã-Bretanha pois os editores, os tradutores, os dramaturgos e os compositores tornaram a sua obra conhecida através de novas linguagens e meios. Uma verdadeira "Scottmania" lançou a Escócia para o topo dos itinerários de viagens e começaram a chegar multidões de turistas desejosos de visitar o país sobre o qual tinham lido e de adquirir souvenirs do autor.

Alguns estudiosos afirmam mesmo que Scott inventou uma nação – a *Scottland*²² – e forjou a sua identidade, contribuindo para o fim dos conflitos étnicos, religiosos e políticos de que nos fala em *The Lady of the Lake*.²³

Sendo o terceiro poema narrativo de Walter Scott, *The Lady of the Lake*²⁴ foi publicado em 1810 quando o autor estava no topo da sua carreira como poeta. Decorre nas margens e nas ilhas do Loch Katrine, onde Scott costumava passar férias com a família na fronteira entre as Terras Altas e as Terras Baixas, nos Trossachs e nos Highlands Ocidentais de Perthshire e em Stirling e decorre em meados de 1530. Foi já classificado como uma gesta heróica, subdividida em estrofes, 20 a 30 por cada canto, cada uma com cerca de vinte versos, num total de 4.500 versos, em octossílabos e decassílabos. Está dividido em seis cantos, que é a forma principal de divisão de um poema longo e épico, como *Os Lusíadas* (10 cantos) ou a *Divina Comédia* (100 cantos) e cada canto refere a acção de um dia. Contém também algumas baladas, cantos e romances, e uma oração, que inspirou a Schubert a sua

²² V. Stuart Kelly, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation*. Polygon, Birlinn Limited, 2010.

²³ Walter Scott, *The Lady of the Lake*, edited with Notes by William J. Rolfe, Boston, 1883. V. Penn State Electronic Classics Series Publications.

²⁴ *The Lady of the Lake* pode ser considerado uma continuação do anterior poema narrativo histórico *Marmion* (1808), que terminava com a Batalha de Flodden (1513) na qual James IV morreu.

famosa *Ave Maria*²⁵. Relata ainda cerimónias fúnebres, uma cena de tiro ao arco, a actividade de um profeta e um sonho²⁶. A este aspecto épico, junta-se ainda o elemento essencial do idílio amoroso.

É considerado poesia narrativa, ou seja, é um poema escrito em verso métrico que conta uma história, usando as vozes de um narrador e das diversas personagens, é dramático, tem objectivos claros e a forma de um romance em verso. A sua fama e encanto devem-se ao uso magistral da rima e às descrições, que evocam a beleza da paisagem através de uma narração excitante e de uma história em constante mutação. O ritmo do canto inicial "A Caça" patenteia o magnetismo da arte do contador de histórias, no qual se combina o mistério da identidade do rei, a intriga política centrada à volta de um quadrângulo amoroso, que associado com a magia e o sobrenatural, tornam a leitura do poema fascinante. O apelo das paisagens espectaculares, a intriga emocionante e uma complexa história de amor antecipam-se aos filmes em Technicolor pois congregam a atracção visual de uma narrativa sensacional relatada com a vivacidade e a intensidade do cinema. Embora cativados pelo romantismo do texto, os leitores também são atraídos por um certo pragmatismo, que lhe está subjacente ao referir os benefícios de a ordem substituir o caos, de um modo de vida antigo ceder lugar ao novo, de um passado que, embora familiar, é 'bárbaro' e, portanto, impossível de manter e deve ser substituído por uma ordem moderna. O poema de Scott agrada aos leitores ao longo do tempo porque sanciona a mudança histórica e é simbólico da inevitabilidade dessa mutação quando se olha para um futuro que, embora implique ajustamentos, traz consigo uma promessa de renovação e sustentabilidade.

Relativamente às fontes, o poema contém certos elementos que ocorreram na história escocesa, tais como a lenda do rei James V da Escócia viajar anonimamente entre os seus súbditos; o facto de vários reis escoceses terem lutado contra a dinastia Douglas e o Clã Alpine, que embora sendo um clã imaginário,

²⁵ A "Ave Maria" de Schubert, na verdade, originalmente, não tinha a letra do Ave Maria em Latim. Faz parte do *Liederzyklus vom Fräulein vom See* (ciclo de canções para a Dama do Lago), de Schubert (1825). A letra refere-se a *Ellens Gesang III* (A Terceira Canção de Ellen - Hino à Virgem) D 839: *Ave Maria! Jungfrau mild!* / "Ave Maria! doce donzela!"

²⁶ Ao lê-lo, nota-se a recorrência do número 3, o recurso constante à comparação, ao epíteto homérico, à metáfora e às suas variações.

representa o povo das Terras Altas e a sua luta pelo poder com a monarquia escocesa. O título, assim como a figura feminina, é inspirado na personagem "Viviane" do ciclo do rei Artur²⁷ mas a sua história é completamente diferente e tem a sua origem na famosa deusa da água celta.



Viviane, The Lady of the Lake

Quanto à localização, Loch Katrine é o centro do cenário do poema e Ellen's Isle é uma pequena ilha coberta de árvores, a área escura, à esquerda da ilha, é Coire nan Uruisgean (ou Coir-nan-Uriskin) e *Goblin-cave*, a caverna para onde Ellen Douglas e o pai fugiram. É neste local que Ellen canta a sua "Prayer to the Virgin", que se tornou o texto da *Ave Maria* de Schubert (*Ellen's Third Song: D839*).

No poema é dramatizada a luta entre o rei da Escócia, James V (1513-1542), e o poderoso clã Douglas no século XVI. O objectivo de Scott era - para além de descrever uma acção e um cenário espectaculares e de fazer uma caracterização psicologicamente perfeita das personagens - relatar a impiedosa inimizade entre as Terras Altas e as Terras Baixas. Conta também a história, que se tornou uma lenda, do jovem rei se disfarçar e enfrentar os clãs dos Borderers e dos Highlanders, chefiados por Rhoderick Dhu, que se aliaram na luta contra ele. Trata-se de uma espécie de *Íliada* escocesa, que começa com uma invocação à harpa que lembra a

²⁷ Trata-se do ciclo de Lancelot-Grail, da secção de Merlim, que Thomas Malory refere na sua obra *Le Morte d' Arthur*. Viviane é, de acordo com a lenda arturiana a mais importante sacerdotisa de Avalon.

invocação homérica à Musa²⁸. Segue-se-lhe a convocação do *aedo*²⁹, o menestrel encarregado de cantar as proezas cavaleirescas e os encantos da Dama, o Catálogo dos Heróis, que lembra o catálogo dos navios na *Ilíada*. Entre as personagens, os bardos³⁰ rivalizam em entusiasmo e coragem, o rei James, aliás Fitz-James, demonstra ser dotado das mesmas virtudes guerreiras que os seus adversários - como fica comprovado no combate contra Roderick - num frente a frente que lembra o de Aquiles e Heitor. Ellen Douglas, a Dama do Lago, fugiu com o pai, que está proscrito, por não ter querido juntar-se a Roderick Dhu na luta contra o rei James. Roderick Dhu, é o *chieftain* do Clã Alpine, que parte para a montanha com os seus guerreiros e ouve ao longe o som do harpista Allan-bane, que acompanha Ellen a cantar uma oração à Virgem, pedindo a sua ajuda.

Pode considerar-se que no poema há três enredos: o da luta entre três homens - Roderick Dhu, James Fitz-James e Malcolm Graeme - pelo amor de Ellen Douglas; o do feudo e da reconciliação do rei James V da Escócia com James Douglas e a guerra entre os Escoceses das Terras Baixas (liderados por James V) e os clãs das Highlands (dirigidos por Roderick Dhu)³¹.

Quando da publicação, os críticos foram tão entusiásticos como o público, louvando a forma como Scott tinha a arte rara de fazer a descrição pictórica da paisagem em poesia, revelando montanhas, vales (*glens*) e lagos (*loch*) que antes

²⁸ *Harp of the North that mouldering long hast hung/On the witch-elm that shades Saint Fillian's spring ... O Minstrel Harp, still must thine accents sleep.//*"Harpa do Norte! Tu que por longo espaço jazeste ociosa colmada de preguiçoso pó, e suspensa ao olmo mágico, do qual a sombra propicia e ramosa [coroa, com fresco amparo, a fonte sempre amiga de S. Filian...Harpa do Menestrel! Tuas vibrantes cordas deverão por ventura quedar em eterno descanso.

²⁹ *Aedo*, na Grécia antiga, era o cantor que apresentava as suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se ao som da cítara. Orfeu é o mais conhecido dos *aedos*.

³⁰ Os chefes das Highlands tinham ao seu serviço um bardo que relatava os feitos da família.

³¹ As personagens são: James Fitz-James, o cavaleiro de Snowdoun³¹, rei James V da Escócia, a viajar incógnito; Ellen Douglas, filha de James Douglas; James Douglas, antes *Earl of Bothwell*, tutor do jovem rei e agora exilado como um inimigo; Allan Bane, um bardo; Roderick Dhu, o chefe do Clã Alpine, expulso por ter cometido um homicídio na corte; *Lady Margaret*, mãe de Roderick Dhu; Malcolm Graeme³¹, um jovem chefe das Terras Altas e antigo cortezão do rei James, que ama Ellen; Brian, o eremita, um profeta druida; Duncan, um membro do Clã Alpine que morreu; Angus, filho de Duncan; Norman, um noivo e membro do Clã Alpine; Mary, a noiva de Norman; Blanche of Devan, uma Escocesa das Terras Baixas, cujo noivo foi assassinado no dia do casamento pelos homens do Clã Alpine, e que, por isso, enlouqueceu.

eram desconhecidos³². Com 25.000 exemplares esgotados em 8 meses, na Escócia, em Inglaterra e na Europa, *The Lady of the Lake* bateu todos os records de venda de poesia e teve imediatamente uma enorme celebridade³³. Devido ao elemento da "cor local", o poema criou uma voga de turismo para Loch Katrine e para os Trossachs que se mantêm até hoje³⁴.

O sucesso do poema espalhou a fama³⁵ de Scott por toda a Europa³⁶ e a sua influência e impacto chegou até à América. Pode dizer-se que, para além de fazer sensação na sua época, se transformou num *bestseller* universal, assegurando a Scott um lugar cimeiro na história literária.

Scott pode ser considerado como o maior escritor da sua época por ter cativado a imaginação romântica de todo o mundo mas a sua influência não se restringe apenas à literatura pois, no campo da música, inspirou múltiplas óperas e detecta-se até em raças de cães (como o Dandie Dinmont Terrier), estações de comboios (como Waverley Station em Edimburgo) e padrões de *tricot*, que foram baptizados com nomes dos seus livros ou personagens.

É inegável que o autor de *The Lady of the Lake* contribuiu³⁷ para lançar as Highlands como destino turístico. Foi devido à influência dessa obra que passou a

³² O lago Katrine que antes era visitado por 50 ou 60 carruagens por ano; nos primeiros seis meses depois da publicação de *The Lady of the Lake*, esses números subiram para 297...

³³ Houve, contudo, também críticas negativas de outros autores, como Coleridge, que o considerou fastidioso e aborrecido, Byron que, igualmente severo, fala de "musa prostituída" e de Stendhal que, na sua *Vie de Rossini*, o considera um "mau poema". Porém, estas críticas negativas não impediram a admiração generalizada pelo poema nem suscitaram qualquer indignação a Scott.

³⁴ Nos nossos dias, temos: o texto na íntegra (Walter Scott, *The Lady of The Lake*, edited with Notes by William J. Rolfe, Boston, 1883) no site *Penn State Electronic Classics Series Publications*. Acesso internet <http://www.gutenberg.org/files/3011/3011-htm#21>- e *The Lady of the Lake*, ed. Thomas Crawford, Glasgow: Association of Scottish Literary Studies, 2010. Nova edição realizada para marcar os 200 anos da publicação do poema com ilustrações da grande artista escocesa Linda Farquharson e com inúmeras notas.

³⁵ A fama de Scott tinha agora alcançado um nível tão alto que o editor Constable pode encomendar um retrato do poeta ao famoso pintor Sir Henry Raeburn de que incluímos acima uma reprodução.

³⁶ Em França, foi traduzido pelo célebre Defauconpret³⁶, cujas traduções contribuíram para a notoriedade e a divulgação na Europa daquele que designou como "le magicien du Nord". As suas traduções seguem o modelo francês que designa como "la belle infidèle" o que lhe permite assimilar o texto original - ou fonte - à cultura que o recebe no "texto resultante".

³⁷ *The Lady of the Lake* transformou o turismo escocês trazendo milhares de leitores ao Norte para verem as paisagens celebradas no poema e contribuiu para a criação da indústria

estar na moda visitar os Trossachs³⁸. Trata-se de uma herança cultural, tema que, aliás, tanto interessava a Walter Scott³⁹. Consequentemente, em 2010, para comemorar os 200 anos da 1ª edição do poema, foi organizado um programa intitulado "Scotland", que incluía debates sobre Scott e o seu legado à Escócia e, entre outros acontecimentos, foi representada a peça *The Chase*, inspirada no 1º canto de *The Lady of the Lake*.

Nos Estados Unidos, no campo literário, entre outros, houve o evidente caso de recepção e de influência de Fenimore Cooper, que já foi designado como o Scott americano⁴⁰. Há, porém, dois aspectos de influência directa do poema que são menos conhecidos como o da Cruz de Fogo - adoptada pela Ku Klux Klan – e o hino presidencial americano *Hail to the Chief*.

A propósito de *The Fiery Cross*, Scott diz que quando um *chieftain* queria congregar o seu clã para uma emergência, matava uma cabra e fazia uma cruz de madeira a cujas extremidades deitava fogo e que depois apagava no sangue do animal. Chamava-se a esta cruz *Fiery Cross*, *Crean Tarigh*, ou Cruz da Vergonha, porque desobedecer à chamada significava infâmia. A cruz era transportada por um mensageiro e quem recebia o símbolo tinha de o passar a outrem até todos terem sido avisados, formando-se assim uma força de combate. Quem a recebia e não se apresentava era castigado com fogo.

Quanto ao hino "Hail to the Chief"

"Hail to the chief who in triumph advances!
Honoured and blessed be the ever-green Pine!
Long may the tree, in his banner that glances,
Flourish the shelter and grace of our line!"

dos gravadores de imagens e da cenografia teatral dedicada a ilustrar e adaptar as obras de Scott.

³⁸ Nos USA, W. E. B. Du Bois (1868-1963) no seu discurso, em 1926, afirmou que tinha aprendido de cor o poema na escola e que: "In after life once it was my privilege to see the lake."

³⁹ Ao lermos a descrição de Edimburgo em *The Heart of the Midlothian* e ao passearmos na cidade hoje em dia, verificamos que o nome do autor e a sua imagem estão por todo o lado - desde o seu magnífico monumento às notas de 5 £ e aos selos.

⁴⁰ Nas suas famosas obras *The Last of the Mohicans* (1826) e *The Prairie* (1827), publicadas ainda em vida de Scott, Cooper fala do desenvolvimento da identidade americana e do facto de, além de incorporar elementos da cavalaria feudal, revelar capacidade de sobrevivência que herdou dos seus antepassados escoceses.

trata-se de uma marcha associada com o Presidente dos EUA que é tocada quando da sua chegada em todos os eventos oficiais. Poucos sabem que a origem da música é o poema *The Lady of the Lake*⁴¹ e que o compositor usou as palavras da canção "The Boat Song" dedicada ao "Chief" Roderick Dhu da Stanza XIX do 2º Canto. A história teve um impacto especial na América durante a Guerra de 1812 contra os Ingleses porque explora conflitos de valores, embora reconheça os aspectos bons e maus de cada um dos sistemas em luta e o hino "Hail to the Chief" ficou associado com um governante em 1815, quando tocaram a música⁴² para honrar tanto o falecido George Washington como o fim da guerra⁴³. O hino "Hail to the Chief" continuou a ser tocado com fanfarras e tambores desde então e, em 1954, com o Presidente Truman, tornou-se oficialmente o tributo musical ao Presidente dos U.S.A.⁴⁴

Ao concluir esta reflexão, podemos afirmar que um dos aspectos mais relevantes que, hoje em dia, justifica que continuemos a ler e a investigar Walter Scott é o facto de ele ser responsável por grandes mudanças na forma de pensar, por alterações nas atitudes para com o passado e o presente e, sobretudo, por um novo sentido de comunidade pois as suas obras – como acima mencionado- tiveram um papel relevante no apaziguamento das relações conflituosas entre a Escócia e a Inglaterra.

Terminamos referindo alguns dos inúmeros aspectos do nosso tema que merecem ser mencionados, tais como:

⁴¹ O poema foi representado, em 1 de Janeiro de 1812, em Filadélfia, sendo a composição escrita por Sanderson.

⁴² Então com o título "Wreaths for the Chieftain".

⁴³ Andrew Jackson foi o 1º presidente vivo a ser pessoalmente honrado por "Hail to the Chief," em 9 de Janeiro de 1829. A música foi tocada, entre outras composições, na cerimónia de tomada de posse de Martin Van Buren, em 4 de Março de 1837, e em outras ocasiões sociais durante a sua presidência. Foi a mulher do Presidente John Tyler, Julia Tyler, quem primeiro pediu que "Hail to the Chief" fosse tocado especificamente para anunciar a chegada do Presidente em ocasiões oficiais. Foi também a 1ª Dama, Sarah Childress Polk, depois de ter sido tocado na tomada de posse do marido, James Polk, quem mais contribuiu para tornar o seu uso um ritual em que a banda toca os tambores quando o presidente entra numa sala.

⁴⁴ O Presidente Chester Arthur não gostava da música e pediu a John Philip Sousa, o compositor de ascendência portuguesa, para compor outra e ele escreveu a "Presidential Polonaise", mas, apesar disso, permaneceu a inicialmente escolhida.

- Scott ter sido uma figura de culto no romantismo europeu, que bem merece os monumentos que lhe foram dedicados;
- A sua contribuição para a tomada de consciência de que as influências da poesia vão para além do âmbito literário;
- A sua importância para a redefinição do romance como o principal género literário para representar a vida histórica nacional;
- O seu modo diferente de combinar a história com a ficção;
- O facto de os poemas, romances, dramas, óperas, ballets, gravuras, pinturas e filmes, que a sua obra inspirou, demonstrarem que ele contribuiu para definir novas tendências no gosto e nos modelos de comportamento;
- O papel de Abbotsford no desenvolvimento do interesse pelas antiguidades escocesas, pois as colecções, que ainda hoje lá vemos, contribuíram para estabelecer e consolidar a tradição;
- A consciência de que a paisagem tem influência na literatura assim como as obras literárias tem impacto na cultura⁴⁵.

Muito mais haveria a dizer mas, por todos estes motivos, pode concluir-se que Scott merece a fama que granjeou em todo o mundo e não é desconhecido nem foi esquecido mas continua presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Duncan, Ian, *Scott's Shadow: The Novel in Romantic Edinburgh*, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2007.
- Hobsbawm, Eric & Terence Ranger, ed. (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, 1983. (Trad. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984).
- Johnson, Edgar, *Sir Walter Scott: The Great Unknown*, New York: Macmillan, 1970.
- Jones, Catherine, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative*, London: Associated University Presses, 2003.
- Kelly, Stuart, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation*, Edinburgh: Polygon, 2010.
- Lincoln, Andrew, *Walter Scott and Modernity*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

⁴⁵ No âmbito da arquitectura, graças a Scott ter popularizado o período medieval, quando o novo Palácio de Westminster foi construído em 1835, o gótico foi adoptado como "estilo nacional".

- Lumsden, Allison, *Walter Scott and the Limits of Language*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- McCracken-Flesher, Caroline, *Possible Scotlands: Walter Scott and the Story of Tomorrow*, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Mancini, Michela, *Immaginando 'Ivanhoe' . Romanzi illustrati, balli e opere teatrali dell' Ottocento italiano*, Milano: Mondadori Bruno, 2007.
- Pittock, Murray *The Reception of Sir Walter Scott in Europe*, London: Continuum, 2006.
- Pires, Maria Laura Bettencourt, "The Longevity of Walter Scott in the 21st Century", New York: Peter Lang (entregue para publicação).
- , "Ciclo de Leituras sobre Walter Scott", Fundação das Casas de Alorna e Fronteira, 2013.
- , *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa: Universidade Nova, 1979
- Ricoeur, Paul, *Time and Narrative*, Chicago: University of Chicago Press, 1988.

RESUMO

Ao reflectirmos sobre Walter Scott surgem-nos inevitavelmente as perguntas se ele continua presente entre nós, se é o "grande desconhecido" ou se já o esquecemos. Neste artigo, além de fazermos algumas referências à biografia e à recepção da sua obra, focando sobretudo o poema *The Lady of the Lake*, procuraremos responder a essas interrogações conscientes de que as obras permanecem mesmo quando os seus autores há muito desapareceram. O poema narrativo *The Lady of the Lake* foi publicado em 1810 quando o autor estava no topo da sua carreira como poeta. Contém baladas, cantos e romances, e uma oração, que inspirou a Schubert a sua famosa *Ave Maria*. Relata ainda cerimónias fúnebres, uma cena de tiro ao arco, a actividade de um profeta e um sonho. A este aspecto épico, junta-se ainda o elemento essencial do idílio amoroso. Após a nossa investigação, concluímos que a produção literária de Scott não deve ser vista apenas como um vestígio do passado e que não temos e lamentar o desaparecimento do interesse por este escritor pois constatamos que ele continua a existir, mas de forma diferente, e que temos agora uma visão mais complexa que nos faz compreender que ele estava a reagir às mudanças na sociedade e a demonstrar a sua oposição à cultura dominante, temas afinal tão pós-modernos.

ABSTRACT

When we think about Walter Scott there are unavoidable questions, such as if he is still present among us, is "the great unknown" or if we have already forgotten him. In this article, besides some references to his biography and to the reception of

his work, focusing the poem *The Lady of the Lake*, we attempt to answer those queries while being conscious that the works remain even when their authors are gone. The narrative poem *The Lady of the Lake* was published in 1810, when Scott was at the top of his career as a poet. It contains ballads, cantos, romances and a prayer, which inspired the famous *Ave Maria* to Schubert. It reports funereal ceremonies, an archery scene and references to a prophet and to a dream. Besides this epic facet, there is still the essential element of the love idyll. After our reflexion, we concluded that Scott's work should not be seen as a fad from the past and that we need not regret the vanishing of interest for this writer for we determined that he is still with us, but in a different way, and that now we have a more problematizing vision of his work that makes us understand that he was reacting to changes in his society and expressing his opposition to the dominant culture, themes that, after all, are post-modern.



INFORMAÇÕES SOBRE GAUDIUM SCIENDI

DIRECTORA: Maria Laura Bettencourt Pires

CONTACTOS:

Revista *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Palma de Cima 1649-023 Lisboa, Portugal

Telefone: +351 217 214 136; e-mail: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

INFORMAÇÕES SOBRE A REVISTA

Gaudium Sciendi é uma revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa publicada desde 2012 com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser vista em formato digital num computador, num *tablet* ou outro dispositivo móvel. A publicação da *Gaudium Sciendi* através da Internet permite chegar a leitores em todo o mundo. Cria também novas oportunidades que incluem poder ser lida a qualquer hora e local, tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras.

Poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impressa e encadernada e lida como um livro.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

A Revista oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo. Segue, assim, o princípio de que disponibilizar gratuitamente a informação científica ao público-leitor lhe proporciona a "alegria do saber" que está, aliás, implícita no seu título *Gaudium Sciendi* e contribui para uma maior democratização do conhecimento. Apesar disso, segue a directiva de privacidade em relação aos endereços e contactos dos autores.

OBJECTIVOS DA GAUDIUM SCIENDI

A actividade editorial da revista rege-se por princípios que visam assegurar a liberdade de iniciativa e de cooperação e, por isso, a *Gaudium Sciendi* aceita e incentiva a colaboração de todos os Associados da Sociedade Científica assim como a de académicos da UCP e de outras instituições nacionais e estrangeiras vocacionadas para a investigação, para o ensino e para a cultura, desde que pretendam servir os mesmos objectivos e valores que a norteiam, procurando assim motivar o intercâmbio interinstitucional.

A *Gaudium Sciendi* pretende ser um instrumento de divulgação dos objectivos e dos valores da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP). Segue uma política editorial que tem também como um dos seus objectivos actuar como um constante vector de promoção do encontro entre investigadores, autores, estudantes e leitores, nos diversos momentos da sua vida científica e de formação académica. Outro dos seus propósitos é promover oportunidades para uma reflexão crítica e um diálogo sobre os temas apresentados e proporcionar ocasiões de debate intelectual e de cooperação académica, numa perspectiva interdisciplinar, que contribuam para desenvolver a formação e o interesse pela investigação científica dos seus leitores, sobretudo dos mais jovens. Para atingir essa meta, gostaria de contar com contribuições regulares dos associados das diferentes "Secções" da SCUCP, que incluem áreas tão variadas como: Ciências das Artes, Filosofia, Direito, História, Economia, Ciências do Ambiente, Literatura e Linguística, Educação, Teologia, Ciências Exactas e Naturais, Ciências Aplicadas e Engenharia, Ciências e Tecnologia da Saúde, Ciências Sociais e Políticas e Ciências da Comunicação e Informação. A revista aceita igualmente - e acolhe com muito gosto - colaborações de académicos de outras instituições, desde que sigam as políticas directivas da *Gaudium Sciendi* e as normas de submissão de artigos.

Outra das missões da *Gaudium Sciendi* é contribuir para manter os seus leitores - quer sejam associados da SCUCP, professores, actuais ou antigos estudantes ou investigadores da Universidade Católica - ligados à sua *alma mater*. Essa ligação pode

fazer-se não apenas através da leitura regular mas também enviando artigos para a revista ou, de forma mais intervencionista, textos mais breves para as Secções "Debate", "Cartas à Directora" e "Entrevistas".

A revista pretende ainda, dentro das suas possibilidades, contribuir para demonstrar publicamente – através das colaborações que recebe - que todos os que estão associados tanto à Sociedade Científica como à Universidade Católica têm orgulho de pertencer a estas instituições. Ao manter os leitores informados sobre resultados de investigações científicas em curso ou sobre o sucesso profissional de antigos alunos ou investigadores assim como com a publicação de textos relacionados com eventos organizados pela Sociedade Científica e pela Universidade Católica, a *Gaudium Sciendi* pretende também contribuir para demonstrar como ambas as instituições têm influência na academia tanto em Portugal como no estrangeiro.

NÚMEROS TEMÁTICOS

Embora a revista esteja direccionada para a divulgação de trabalhos académicos, sendo portanto, regra geral, os temas livres, têm havido também alguns números temáticos que focam um tópico central, como "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia" (Janeiro 2013), "Direito"(Julho 2013) e "O Conceito de Alma – Do Antigo Egipto ao Mundo de *Matrix*" (Junho 2014).

SECÇÕES

No âmbito da *Gaudium Sciendi* há várias secções, tais como Editorial, Artigos, Debates, Poesia, Recensões críticas e Entrevista.

INFORMAÇÕES AOS LEITORES

Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos comentários sobre a revista em geral ou sobre algum dos artigos publicados. Poderão também inscreverem-se no serviço de notificação de publicação da revista, bastando para tal que nos enviem um *e-mail* nesse sentido. Essa inscrição permitirá ao leitor receber via *e-mail* um aviso da publicação de um novo número da *Gaudium Sciendi* assim como o sumário de cada nova edição. De acordo com a Política de Privacidade, a revista assegura aos leitores que os seus nomes e endereços informáticos não serão utilizados para outros fins.

INFORMAÇÕES PARA OS COLABORADORES

- Áreas - A revista aceita propostas de artigos para publicação sobre um amplo leque de tópicos em diversas áreas científicas.
- Norma Ortográfica - A Direcção respeita a decisão pessoal dos autores relativamente à regra ortográfica da língua portuguesa que seguem nos seus textos.
- Ilustrações - Todas as imagens incluídas nos artigos da *Gaudium Sciendi* são da responsabilidade da Direcção a menos que os autores as tenham escolhido, sendo, nesse caso, indicado em nota.

INFORMAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS

Convidamos as bibliotecas a incluir a *Gaudium Sciendi*, assim como outras revistas de acesso livre, nos seus catálogos de revistas electrónicas. Este sistema de publicação é desenvolvido também para ser operado por bibliotecas universitárias, como a Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica, dando assim apoio ao trabalho de publicação das revistas do seu corpo académico.

NORMAS DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS

- Os artigos devem ser submetidos à *Gaudium Sciendi*, Revista *on-line* da Sociedade Científica, em formato electrónico, para o seguinte endereço: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt
- Os textos devem incluir, em nota de rodapé, um C.V. do autor com aproximadamente 1.720 caracteres incluído os espaços.
- Os artigos podem ser submetidos em Português, Inglês, Francês e Espanhol.
- As publicações devem conter, obrigatoriamente, um resumo em português e em língua estrangeira com cerca de 2.620 caracteres com espaço, seguido de palavras-chave, no máximo de cinco.
- Os ensaios não deverão exceder 52.360 caracteres com espaço (c. 20 pp. A4), incluindo os resumos, palavras-chave e bibliografia.
- As resenhas críticas não deverão ter mais de 7.854 caracteres com espaço (c. 3 pp. A4). Os colaboradores devem conservar em seu poder um duplicado de todo o material enviado para a *Gaudium Sciendi*.

FORMATAÇÃO

- **FORMATAÇÃO:** Word ou RTF, letra Calibri 12, alinhamento justificado, espaçamento entre linhas 1,5. Citações com mais de 3 linhas—espaçamento entre linhas 1.
- **TÍTULO:** Além do título do artigo, deve incluir o nome e a universidade do autor.
- **EPÍGRAFE** ou citação inicial (se houver): alinhada à direita, seguida de uma linha em branco.
- **PARÁGRAFO NORMAL:** justificado, indentação: esquerda: 0 cm, direita: 0 cm, primeira linha: 0,7cm.
- **CITAÇÕES COM MAIS DE TRÊS LINHAS:** separadas do texto por uma linha em branco, indentação: esquerda e direita 1 cm.
- **ASPAS E PARÊNTESES:** Devem ser sempre usadas aspas rectas "" e não curvas como «» e "" e parênteses curvos (...) em vez de rectos [...], excepto na indicação da data da 1ª edição nas bibliografias.
- **NOTAS:** Devem ser usadas notas de rodapé e não notas no fim do artigo.
- **VÍRGULAS E PONTOS FINAIS NAS CITAÇÕES:** Devem ser incluídos depois das aspas. Dois pontos e ponto e vírgula também devem ser colocados depois das aspas.
- **NÚMERO SOBRE ELEVADO (SUPERSCRIPT) INDICATIVO DAS NOTAS:** deve ser colocado depois do ponto final ou vírgula, dois pontos ou ponto e vírgula.
- **USO DE MAIÚSCULAS NOS TÍTULOS:** Devem ser seguidas as normas internacionais, incluindo o uso de maiúscula na primeira palavra do subtítulo depois dos dois pontos. Exemplo: *As Humanidades e as Ciências: Dois Modos de Ver o Mundo*.
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:** Tanto no texto, como nas notas de rodapé assim como nas referências bibliográficas no final dos artigos, devem ser seguidas as normas internacionais de *The Chicago Manual Style*.
- **IMAGENS:** Se os autores incluírem nos seus textos ilustrações, tabelas ou longas citações que tenham sido previamente publicadas noutra local são responsáveis pela obtenção dos respectivos direitos de autor, devendo comprová-lo à Direcção.

CONSELHO EDITORIAL



Os Conselhos Editoriais são uma antiga tradição em todos os jornais. Actualmente, embora não detenham o poder decisório de outros tempos, têm ainda um papel importante nas análises críticas que fazem de todos os materiais, sendo de sua responsabilidade zelar pelo conteúdo científico e pela imagem das publicações.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é o sector responsável pela edição e publicação da Revista, que tem por objectivo ser um veículo de difusão científica semestral e interdisciplinar de artigos de autores da Sociedade Científica da Universidade Católica e de outras instituições académicas que queiram ter seus trabalhos publicados e difundidos no país e no estrangeiro. Tem também como objectivo contribuir para o conhecimento e desenvolvimento do pensamento crítico e da pesquisa. Uma das competências do Conselho é estabelecer a política editorial da publicação relativamente às suas diferentes Secções de Artigos, Recensões Críticas, Poesia e Cartas à Directora, colaborando, assim, directamente, com a Directora, que, por sua vez, articula com a Presidência da Sociedade, sendo a sua voz na revista.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é composto por três membros da Sociedade Científica, que são professoras da Universidade Católica e especialistas em diferentes áreas científicas. Na sua constituição, procurou-se a diversidade tanto nas áreas de ensino como nos níveis de senioridade.

COMPOSIÇÃO

O Conselho Editorial é constituído por professores doutorados que representam várias áreas do conhecimento e, actualmente, é composto pelos seguintes membros:

- Prof. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, Directora da *Gaudium Sciendi* e Investigadora Sénior do CECC.
- Prof. Doutora Ana Costa Lopes, Docente e Investigadora Sénior do CEPCEP e do CECC.
- Prof. Doutora Marília Lopes dos Santos, Docente e Investigadora Sénior de CECC.

COMPETÊNCIAS

O Conselho Editorial tem por finalidade principal viabilizar a publicação da revista electrónica *Gaudium Sciendi*, onde serão difundidos textos originais resultantes de actividades de investigação e ensino - produzidos prioritariamente por membros da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa - e cujo valor técnico, científico,

artístico e literário tenha sido assegurado pelo Conselho de Avaliação (*Blind Peer Review*) da revista. Além de promover e divulgar a produção científica multidisciplinar da comunidade universitária em que se integra, a revista edita também artigos de autores nacionais e estrangeiros de outras instituições, desde que se articulem com a sua política editorial. O Conselho deve igualmente ter o propósito de difundir novas ideias e, através do cuidado com o conteúdo e a técnica, apostar no desenvolvimento de um projecto editorial e de um *design* gráfico diferenciados, seguindo a tendência do actual mercado editorial universitário.

FUNCIONAMENTO

O Conselho Editorial reunirá, ordinariamente, de três em três meses, e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente da Sociedade Científica, pela Directora da revista ou pela maioria de seus membros.

EDIÇÃO DIGITAL

A edição digital da *Gaudium Sciendi* é da responsabilidade da Prof. Doutora Dália Guerreiro (Universidade de Évora).

CONSELHO CONSULTIVO



O Conselho Consultivo da *Gaudium Sciendi* é uma comissão externa permanente de aconselhamento científico que actua como órgão de consulta, apoio e participação na definição das linhas gerais de actuação da Directora da revista.

CONSTITUIÇÃO

O Conselho Consultivo é composto por académicos, investigadores e personalidades de reconhecido mérito e gabarito científico, tanto portugueses como estrangeiros, convidados pela Directora por serem especialistas nas matérias publicadas pela revista.

É uma honra e um aval científico para a *Gaudium Sciendi* que o seu Conselho Consultivo inclua nomes de académicos de tão grande prestígio internacional como os de:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), U K
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Ana Maria Monteiro Ferreira (Eastern Michigan University), EUA
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

DECISÕES

As decisões do Conselho Consultivo são tomadas por maioria simples e não são vinculativas.

CANDIDATURAS

Os candidatos a membros do Conselho Consultivo são propostos pela Directora da *Gaudium Sciendi* ao Presidente da Direcção da Sociedade Científica, a quem cabe aceitar ou recusar a candidatura.

CONSELHO DE AVALIAÇÃO

O êxito editorial da publicação depende da qualidade dos artigos publicados, que é, obviamente, assegurada pelos autores mas também pelo Conselho de Avaliação. Pertencendo, contudo, à Directora a última palavra no que se refere à edição pois é da sua responsabilidade assegurar a qualidade, a correcção e a variedade do conteúdo científico, que deverá, tanto quanto possível, ser interactivo.



Os textos enviados para a *Gaudium Sciendi*, desde que sejam adequados à linha editorial previamente estabelecida e não tenham sido publicados antes, serão avaliados pela Directora e revistos segundo o sistema de *Blind Peer Review* e submetidos, em regime de anonimato, ao parecer de especialistas da respectiva área científica, sendo o autor notificado da decisão do Conselho de Avaliação. O artigo não deverá conter qualquer indicação de autoria ou vínculo institucional, para que o material seja analisado de maneira absolutamente impessoal.

Nesse processo, os nomes dos avaliadores permanecem em sigilo, sendo também junto deles mantido o anonimato dos articulistas. Os dados relacionados à titulação, afiliação institucional e profissional devem ser inseridos apenas num dos exemplares enviados. Caso sejam necessárias informações adicionais que vinculem o texto ao autor, as mesmas serão mencionadas na versão final para publicação.

Dos pareceres emitidos, podem constar sugestões de alterações, acréscimos ou adaptações necessárias ao aprimoramento do texto examinado, a serem efectuadas com a concordância do autor. Após a aprovação dos textos, os autores são informados e feitos os necessários ajustes dos trabalhos de acordo com as normas de submissão de artigos da *Gaudium Sciendi*. Ao contrário do que sucede em algumas revistas universitárias, trata-se de um método de revisão que deve funcionar como um estímulo e não como um ataque e cujo objectivo principal é assegurar a qualidade e o mérito científico da publicação para benefício tantos dos leitores como dos autores.

A red, 3D-style arrow-shaped banner pointing to the right. The banner has a slight shadow and a white highlight on its top and bottom edges, giving it a sense of depth. The text "About us" is centered within the banner in a white, bold, sans-serif font.

About us

ABOUT US

CONTACTS

EDITOR: Maria Laura Bettencourt Pires

ADDRESS: *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Universidade Católica, Palma de Cima, 1649-023, Lisboa Portugal e-mail: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

Gaudium Sciendi is a bi-annual, open and free access online magazine published since 2012 by the Scientific Society of the Portuguese Catholic University. It has been conceived to be read online on a computer, a tablet or any other mobile device. The publication of *Gaudium Sciendi* on the Net reaches readers all over the world and creates new opportunities that include being accessible at any time and place, in Portuguese as well as in foreign libraries. It can also, if the reader prefers, be printed and read as a book.

OPEN ACCESS POLICY

The magazine offers freely to its readers the type of scientific information that gives them "the joy of knowing", as implicit in its title *Gaudium Sciendi* thus contributing to a better democratization of knowledge. Although following a policy of open access, the contacts of the authors will be kept private.

OBJECTIVES OF GAUDIUM SCIENDI

The editorial activity of the magazine follows principles aimed at assuring the freedom of initiative and cooperation and, therefore, *Gaudium Sciendi* accepts and encourages the collaboration of all the members of Sociedade Científica as well as of academics of UCP and other Portuguese and foreign institutions who are interested in research, tuition and culture, if they want to attain the same objectives and values, thus trying to motivate inter-institutional interchange.

Gaudium Sciendi follows an editorial policy that also aims at establishing contacts and providing occasions for meetings and debates of researchers, authors, students and readers, in the different moments of their scientific career and academic education. Another of its purposes is to promote opportunities for a critical reflection and for a dialogue about the themes presented in the magazine and to provide occasions for an intellectual debate and for academic cooperation, in an interdisciplinary perspective, that contribute to develop the formation and the interest for scientific research among its readers, primarily the younger ones. To attain this goal, it would be good to have regular contributions of the associates of all the different "Sections" of SCUCP. The magazine also gladly accepts collaborations of academics of other institutions, if they follow the directives of *Gaudium Sciendi* and the rules for the submission of articles. *Gaudium Sciendi* also wants to contribute to keep its readers – whether they are SCUCP associates or professors, actual or former students or researchers at Universidade Católica – connected to their *alma mater*. That connection can be made not only by regularly reading the magazine but also by sending articles or, in more intervening way, by writing more short texts to the Sections "Debate", "Letters to the Editor" and "Interviews".

The magazine also wants, within the scope of its possibilities, to contribute to publicly demonstrate, through all the collaborations that it gets, that all those who are connected either to the Sociedade Científica or to Universidade Católica are proud to belong to those institutions. By keeping our readers informed about the results of undergoing scientific research or about the professional success of former students or researchers as well as with the publication of texts, which are related with events organized by Sociedade

Científica and by Universidade Católica, *Gaudium Sciendi* also aims at contributing to demonstrate how both institutions are important in Portugal and abroad.

THEMATIC NUMBERS

Although one of the aims of *Gaudium Sciendi* is to publish of academic articles, whose themes are free, there are also some thematic numbers that focus a central topic, such as " The Linguistic-Cultural Transversability of the Bible" (January 2013), "The Law" (July 2013) and "The Concept of Soul – From Ancient Egypt to the World of Matrix" (June 2014).

INFORMATION FOR THE AUTHORS

We welcome contributions about a wide range of subjects from different research and scientific areas. The Editor is responsible for all the images included in the articles unless the authors have chosen the illustrations themselves and, in that case, it will be mentioned in a note.

BLIND PEER REVIEW

The articles will be anonymously submitted to blind peer-review by recognized scholarly experts on the theme.

SECTIONS

There are several sections in the magazine, such as the Editorial, Articles, Debates, Critical Reviews, Poetry, Interviews and Letters to the Editor.

RULES FOR PUBLICATION

1. The articles for publication, which must not have been previously printed, should be submitted to *Gaudium Sciendi*, the *on-line magazine* of Sociedade Científica, by e-mail to the following address: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt
2. The texts should include a footnote with a C. V. of the author of around 1720 characters including spaces.
3. The articles can be written either in Portuguese, English, French or Spanish.
4. The essays must include an abstract in Portuguese and in a foreign language with c. 2620 characters with spaces, followed by no more than five key-words.
5. The texts should not have more than 52.360 characters with spaces (20 pp. A4), including the abstracts, key-words and bibliography.
6. Book reviews should not have more than 7854 characters with spaces (3 pp. A4).
7. Format: Word or RTF, Size A4, font Calibri 12, Bold, justified, space between lines 1,5.
8. The authors should keep a duplicate of all the materials sent to *Gaudium Sciendi*.
9. Footnotes, bibliographical citations as well as bibliographical references at the end of the articles, should follow the international rules of *The Chicago Manual Style*.

EDITORIAL BOARD



Editorial Boards are a longstanding tradition in every newspaper. Nowadays, although they no longer have the deciding power they used to have, they still have an important role in the critical analysis they make of every material presented for publication, and it is their responsibility to watch over the scientific content and the public image of the publications.

The Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is responsible for the edition and the publication of the magazine, which is published twice a year and whose objective is to be a means of transmission of scientific interdisciplinary articles written by members of Sociedade Científica of Universidade Católica and of other academic institutions who want to have their work published and acknowledged at home and abroad. It also has the objective of contributing to the knowledge and the disclosure of critical reflections and research. One of the capacities of the Board is the establishment of the editorial policy of the magazine regarding its different Sections such as Articles, Book Reviews, Poetry, and Interviews and, thus directly collaborating with the Director, who, on the other hand, is the link with the President of the Society and represents him in the publication.

The recently created Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is composed by three members of Sociedade Científica, who are Professors at Universidade Católica Portuguesa and reknown scholars in different research areas. Both the diversity in the tuition fields and the levels of seniority were taken into account for the constitution of the Board.

ORGANIZATION

The Editorial Board is constituted by PhD Professors who represent several fields of knowledge and, nowadays, its members are:

- Professor Maria Laura Bettencourt Pires, Chief Editor of *Gaudium Sciendi* and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Ana Costa Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Portuguese Culture and of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Marília dos Santos Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.

DUTIES AND OBLIGATIONS

The main objective of the Editorial Board is to assure the publication of the on-line magazine *Gaudium Sciendi*, thus making known original texts that result both from teaching and research activities and are mainly produced by members of Sociedade Científica of Universidade Católica Portuguesa – once their technical, scientific, artistic and literary value have been assured by the *Blind Peer Review*. Besides promoting and publicizing the multidisciplinary scientific production of the academic community in which it is integrated, the magazine also publishes articles written by Portuguese and foreign authors from other institutions, if they follow the editorial policy. The Board must also aim at diffusing new ideas and - due to its care for the content and technological aspects – contributing to the development of an editorial project and search for a graphical *design* that is distinct from others, thus following the tendencies of our days academic editorial market.

MEETINGS

The Editorial Board will meet, as a rule, every three months and extraordinarily, whenever convoked by the President of Sociedade Científica, by the Director of the magazine or by the majority of its members.

DIGITAL EDITION

Prof. Dália Guerreiro (University of Évora) is responsible for the digital edition of *Gaudium Sciendi*.

ADVISORY BOARD

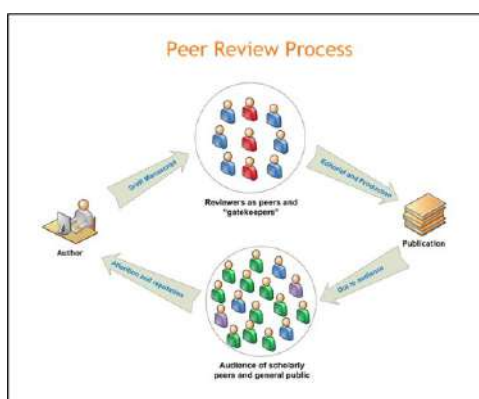
The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is an external permanent committee that gives scientific advice and support to the Director and participates in the definition of general editorial directives. It is constituted by Portuguese and international academics, researchers and other personalities, who, being well known for their merit and scientific level, are considered experts on the topics published by *Gaudium Sciendi*. The members of the Board are invited by the Director who proposes their names to the President of the Society. The decisions of the Advisory Board are not mandatory.

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is currently constituted by:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), U K
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Ana Maria Monteiro Ferreira (Eastern Michigan University), EUA
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

BLIND PEER REVIEW

The editorial success of the magazine depends on the scientific quality of the articles, which is, obviously assured by the authors but it also depends on the Blind Peer Review Process of evaluation. The Editor, being responsible for the quality, the correction and the variety of the scientific material published in the magazine, has, however, the last word.



The texts sent to *Gaudium Sciendi*, which should not have been published previously, will be evaluated by the Editor and then reviewed according to the *Blind Peer Review Process*. The names of the members of the Blind Peer Review Board as well as those of the authors whose texts they evaluate are kept secret. The writers will be informed of the evaluation of their texts and also of any required correction.